

Coleção
Reduções Missioneiras

São João Batista

Foto: Marcos Demeneghi





Grande Projeto Missões



A logomarca do Grande Projeto Missões é uma criação voluntária do arquiteto: klaus Bohne

Até 2030 o “Grande Projeto Missões” pretende gerar engajamento em torno das pautas do turismo missioneiro e fortalecer o setor na perspectiva regional. O projeto prevê o estímulo ao desenvolvimento de ações que beneficiem turistas, setor público e privado e se apoia em grupos interdisciplinares focados na preservação do patrimônio histórico, cultural e arqueológico da região missioneira. A colaboração e o trabalho em rede deste grupo é considerado um caminho viável para compor um plano de desenvolvimento regional com base no Turismo Missioneiro

O “Grande Projeto Missões” estimula o debate permanente em torno do tema “Missões Jesuíticas”. Nesse diálogo interagem pessoas de diversas áreas do conhecimento, arqueologia, cartografia, história, geografia, comunicação, administração, política, educação, entre outros. As trocas de informações fomentam pesquisas, visitas, análises de dados históricos e a organização de materiais informativos e este guia está em função da proposta.

O Coordenador do Grande Projeto Missões é o engenheiro Alvaro Medeiros de Farias Theisen, natural de Santo Ânge-

lo e residente em Porto Alegre, mas que mantém vínculos com várias pessoas de identidade missioneira.

No diálogo com outras pessoas, Álvaro percebeu a necessidade de usar a sua experiência profissional acumulada em inovação, gestão de projetos e articulação institucional para auxiliar a Região Missioneira no desenvolvimento da sua história, principalmente como indutora do turismo.

“O Grande Projeto Missões nasceu para sistematizar as ideias e os sonhos relatados por dezenas de pessoas que foram entrevistadas por mim ao longo

de um ano. Não havia um projeto que contemplasse os anseios dos moradores, percebi então, que posso contribuir com minha experiência profissional, baseada em desenvolvimento de projetos. Por esse motivo, estou trabalhando para colocar as ideias e sonhos dos missioneiros no papel”, revelou Álvaro ao falar como surgiu o Grande Projeto Missões.

O Grande projeto Missões prevê o estímulo ao ensino do tema missões jesuítico-guarani nas escolas da região. Esta pauta visa assegurar que as futuras gerações possam preservar os patrimônios arqueológicos por conhecer o valor histórico que possuem.

Outra iniciativa considerada importante pela coordenação do Grande Projeto Missões é a continuidade das ações do Iphan. Principalmente aquelas referentes a restauração e conservação dos quatro sítios arqueológicos que compõe o PHNM – Parque Histórico Nacional das Missões, que tem o objetivo de desenvolver escavações arqueológicas em uma magnitude nunca realizada nas Missões, conforme relatou o coordenador do projeto, estas obras de arqueologia são fundamentais para o regaste do patrimônio que hoje se encontra enterrado, dentro do mato ou caído, como é o caso de São João Batista e São Lourenço, onde quase 80% das estruturas estão nestas condições.

Sobre o Guia do Sítio Arqueológico de São João Batista

RESPONSÁVEL PELA ORGANIZAÇÃO E COMPILAÇÃO

DAS INFORMAÇÕES - Álvaro Medeiros de Farias Theisen | Críticas, sugestões e parcerias, contate: alvarotheisen@gmail.com

EDITORAÇÃO GRÁFICA E DIAGRAMAÇÃO - Marcos Demeneghi (jornalista) - fone (55) 98154.6697 - e-mail: marcosdemeneghi@gmail.com

AUTORES QUE CONTRIBUÍRAM COM A SUBMISSÃO

DE ARTIGOS - José Roberto Oliveira, Álvaro Theisen, Paulo José Bender Leal, Paulo Meneghine, A. Brilhante Wolle (UFSM), Pedro Marques dos Santos, Odair Fantini, Ana Luiza Jaskulsk, Mário Simon e Artur H. Barcelos.

FOTOGRAFIAS - Álvaro Theisen, Marcos Demeneghi, Paulo José Bender Leal, Portal das Missões, Rafael Guimaraes, Michael Runkel e Cátia Martins

CONTATOS - O telefone do escritório do IPHAN em São Miguel - (55) 3381-1399 | E-mail: IPHAN Missões: parque.missoes@iphan.gov.br | Secretaria de Turismo de Entre-Ijuis | R. Francisco Richter,

601 - Centro - (55) 3329-2750

APOIO CULTURAL - AMM - ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DAS MISSÕES, PREFEITURA DE ENTRE-IJUIS E ASSOCIAÇÃO AMIGOS DAS MISSÕES

OBS.: Este material é colaborativo e compilado a partir de publicações acadêmicas, livros, fotos e informações disponíveis na internet e de domínio público. A omissão de alguma referência aos autores não é intencional e caso tenha ocorrida foi por total falta da informação disponível na fonte onde a mesma foi obtida.

Coleção Reduções Missioneiras

Volume 1 – São Lourenço Mártir

Volume 2 – São João Batista

Volume 3 – São Miguel das Missões (no prelo)

Volume 4 – São Nicolau (no prelo)



Para ver além das paredes de pedras



Álvaro Medeiros de Farias Theisen
Engenheiro, missioneiro, Coordenador do Grande Projeto Missões

Como é possível um lugar de tão relevante histórica, palco de grandes feitos estar tão esquecido?

Visitar o Sítio Arqueológico de São João Batista sem o conhecimento da história das Missões, não permite dimensionar a grandiosidade e a genialidade do líder que aqui viveu. Ao entrar no sítio, nossos pés estarão no mesmo lugar onde Padre Sepp, conhecido como o ‘gênio das reduções’, realizou as suas maiores obras, feitos que repercutiram significativamente na estrutura da organização das reduções. Portanto, trata-se de um lugar especial e não de um sítio arqueológico ordinário, como os demais.

Juntamente com este guia, entregamos a comunidade missionária, um resgate da rica história vivenciada neste lugar, tombado pelo Iphan e integrante do Parque Histórico Nacional das Missões, espaço que guarda uma rica história de 400 anos.

Infelizmente há poucos registros e documentos disponíveis para os

turistas, este material, certamente qualificará significativamente a visita, pois permite o entendimento mais completo do que está sob seus olhos. Sem essas informações não será possível perceber além das paredes de pedras.

Já visitei muitas vezes este sítio que ficava originalmente, antes das emancipações, na minha cidade natal (Santo Ângelo) e cada vez que, ali estou, percebo novas abordagens, olhares e aprendo mais. Muitas narrativas ouvi, contadas por pessoas que viveram próximas das “ruínas”, porém, eram informações fragmentadas e insuficientes para compreender o significado daquilo tudo, para saber como aqueles episódios estavam relacionados à história do nosso País e de toda a América do Sul. Enfim, descobri que ali, povos vivenciaram uma das melhores experiências embasadas no verdadeiro Cristianismo, e como cristão que sou, foi uma constatação reveladora.

Imagino que a desconexão histórica que havia em minha mente,

também ocorra com outros moradores da região e com turistas que visitam São João Batista. Isso sempre me incomodou, mas nunca achei que fosse meu papel, ou que tivesse capacidade para mudar este cenário, pois percebo uma espécie de abandono e pouca divulgação, consequentemente, a população do Rio Grande do Sul desconhece a própria história.

Este desconforto foi tomando forma de inquietação e a necessidade de agir foi se tornando cada vez mais premente. Era preciso fazer algo e resgatar uma dívida com aqueles missionários que construíram naquele lugar “um algo diferenciado” que não pode ficar absorvido pelo mato e escondido das pessoas.

O meu desconhecimento sobre o assunto desafiou ainda mais a buscar, a conversar com os especialistas e pessoas que já haviam trabalhado para a preservação deste importante patrimônio. Para minha grata surpresa, muitas das necessidades que identifiquei já estavam

endereçadas, mas ainda sem previsão de execução por questões orçamentárias e por falta de projetos específicos. Obviamente, muitas coisas importantes se elencaram como necessidades para a requalificação do sítio arqueológico no sentido de transformá-lo em uma atração turística capaz de justificar a vinda de turistas com o mínimo de segurança e conforto necessário.

Obviamente, haviam prioridades e uma sequência lógica de eventos era imperativa. Assim nasceu o esforço pela busca dos recursos financeiros para o asfaltamento do acesso ao sítio arqueológico considerado o principal obstáculo na atração dos turistas. Sucesso atingido graças ao apoio em Brasília do deputado Ubiratan Sander son e do Senador Luiz Carlos Heinze, ambos missioneiros.

A segunda grande demanda é a requalificação do sítio arqueoló-

gico com trabalhos de arquitetura, arqueologia e engenharia que estão sendo gestados junto ao Iphan, que é o responsável legal pelo sítio arqueológico. Este é um trabalho imperioso pois até hoje poucos trabalhos de vulto foram realizados no sítio de São João Batista, apesar dos esforços dos arqueólogos que por lá passaram, ainda há muito potencial “enterrado” para ser apresentado ao público.

Nesta sequência de eventos, o que estava faltando era a disponibilização de informações qualificadas aos turistas, algo que auxiliasse na significação histórica do sítio arqueológico de São João Batista, um guia que permitisse entender as estruturas que lá existem. Pensando em fornecer suporte e informação aos visitantes, fui motivado a fazer este compêndio dos conteúdos disponíveis na internet e livros publicados na esperança que, na posse destes conhecimentos, o

turista possa ter uma experiência mais qualificada ao visitar o local, de modo que, consiga ampliar a percepção para além das paredes de pedra.

Desta forma, e na esperança de contribuir para a criação de um novo momento para a valorização do patrimônio que existe no sítio de São João Batista, que estou oferecendo este apoio àqueles que desejam visitar este importante lugar das Missões Jesuítico Guarani no Brasil. Esta não é uma iniciativa isolada, mas está compreendida dentro do que chamamos de “Grande Projeto Missões”. É um esforço que visa desenvolver o turismo relacionado ao tema Missões Jesuítico Guarani. Uma iniciativa que é sustentada por voluntários e entusiastas sobre este tema. São pessoas atuantes nas mais diferentes áreas do conhecimento e unidos estão construindo e transformando a região Missioneira.

Foto - Marcos Demeneghi



Remanescentes da edificação da igreja da Redução de São João Batista



Índice

- **O Portão de Entrada das Missões**
Página 06
- **Conheça o Sítio Arqueológico de São João Batista**
Página 07
- Informações para visitaçã**
Páginas 08 - 10
- **Reduções**
Página 07
- **Informações úteis**
Página 08
- **Reduções Jesuíticas**
Páginas 10 - 11
- São João Batista – A sexta da banda oriental**
Páginas 12 - 13
- **A fundação de São João Batista - Desenho de Simancas**
Páginas 14 - 15
- **A importância das Missões para a Humanidade**
Páginas 16 - 19
- **Povos missioneiros no Rio Grande do Sul**
Página 20
- **Companhia de Jesus e as Missões e Cronologia da história das Missões**
Páginas 21 - 25
- **O Mbyá e o Juruá**
Páginas 26 - 27
- **O abambaé e o tupambaé**
Páginas 28 - 31
- **Padre Sepp: 'O gênio das reduções'**
Páginas 32 - 36
- **O Cristianismo Feliz dos Jesuítas na América**
Páginas 37 - 45



Monumento que representa o processo desenvolvido pelo padre Sepp

- **Monumento Pe. Antônio Sepp**
Páginas 46 - 47
- **Von Admovich**
Páginas 48 - 49
- **A arte entalhada na redução**
Páginas 50 - 51
- **Quem foi São João Batista**
Páginas 52 - 53
- **Santuário N. Sra. de Altötting**
Páginas 54 - 55
- Guia de visitaçã**
- **Guia de orientação na planta**
Páginas 56 - 57



do guia

Foto: Marcos Demeneghi



para a fundição de ferro - Obra elaborada pelo escultor Von Adamovich

- **Trilha eco-cultural**

Páginas 60 - 65

- **O povoado e suas estruturas**

Página 66

As instalações e suas funções

- **Igreja**

Páginas 68 - 72

- **Fachada | Torre | Escadaria**

Página 73

- **Praça**

Páginas 74 - 75

- **Cabildo**

Páginas 76 - 77

- **Relógio | Alpendres | Arquitetura Germânica nas Missões**

Páginas 78 - 79

- **Residência dos padres**

Páginas 80 - 81

- **Relógio de sol**

Página 82

- **Oficinas**

Página 83

- **Quinta**

Páginas 84 - 85

- **O cemitério**

Páginas 86 - 87

- **Cotiguaçu**

Página 88

- **Casa dos índios**

Páginas 89 - 90

- **Casa de material missioneiro**

Página 91

- **Forno e fundição**

Páginas 92 - 99

- **Musicalidade**

Página 100

- **O gado missioneiro**

Página 101

- **Viajantes descrevem S. João Batista**

Páginas 102 - 104

- **Inventário de São João Batista**

Página 105

- **Distribuição do trabalho nas reduções**

Página 106

- **Trabalho de arqueologia no sítio**

Página 108

- **O guardião do sítio de São João**

Página 109

- **Símbolos missioneiros: A cruz**

Páginas 110 - 117

- **Seleção de atrativos missioneiros**

Páginas 94 - 95



José Paulo Meneghini

O portão de entrada das Missões

“Gosto de usar o ditado antigo, mas ao mesmo tempo atual - ‘Uma andorinha só, não faz verão’ - pois acredito que devemos buscar sempre unir os esforços de todos os entreijuienses, para que juntos tenhamos um município cada vez melhor de se viver”

José Paulo Meneghini - Prefeito de Entre-Ijuís (gestão 2021-2024)

Entre-Ijuís compõe a Região Missionária e possui uma grandiosa história. Aqui em nosso município foi fundada a 6ª Redução Jesuítica Guarani das Missões, denominada São João Batista e não é à toa que requisita o título de “Portal das Missões”.

No passado, foi ponto de descanso para carreteiros e tropeiros, inclusive considerado capital das ferrarias. O nome do município, “Entre-Ijuís”, é uma referência a localização, pois está entre os rios Ijuí e Ijuzinho.

Quando aqui se consolidou a Redução de São João Batista foram realizadas as primeiras experiências com ferro e aço do sul da América, conquista que causou uma revolução na época.

Portanto, Entre-Ijuís faz parte da região das Missões e está inserida em vários destinos turísticos como a Rota Missões, Caminho das Missões - roteiro de peregrinação místico/cultura do Brasil -. Itinerários que percorrem as antigas estradas e trilhas missionárias que ligavam os Sete Povos da Missões e roteiros que integram as antigas reduções Jesuíticas Guarani do Brasil, Argentina e Paraguai (Rota Iguassu Misio-

nes, Ruta Jesuítica).

O município conta ainda com outros pontos turísticos, destacando-se o Parque das Fontes, (lugar de lazer e recreação) onde é realizada anualmente o grande evento cultural, o “Acampamento da Poesia”. Neste acampamento realizado na última lua cheia do mês de outubro, reúnem-se, não só escritores locais, como também de outras regiões do estado e de países vizinhos.

Possuímos aqui, a Capela Nossa Senhora de Altoetting, replica da existente em Altoetting na Alemanha, construída em homenagem ao fundador da redução Pe. Antonio Sepp devido a grande devoção que tinha pela “Mãe Morena”. Outra parada obrigatória para os turistas é a Vinicola Fin, empresa familiar com produção própria de uvas e vinhos, a ponte de ferro, edificação construída na década de 30 e toda estruturada em ferro -, outro local de lazer e aventura é a O2 Eco Esporte, situada em uma área de 2,5 hectares, com estrutura montada para a realização de atividades de aventura na natureza.

Outro evento que merece destaque é o Gaitaço, no mês de abril

reúnem-se gaiteiros do município, da região e de diversos estados para um evento que ganha destaque e já se tornou tradicional em Entre-Ijuís.

Nosso município tem um povo hospitaleiro e acolhedor, compreendendo que o Grande Projeto Missões deve fortalecer ainda mais o potencial turístico de Entre-Ijuís. Sabemos que muito foi feito até aqui, mas é preciso avançar ainda mais, seja na melhoria do acesso aos pontos turísticos, quanto do ponto de vista da divulgação da cidade com as suas riquezas culturais, turísticas, culinárias e valorização de nossas belezas naturais.

Por isso, acredito que a proposta do Grande Projeto Missões vai ajudar a dar visibilidade ao que tem sido feito, bem como, auxiliar a projetar Entre-Ijuís para um futuro ainda mais promissor em relação ao seu potencial turístico.

Entre-Ijuís, hoje é o resultado da união de esforços desde seus antigos moradores e lideranças da comunidade, chegando ao que hoje é, uma terra pujante, alicerçados na fé cristã e nos ideais missionários.

Conheça o sítio arqueológico de São João Batista

Grupo de turistas em visita ao sítio arqueológico de São João Batista

O Sítio Arqueológico de São João Batista foi declarado, juntamente com o Sítio de São Lourenço Mártir e São Nicolau, patrimônio histórico e artístico nacional no ano de 1970. São Miguel das Missões já estava reconhecido desde o ano de 1938. Juntos, compõe o Parque Histórico Nacional das Missões (RS), preservado pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O sítio de São João Batista está localizado no município de Entre-Ijuís, assim como os demais sítios, cumpre o ob-

jetivo de conservar os remanescentes arqueológicos, mas também, promover bens de natureza imaterial, como os saberes locais e as formas de expressão de seu povo.

“As pedras, as peças arqueológicas, o solo ondulado que revela as marcas das casas indígenas, as ruínas da igreja, e outras edificações da antiga redução são vestígios que nos permitem conhecer e imaginar o cotidiano missioneiro”.

No contexto do segundo ciclo das Missões Jesuíticas (1682:1768), São João Ba-

tista é um dos Sete Povos das Missões, a sexta redução jesuítica fundada pelo padre Antônio Sepp no lado oriental do Rio Uruguai, hoje território gaúcho e brasileiro.

Uma das curiosidades do sítio é a presença das bases do alto forno e escórias de minério de ferro. Vestígios que indicam a presença de uma fundição de ferro, que teria inaugurado a metalurgia nas Missões e na América. Este marco histórico está representado por um monumento encontrado logo na entrada da redução.



Sítio Arqueológico de São João Batista

Foto: Marcos Demeneghi



Igreja de São João Batista (aberturas laterais)

Horário de visitação

DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO

Manhã - 9h às 12h

Tarde - 14h às 18h

DURANTE O HORÁRIO DE VERÃO

Manhã - 9h às 12h

Tarde - 14h às 20h

Como chegar

O sítio está localizado em Entre-Ijuís, município 450 quilômetros distante da Capital Porto Alegre, RS. Mas existem voos diretos entre Porto Alegre e Santo Ângelo e o restante do trajeto pode ser feito pela BR 285. Do Aeroporto Regional Sepé Tiarajú até o destino final são mais 30 quilômetros, destes, 6,5 km de estrada municipal não asfaltada (o asfaltamento deste trecho está em andamento com previsão de conclusão para o segundo semestre de 2022)

Informações úteis

Acesso

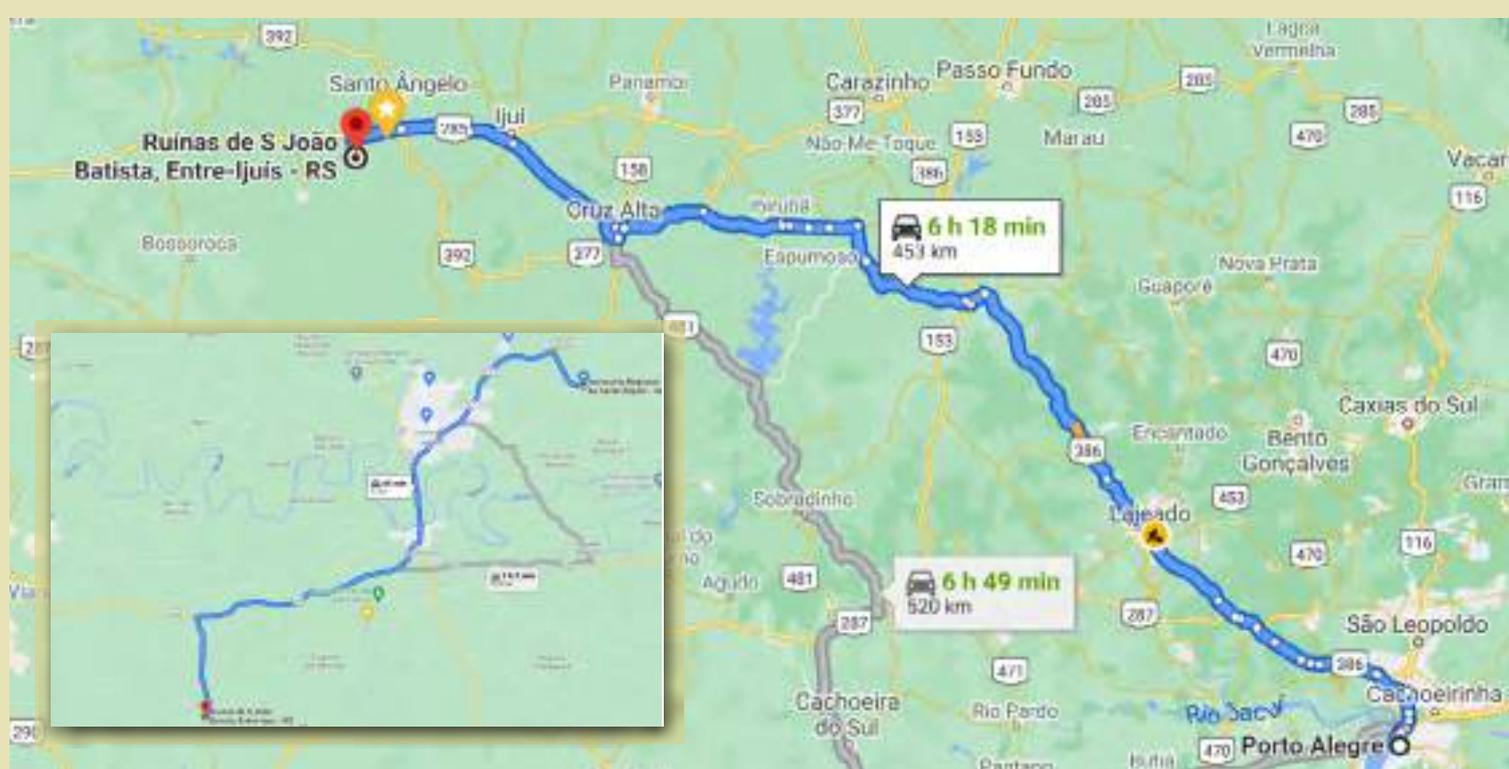
Não há cobrança de ingressos para acessar e o visitante deve considerar que não há acessibilidade para pessoas com necessidades especiais. Mais informações: (55) 3329-2750 / (55) 3329-2767 E-mail: turismo@pmei.rs.gov.br

Local para refeições

É importante lembrar que não há no lugar nenhum restaurante ou bar que possa prover alimentação ou bebidas, assim é fundamental que isso seja considerado no seu planejamento da visitação.

Escritório do IPHAN

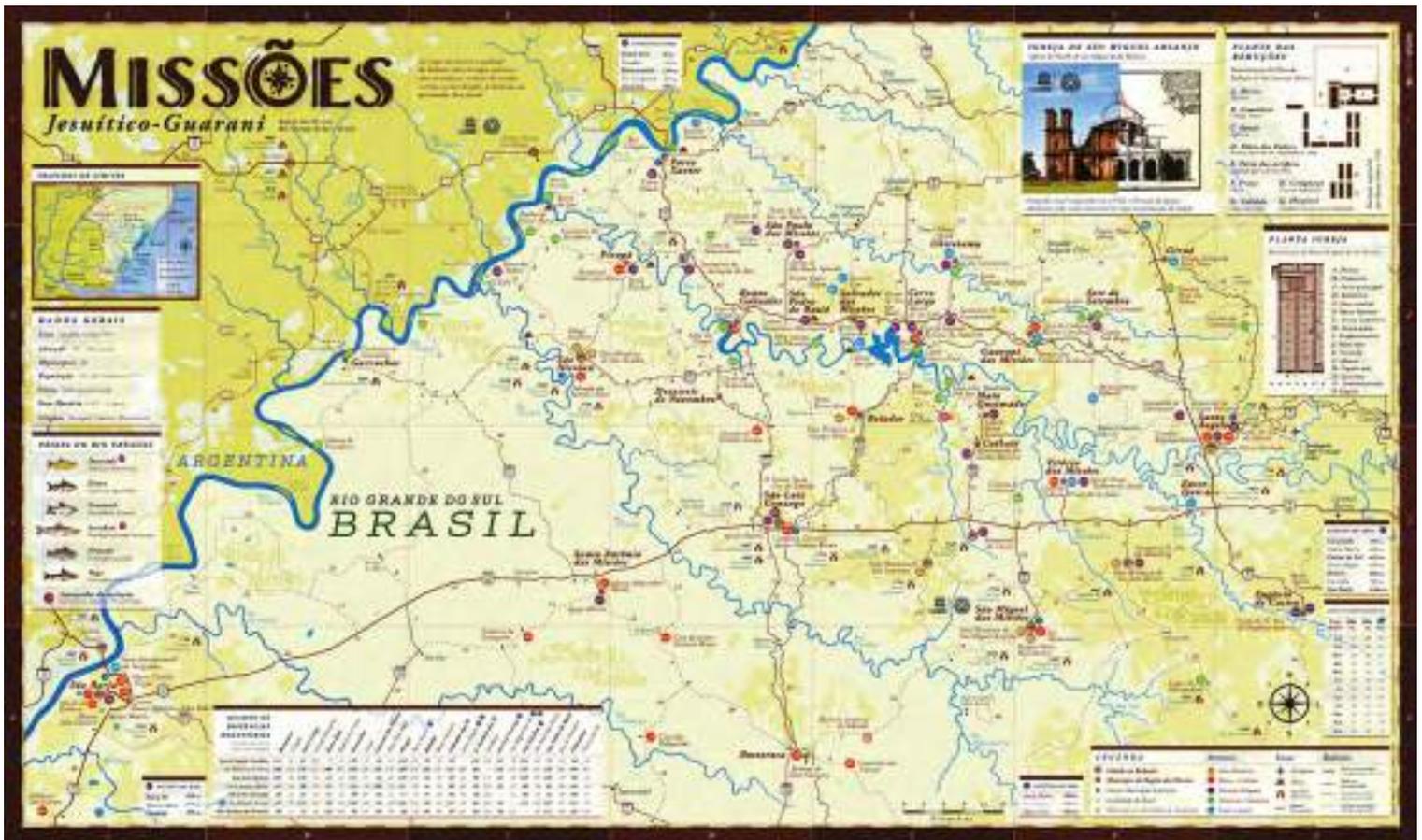
O telefone do escritório do IPHAN em São Miguel - (55) 3381-1399. E-mail: IPHAN Missões: parque.missoes@iphan.gov.br



Sugestão de trajeto de Porto Alegre até o Sítio Arqueológico de São João Batista - Mapa gerado automaticamente como Google Maps

Informações úteis

Sítio arqueológico de São João Batista

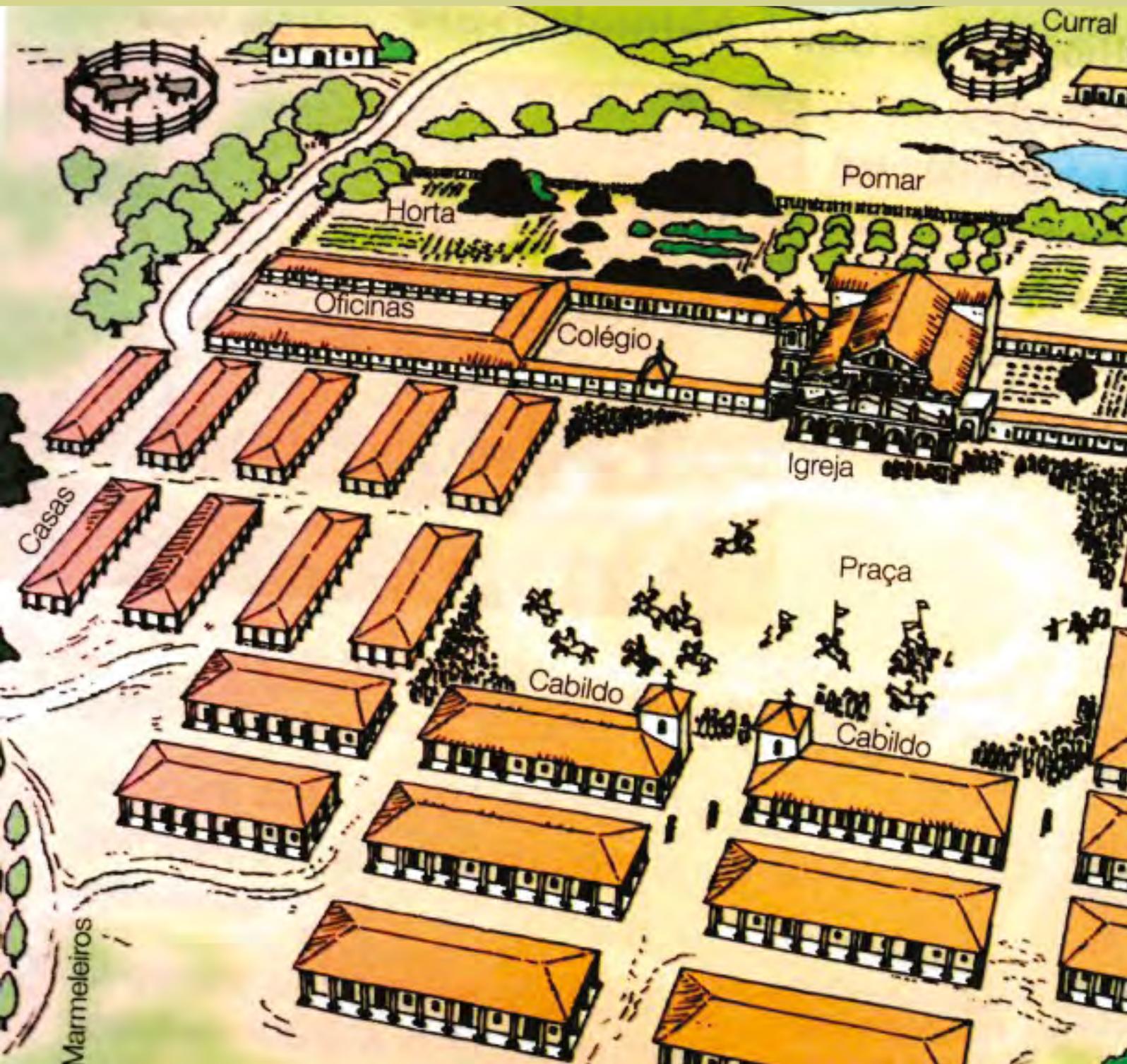


Mapa informativo elaborado para a Associação dos Municípios das Missões - AMM | Produção da 55Design Stúdio (2019)



Sugestão de trajeto que parte de Entre-Ijuís até o Sítio de São João Batista - (No detalhe: Caminho que liga a BR - 285 ao sítio)

Reduções



Na ilustração em destaque a casa dos padres e o cemitério estão em posição oposta ao verificado no sítio de São João Batista

O termo redução, nesse contexto, não tem o sentido de “diminuir”, mas de “redirecionar” (em latim: reductio) as populações nativas da América ao Cristianismo (cf. Paim, Zélia Maria Viana, “Urbanidade nas reduções jesuíticas”, pp. 306, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, ISSN 1517-7238, Obra “Estudos de Linguagem e Cultura”).



Redução, segundo alguns historiadores, está associado à ideia de “reconduzir” o pagão ao caminho do cristianismo e da salvação. A etimologia da palavra, de acordo com o dicionário Antônio Houaiss, é latina reductio, ónis ação de tornar a trazer. Assim são definidas por Montoya (1996): llamamos reducciones a los pueblos de los indios, que viviendo a su antigua usanza en montes, sierras y valles, en escondidos arroyos, en tres, cuatro o seis casas solas, separados a legua, dos, tres y más unos de otros, los redujo la diligencia de los padres a poblaciones grandes y a vida política y humana (MONTROYA, 1996, p. 58).

As missões jesuíticas na América, também chamadas de reduções, foram os aldeamentos indígenas organizados e administrados pelos padres jesuítas no Novo Mundo, como parte de sua obra de cunho civilizador e evangelizador. O objetivo principal das missões jesuíticas foi o de criar uma sociedade com os benefícios e qualidades da sociedade cristã europeia, mas isenta dos seus vícios e maldades. Essas missões foram fundadas pelos jesuítas em toda a América colonial e, segundo Manuel Marzal, sintetizando a visão de outros estudiosos, constituem uma das mais notáveis utopias da história.

Para conseguirem seu objetivo, os jesuítas desenvolveram técnicas de contato e atração dos índios e logo aprenderam suas línguas e, a partir disso, os reuniram em povoados que, por vezes, abrigaram milhares de indivíduos. Eram, em larga medida, autossuficientes, dispunham de uma completa infraestrutura administrativa, econômica e cultural que funcionava num regime comunitário, onde os nativos foram educados na fé cristã e ensinados a criar arte às vezes com elevado grau de sofisticação, mas sempre em moldes europeus.

O sistema missionário buscou introduzir o cristianismo e um modo de vida europeizado, integrando, porém, vários dos valores culturais dos próprios índios, e estava baseado no respeito à sua pessoa e às suas tradições grupais, até onde estas não entrassem em conflito direto com os conceitos básicos na nova fé e da justiça. O mérito e a extensão do sucesso dessa tentativa têm sido objeto de muito debate entre os historiadores, mas o fato é que foi de importância central para a primeira organização do território e para o lançamento das fundações da sociedade americana como hoje ela é conhecida.

Vários monumentos missionários são hoje Patrimônio Mundial.

São João Batista – A sexta da banda oriental

A Redução de São João Batista foi a sexta redução estabelecida no atual território Brasileiro durante a segunda fase das Missões Jesuíticas. O sítio arqueológico onde estão os vestígios das edificações foi declarado patrimônio nacional em 1970 juntamente com os sítios de São Lourenço Mártir e São Nicolau. Hoje integra o Parque Histórico Nacional das Missões, complexo administrado pelo Iphan

A Redução Jesuítica de São João Batista é reconhecida como um dos Sete Povos Missionários. Podem ser definidas como comunidades indígenas organizadas por Padres espanhóis e Jesuítas da Companhia de Jesus que foram caracterizadas por um sistema específico de organização social. Estes povoados se utilizavam de um sistema de arquitetura próprio e padronizado, desenvolveram produção artística, agrícola, pecuária, indústria metalúrgica e durante os anos de 1682 e 1768 se estabeleceram em território localizado na banda oriental do Rio Uruguai. De acordo com a data de fundação de São João Batista (1697), pode ser considerada a sexta redução estabelecida neste contexto,

que considera o atual território do Rio Grande do Sul e Brasileiro.

Esta sequência de fundações pertenceu a um período histórico que estudiosos do tema definem como segunda fase da atuação da Companhia de Jesus no que hoje compreende o território do Rio Grande do Sul.

A primeira redução (dos sete povos) fundada nesse período foi São Francisco de Borgia, no local onde é atualmente o município de São Borja. Posteriormente veio São Luiz Gonzaga, São Miguel Arcanjo, São Nicolau, São Lourenço Mártir, São João Batista e por fim, Santo Ângelo Custódio.



A Nação Missionária

Ao todo, a região missioneira ao sul da América Latina foi composta de trinta reduções distribuídas entre o Paraguai (8), Argentina (15) e Brasil (7), além das Vacarias, locais onde o gado era criado selvagem sem interferências (como reserva para abastecimento), e as estâncias, onde era feito o constante manejo e aparte do rebanho bovino.

Este conjunto de influência missioneira desenvolveu-se na área denominada como a “antiga Província Jesuítica do Paraguai”, com mais de 700.000 km² formados pelas missões de Itatim, Guairá, Paraguai e Uruguai (Tape), em terras pertencentes atualmente à Bolívia, Paraguai, Argentina, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.



A Fundação de São João Batista

Por - Artur H. F. Barcelos

Em 1697, a Redução de São Miguel Arcanjo, fundada 7 anos antes, encontrava-se diante de um crescimento populacional positivo e do conseqüente problema de solos aráveis e pastagens necessárias à sua manutenção. A solução apontada foi a do desdobramento do povoado, transmigrando parte da população para uma outra área, liberando assim espaço e recursos. A procura de um novo local foi dirigida para o norte, visando ampliar o território de ocupação das Missões e inibir a penetração portuguesa.

Os textos de Antonio Sepp constituem um relato único deste proces-

so de fundação de uma Redução. Assim, recomendamos a leitura do Livro “Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos” do próprio Padre Antonio Sepp.

O padre Sepp convenceu 21 caciques e suas 750 famílias a se associarem nesta transmigração. No dia 13 de setembro de 1697 ele partiu com dois padres da Redução de São Lourenço para explorar as terras. É possível que a contribuição dos guaranis na escolha do local tenha sido relevante, dado o conhecimento que possuíam da região e as expectativas em relação ao novo assentamento.

Descrição do local feita pelo padre Sepp

“Depois de termos andado por um dia inteiro, afinal, ao entardecer, se abriu suavemente a terra, em leve declive ao pé de um outeiro cercado de ameníssimos bosques. Nestes, abundava a madeira, necessária não só para o combustível, como também para construir as casas dos índios, a igreja e a minha moradia. Explorar o sítio era tão necessário a nós como todos os de Europa. Inquiriam bem a situação do lugar, se era palustre, arenoso, etc.; a que ventos estava exposto, se rodeados de montes e bosques, se irrigado por riachos e rios aprazíveis; além disso a abundância de águas e fontes, a salubridade, claridade; cópia de pedras e rochas para fender, ou a falta delas; a qualidade do solo e da argila para fabrico de telhas e tijolos, e mil outras coisas necessárias para fundar uma aldeia ou uma povoação.”

A Fundação de São João Batista

Artur H. F. Barcelos

A primeira etapa da implantação da redução foi a preparação das lavouras para assegurar o sustento da população e somente quando as mesmas estivessem implantadas é que seria possível transmigrar as mulheres e crianças. Para completar a implantação da nova Redução eles receberam ajuda das reduções de Santa Maria, Mártires do Japão, Japeju entre outras que auxiliaram a construção inicial com mão de obra, materiais, animais e sementes.

Houve quatro etapas na fundação de São João. Na primeira havia sido cultivado os campos, construído as casas provisórias, uma capela de palha e uma casa para o padre. Na segunda a capela foi substituída pela igreja de pedra e de madeira de cedro, mas ainda com teto de palha. Se construiu o colégio e as casas

dos índios foram solidificadas. Já funcionava o forno de ladrilhos e telhas e a fundição de ferro.

Nesta época Sepp foi designado para assumir as duas Reduções de São Miguel e São João. Isto fez que não pudesse dedicar-se integralmente a consolidação de São João. No final desta segunda etapa Sepp promoveu a mudança das mulheres e crianças de São Miguel para São João. A terceira etapa começa quando Sepp assume definitivamente apenas São João. Promoveu a cobertura de telhas em todas as construções e também os adornos para o templo e coordenou a construção da capela do cemitério. A quarta etapa é dedicada à instalação das oficinas, formação dos grêmios de artesanato e instituição da administração indígena com a eleição do Cabildo.

Etapas da construção da Redução de São João

1ª	Preparo das lavouras, construção casas provisórias e capela de palha
2ª	Igreja de pedra e madeira de cedro / fornos para olarias Vinda das mulheres e crianças
3ª	Uso de telhas nas construções
4ª	Instalação das oficinas e instituição do Cabildo

Resumo da origem do Povo de São João

1632	Redução de São Miguel (próximo ao Rio Ibicuí) fundado em 1632	Êxodo em 1638
1638	Construção de nova redução logo acima de Concepcion entre o rio Uruguai e o rio Paraná	
1687	Fundação de São Miguel (lado esquerdo do rio Uruguai)	Atual São Miguel das Missões
1697	Desmembramento para fundar São João Batista	

Foto: Marcos Demeneghi



Ângulo na perspectiva de visão do interior da antiga Igreja de São João Batista

Desenho da Redução de São João Batista feito em 1753 e encontrado no Arquivo de Simancas (Espanha)





Guia histórico

Por - José Roberto Oliveira

A importância das Missões para a Humanidade

A principal experiência espanhola em território brasileiro é uma das mais emocionantes histórias da humanidade ocorridas nas fronteiras do atual MERCOSUL. Área hoje formada pelas divisas do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Entre os anos 1609 e 1768 Padres Jesuítas e índios Guaranis construíram um novo caminho para a humanidade.



José Roberto Oliveira

Inicialmente os padres Jesuítas fundaram sua 'Província Modelo' com cerca de 30 Reduções nas Regiões do Tape (RS), Itatim (MS) e Guairá (PR), as quais foram atacadas pelos bandeirantes na tentativa de levar os índios como escravos, sendo que milhares deles acabaram nas lavouras de São Paulo.

IMPORTÂNCIA PARA O RIO GRANDE DO SUL

Foi entre no ano de 1634 que o gado foi introduzido do lado esquerdo do rio Uruguai pelo fundador da Redução de São Miguel Arcanjo, Padre Jesuíta Cristóvão de Mendoza, responsável pelo desenvolvimento das Missões e reflexo fundamental para o futuro Estado do Rio Grande do Sul com os períodos do Tropeirismo, Estâncias, Charqueadas e principalmente o modo de ser do Povo Gaúcho, pois foi base da cultura pecuária e a genética animal que manteve-se hegemônica até o início dos anos 1900.

Após vários ataques migraram para a região entre o Rio Uruguai e o Rio Paraná. Em 1639 o Padre Montoya foi a Madri, conseguindo a autorização para o uso de armas de fogo o que levou a única grande vitória guarani frente às tropas paulistas na Batalha de M'bororé em 1641. Deste momento em diante, passou-se mais de 100 anos de tranquilidade, onde o projeto pôde crescer. Para onde hoje é o Rio Grande do Sul retornaram a partir de 1682.

"DE CADA UM, SEGUNDO SUAS CAPACIDADES, PARA CADA UM, SEGUNDO AS SUAS NECESSIDADES"

Os Jesuítas introduziram um novo modelo de interação econômica em que a riqueza fazia com que as ferramentas e os meios de produção, em vez de pertencerem a particulares, eram propriedade coletiva; as classes e o Estado foram abolidos. Os trabalhadores da indústria e da agricultura formaram uma associação livre de

trabalhadores que se administrou economicamente. A economia local organizada, segundo um plano, baseou-se numa técnica aperfeiçoada, tanto na indústria como na agricultura. Não houve oposição entre a cidade e o campo, entre a indústria e a agricultura. Os produtores foram repartidos segundo a regra "De cada um, segundo suas capacidades, para cada um, segundo as suas necessidades". A ciência e as artes foram colocadas em condições suficientemente favoráveis para chegarem a seu pleno florescimento. A personalidade dos guaranis isenta de preocupações da existência cotidiana e da necessidade de comprazer aos poderosos deste mundo, acabaram realmente livres.

A Província Jesuítica do Paraguai foi constituída pelos jesuítas a partir das utopias de Morus, Bacon e Campanella. O Padre Lugon, em seu livro, disse que foi a mais original das sociedades realizadas. Paul Lafargue, em conjunto com Ber-



Aberturas laterais nas paredes da antiga igreja de São João Batista

nstein, Kautski, Plechanov explica que o projeto constituiu uma das experiências mais extraordinárias, que jamais tiveram outro lugar. Também Charlevoix e Muratori reconheceram-na como um modelo sem precedentes de sociedade cristã. A revista *Lês Lettres Edificantes et Curieuses*, dirigida pelos jesuítas, comparava os guaranis aos primeiros cristãos e descrevia suas comunidades como a realização ideal do cristianismo. Voltaire afirmou que o projeto Jesuítico-Guarani foi um “triunfo da humanidade”. Montesquieu chamou de “primeiro estado industrial da América”. O Abade Carbonel chamou de “coletivismo espontâneo”. Pablo Hernandez na *Organización Social de Iãs Doctrinas Guaranies*, escreve que o maravilhoso surge a cada passo. O filósofo Rayal escreveu: *Aí se observavam as leis, reinava uma civilidade exata, os costumes eram puros, uma fraternidade feliz unia os corações, todas as artes de necessidade estavam aperfeiçoadas.*

A abundância era aí universal. Teve a graça das crianças, uma pureza repleta de candura. O mundo novo que estamos procurando realizar não pode menosprezar a lição fornecida.

REDUÇÕES NA ARGENTINA, PARAGUAI E BRASIL

Com o deslocamento das reduções e a consequente exploração dos ervais, madeiras preciosas e estâncias, ocorreu o desenvolvimento. A localização final ficou estabelecida com oito reduções onde hoje está o Paraguai, 15 na Argentina, nas Províncias de Misiones e Corrientes e finalmente Sete do lado brasileiro, no noroeste do Rio Grande do Sul, onde hoje chamamos de Região das Missões, o conjunto das estâncias e ervais tomavam todo o estado. Algumas reduções chegaram a mais de 7.000 índios, o número de habitantes nos 30 Povos chegou a quase 150.000.

Pelas eleições escolhiam seus alcaides, fiscais e outros ministros,

A verdadeira história do cooperativismo começa nas Missões

Lendo os escritos do presidente da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul, Vergílio Périus, defende as ideias do estudioso Rafael Carbonell de Masy, de que é chegada a hora de resgatar a verdade sobre a origem da primeira cooperativa, surgida em 1627, nas Reduções Jesuítico-Guarani.

Dois padres cuidavam da vida religiosa e temporal de milhares de índios em cada redução. Naquela fase inicial, assim que uma tribo aceitava renunciar à vida nômade e se descobria uma localização favorável, era preciso construir, semear, comprar gado. Os padres expunham-se pessoalmente, labutando duro.

e por este exercício adquiriram um sentimento de autonomia nacional e de responsabilidade em face do bem comum. Elegiam-se também chefes de setores “escolhidos entre



Guia histórico

Por - José Roberto Oliveira

os mais fervorosos cristãos”. O comércio exterior era também responsabilidade da confederação. As mais belas tradições de ajuda mútua e de amizade reinavam entre as diversas reduções e as diversas regiões. Os guaranis não eram desviados do mal pelo medo de punições, mas atraídos pelo bem em razão do ambiente social, pelo exemplo de todos e pela emulação.

AGRICULTURA, INDÚSTRIA, ARTE E O ABANDONO DA VIDA NÔMADE

Quanto à agricultura os índios tiveram que abandonar a vida nômade para se fixarem às reduções, as condições do território eram de excelentes terras. O clima era saudável. Canais de irrigação levavam a água aos campos. Cada redução tinha no mínimo oito imensas hortas comunais, os pomares estavam povoados de frutas. Foram concebidas e fabricadas as ferramentas necessárias. Muito rapidamente, as reduções constituíram o conjunto agrícola mais completo e melhor organizado da América. Quanto à pecuária só São Miguel abatia 40 rezes por dia para o consumo dos habitantes. Charlevoix assegura que o mérito do êxito alcançado cabia aos guaranis, como aos missionários da Companhia.

Quanto à introdução da indústria, foi muito mais difícil que a da agricultura. No princípio produziram vestuário, habitação, ferramentas agrícolas e transportes, as forjas e fundições vieram depois e tiveram muito sucesso. Todas as profissões artesanais tinham sido introduzidas e prosperavam. Fabricavam relógios, clarinetes, trompetes e tantos outros como nas melhores fábricas da Europa. A primeira oficina de impressão da Prata foi da República Guarani. Triunfaram em todas as artes. Montesquieu diz que o Estado Guarani foi o único estado industrial daquele período na América do Sul. Fundiram o ferro a partir das rochas encontradas na região e chegaram à siderurgia do aço.

Nas artes o Barroco fez-se pleno, mostravam-se sensíveis e acessíveis, possuíam naturalmente ouvido apurado e um singular gosto pela harmonia, aprenderam a tocar todo o tipo de instrumento, compunham músicas. O Padre Ripário diz que se não tivesse à vista os músicos acreditar-se-ia que as melhores orquestras da Europa estavam de passagem pelas Índias. Quanto à pintura e escultura eram de excelente qualidade.

“TODO O SOLO PERTENCIA À COMUNIDADE E ERA INDIVISÍVEL”

O abastecimento, a armazenagem de produtos e sua distribuição eram assegurados pelos serviços

comunais, sem qualquer intermediário comercial privado. A população obtinha os artigos sem dinheiro, nem qualquer espécie de moeda. Muratori afirmou que “Um dos mais sólidos fundamentos da paz e da união que reinam entre estes índios é a privação completa em que estão de espécies de ouro e prata, assim como em qualquer espécie de moeda”. A profissão de comerciante não existia.

O comércio externo era coordenado por um padre que estava em Buenos Aires, o transporte fazia-se principalmente por via fluvial em barcos à vela ou remo. Uma rede de estradas pavimentadas também fora criada.

Os principais artigos exportados pelas reduções eram o mate, o fumo, o algodão, o açúcar, os tecidos de algodão, os bordados, as rendas, os objetos trabalhados em torno, mesas, armários, e baús de madeiras preciosas, esculturas, peles, curtumes e arreios de couro, rosários e escapulários, mel, frutas de todas as espécies, cavalos, mulas, e carneiros, assim como e excedente de diversas indústrias, como a de instrumentos musicais. Todos eram vendidos à Europa, Corrientes, Santa Fé, Lima, Buenos Aires, entre outros. Importavam produtos manufaturados e metais. Toda a produção era orientada para a satisfação das necessidades do todo.

Quanto à questão da propriedade o Padre Florentin de Bourges diz: “todo o solo pertencia à comunidade e era indivisível. Os bens são comuns, a ambição e a avareza são vícios desconhecidos, e não se registra entre eles litígios nem processos de divisão... Nada me pareceu mais belo do que a maneira como se provê à subsistência de todos os habitantes do povoado. Os que fazem a colheita são obrigados a transportar todo o cereal para os armazéns públicos, seguidamente funcionários fazem a distribuição pelos chefes de bairro, e estes pelas famílias, dando a cada uma, mais ou menos, segundo seja ela mais ou menos numerosa”.

Padre Cardiel registrou que os Guaranis não têm de seu, vacas, bois, cavalos, ovelhas ou mulas, e somente as galinhas. Tudo era comum entre eles. O Padre Antonio Sepp, quando da demarcação dos lotes na transferência de parte do povo de São Miguel para a nova terra disse que não houve qualquer conflito, pois não havia demarcação de qualquer limite, todavia encontrando indiferença, visto a satisfação com o regime de comunidade integral.

Quanto ao trabalho, em regra os guaranis não trabalhavam mais do que 6 horas diárias. Habitual-



Guia histórico

Por - José Roberto Oliveira

mente iniciavam suas tarefas às nove horas, depois da missa, e as concluíam durante à tarde. Thomas Morus reconheceu que quando toda a comunidade trabalha este tempo é suficiente para o desenvolvimento da mesma. A comunidade atuava também como elemento de alegria no trabalho. De manhã os grupos desfilavam nas ruas e dirigiam-se para o campo ao som da flauta e do tambor, transportando com grande pompa a imagem de Santo Isidro, patrono dos agricultores. Pela tarde, no regresso, cantavam em coro suas canções de marcha.

Para a avaliação do trabalho, em geral, bastava acompanhar o ritmo médio. Aquele que não quer trabalhar não deve comer, aquele que não pode trabalhar deve comer. Os velhos, viúvas, órfãos, doentes eram mantidos a expensas da comunidade. Em uma carta dirigida ao governador de Buenos Aires, logo após a expulsão dos Padres, o Cabildo de São Luis diz: “Não somos escravos e queremos fazer ver que não gostamos do costume espanhol que quer “cada um por si”, em vez de se ajudarem mutuamente em seus trabalhos cotidianos”.

Adoravam o teatro e a dança, organizando grandes apresentações. O jogo de bola recebia todas as atenções, conforme o Padre Cardiel, os guaranis foram efetivamente os inventores do futebol, as bolas eram de borracha, feitas de resina de madeira. Jogavam com os pés e cabeça.

A educação recebia uma atenção muito especial, pois dependia a prosperidade da República. Todas as crianças eram obrigadas a ir à escola pelo menos até os 12 anos. A igualdade notava-se pelo vestuário. Homens e mulheres recebiam em princípio, um traje por ano, as crianças dois. O tecido e o corte eram uniformes para todos. O mesmo princípio de igualdade fazia com que não houvesse pobres entre eles.

A fé cristã implantou-se a custa de suor e sangue dos missionários. O caráter fraternal das instituições guaranis e, na base, do seu regime de propriedade, explica principalmente o fervor religioso e cristão sem par que reinou durante mais de um século e meio. O homem não era forçado a ser egoísta. O seu interesse pessoal coincidia normalmente com o bem da comunidade.

PONTO DE ESPLENDOR E A GUERRA GUARANÍTICA

Em 1750 as Reduções Jesuítico-Guarani pareciam ter atingido o seu mais alto ponto de esplendor.

A cédula real de 1743 reconhecia seu lealismo e devoção à Coroa, porém em 13 de janeiro de 1750 ocorre o Tratado de Madri, que trocava os 7 Povos do lado esquerdo do Rio Uruguai pela Colônia de Sacramento, portuguesa, levando à Guerra Guaranítica ocorrida entre os anos 1754 a 1756, onde no dia 7 de fevereiro ocorre a morte de Sepé Tiaraju, agora herói pátrio brasileiro, através de martírio, pois põe fogo em seu corpo e no dia 10 a Batalha de Caiboaté, onde ocorreu a quebra de palavra dos exércitos de Portugal e Espanha, pois ocorreu o empenho de palavra de que a batalha ocorreria apenas 3 dias depois, mas os guaranis foram traídos, com isto ocorreu a morte de 1500 dos principais caciques e líderes índios, rompendo a segurança das Reduções, resultando na tomada pelos exércitos de Portugal e Espanha.

Por fim em 1767, com execução em 1768, o rei da Espanha Carlos III, assinou os decretos de expulsão dos Jesuítas das terras da América e das Colônias espanholas e finalmente em 1773 ocorre à supressão da Companhia de Jesus. No Paraguai as tropas que substituíram os Jesuítas desonraram-se com atos de violências. O povo guarani, descendente daquele período, continua vivo nas aldeias ou formando os pobres do Rio Grande do Sul e América latina.

Patrimônio Cultural da Humanidade

Hoje se pode ver o que restou deste grande projeto em uma visita ao Patrimônio Cultural da Humanidade de São Miguel das Missões, único com este título no Sul do Brasil, mas também em outros sete locais missionários na parte brasileira.

Outros locais imperdíveis são o Caaró e Assunção do Ijuí, representativos da morte dos três Santos Mártires Missionários. Há um conjunto de cidades de formação europeia do início dos anos 1900. Depois, passa-se ao lado argentino e paraguaio, completando a visita turística aos 30 Povos, o Circuito Internacional das Missões Jesuítico-Guarani, onde são sete patrimônios mundiais missionários reconhecidos pela UNESCO.

Imperdível é andar pelo ‘Caminho das Missões’ em seus roteiros de 30 (BR, AR e PY), 14, 8 ou 3 dias (BR), a pé ou bike.

Guia histórico



Mapas das Reduções do Primeiro Ciclo (localização aproximada) - Fonte: Padre Luiz Jaeger

Povos missioneiros no Rio Grande do Sul

As reduções criadas no 1º ciclo

A) BACIA DO RIO IJUÍ

- São Nicolau
- Assunção do Ijuí
- Candelária do Caaçapa-mini
- Caaró
- Apóstolos
- San Javier (depois mudou para outro lugar, na atual Argentina)

B) BACIA DO RIO IBICUÍ

- Candelária do Ibicuí (vida efêmera)
- São Tomé
- São José
- São Miguel
- São Cosme e Damião

C) BACIA DO RIO JACUÍ

- Santa Ana
- Natividade
- São Cristovão
- Jesus Maria
- São Joaquim
- Santa Tereza
- Visitacion (vida efêmera)

Os Povos Missionários viveram duas fases distintas separadas por um período de aproximadamente quarenta anos. A primeira fase compreende o período que o Padre Roque Gonzales recebe a autorização para cruzar para a banda oriental do rio Uruguai em 1626 e termina após as inúmeras batalhas com os Bandeirantes que culmina com a migração dos povos catequisados para a mesopotâmia formada pelos rios Paraná e Uruguai em 1641.

A segunda fase, que seria o período do retorno dos Jesuítas e dos povos catequisados para a banda oriental do rio Uruguai em 1682 com a Fundação da Redução de São Borja que juntamente com os demais seis povos fundados posteriormente iriam compor a Província Jesuítica do Paraguai totalizando

30 povos.

O primeiro ciclo foi composto por iniciativas de formar reduções ao longo da bacia dos seguintes rios: Ibicuí, Jacuí e Ijuí.

Já a segunda fase que inicia com a fundação da redução de São Borja continua com a re-fundação de São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Miguel, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo, formando o atualmente conhecido Sete Povos das Missões, que foram alvos do Tratado de Madri e gerou a famosa Guerra Guaranítica que culminou com a decadência daquela civilização próspera e organizada.

Obviamente a estrutura das reduções que integravam a Província Jesuítica do Paraguai e que no total formavam 30 povos.



Companhia de Jesus e as Missões

Dissertação de Odair Fantini

O contexto da criação e estabelecimento institucional da Ordem dos jesuítas no século anterior ao início da Província Jesuítica do Paraguai é o período marcado pelo Renascimento, pela Reforma Protestante e pela expansão territorial dos impérios ibéricos. Neste contexto, caberá à Igreja Católica dar início ao seu processo de reformulação, que levou à convocação do Concílio de Trento e à criação do Tribunal do Santo Ofício em Roma.

Seguindo esta tendência, na primeira metade do século XVI, a Companhia de Jesus se constituiu como Ordem religiosa, tendo sua atuação voltada para a restauração do prestígio da Igreja e para a recuperação de fiéis que haviam se desviado dos ensinamentos católicos ou daqueles que não tinham encontrado a fé católica. Para isso, os membros desta Ordem eram capazes de atravessar oceanos, penetrar matas, defrontar-se com feras e povos, algumas vezes, hostis a sua presença.

Ao abandonar a estrutura monástica das outras ordens existentes, a Companhia de Jesus se caracterizaria como uma instituição militante, nascida no contexto da Contra-Reforma, em resposta aos movimentos de Lutero e Calvino. Inversamente ao modelo dos monges medievais, isolados do mundo, os jesuítas se popunham a servir ao próximo saindo em missão. Esta característica é bastante influenciada pelo seu primeiro líder e fundador, Ignácio de Loyola. O desejo de uma vida ativa se manifestava neste novo modelo de missionário, que retratava o próprio “homem renascentista”. Loyola, mesmo que na condição de um homem do século XVI, havia intuído a propagação global que a Ordem tomaria e ao fundá-la, diferentemente das outras, deu a ela forma de uma ordem missionária. Para ele, cada um dos seus nove companheiros estava disposto a ser enviado aos pontos mais perdidos e distantes. O jesuíta, portanto, em essência, era um missionário e tinha como pressuposto o cumprimento da dimensão social do Cristianismo. Este novo paradigma de missão e, conseqüentemente, de missionário previa não só uma incorporação espiritual, mas também territorial.

Inicialmente, Ignácio de Loyola e seus companheiros planejaram atuar apenas na Terra Santa, mas impossibilitados de realizarem este propósito devido à deflagração da guerra entre Veneza e os turcos, convoca todos os seus companheiros para examinarem juntos a situação. Porém decidem colocar-se à disposição do Papa. Assim, mostran-

Cronologia da História das Missões

Por - Álvaro Medeiros de Farias Theisen

1492	Descoberta da América por Colombo Eleição do Papa Alexandre VI
1494	Tratado de Tordesilhas Signatários: João II de Portugal e Fernando II de Aragão
1500	Descoberta do Brasil
1512	Descoberta do Rio da Prata
1534	Fundação da Congregação dos Jesuítas
1542	Publicação das Leis Novas (extinção das Encomiendas)
1545	Descoberta da prata em Potosi
1554	Fundação da Cidade de São Paulo
1565	Fundação da Cidade do Rio de Janeiro e expulsão dos franceses
1580 1640	União Ibérica
1580	Fundação de Buenos Aires (segunda)
1588	Ingleses vencem a Armada Espanhola
1608	Aprovado por Felipe III o plano de Hernando Arias de Saavedra para catequizar os índios
1609	Fundação da primeira Missão Jesuítica – São Ignacio Guazú (Misiones AR)
1610	Fundada a primeira redução na região na confluência dos rios Pirapó e Paranapanema, denominada como: “Nossa Senhora do Loreto” (Guairá) (no total foram 13 Reduções até 1628)
1626	Autorização para Jesuítas cruzar margem esquerda do Rio Uruguai Fundação de reduções na margem esquerda: São Nicolau e Candelária do Caaçapa-Mini
1627	Fundação da redução de Assunção do Ijuí e Candelária do Ibicuí
1628	Os padres Roque Gonzáles e Afonso Rodriguez fundaram Caaró, onde em 15 de novembro de 1628, quinze dias após a fundação desta nova redução foram martirizados.
1628/29	Bandeirantes em Guairá
1630 1654	Invasão holandesa no Recife
1631	Migração do Guairá
1632	Fundação de Santo Inácio Mini (após a migração de Guairá) e São Cosme e Damião (Paraguai)
1632	Introdução dos primeiros rebanhos de gado na região do atual Rio Grande do Sul pelo Padre Cristóvão Mendoza Orellana



Companhia de Jesus e as Missões

Dissertação de Odair Fantini

do- se fiéis ao Papa e aos seus sucessores, aguardaram a possibilidade de peregrinar por onde fosse necessário. Em 1540, receberiam a permissão do papa Paulo III para institucionalizar a Companhia.

Por meio dos Exercícios Espirituais e de uma formação acadêmica exigente, seus membros eram preparados para a obediência absoluta, ao mesmo tempo em que eram capazes de tomar decisões e realizar missões sob condições as mais adversas. Em relação à formação do jesuíta, vale lembrar que desde a sua fundação, a Companhia sempre valorizou os aspectos relacionados às Letras, o que compreendia escrever e ler em vernáculo e latim, além de ter conhecimentos de outras línguas.

No Brasil, chegam já em 1549, mas, somente em 1566, recebem permissão para trabalhar nos territórios do Novo Mundo pertencentes à Coroa Espanhola. Desde a nomeação do padre Manuel da Nóbrega, como primeiro Provincial do Brasil, Ignácio de Loyola tinha em mente a presença da Companhia de Jesus em outras regiões além do Brasil. Contudo, o envio de missionários não dependia unicamente das Ordens, pois segundo Barnadas (1997) “o envio de missionários à América era, em última análise, uma questão de política imperial”. Embora o Papa mantivesse autoridade sobre as regiões do Novo Mundo, o Conselho das Índias tinha poder de veto sobre as suas decisões. Desse modo, os missionários “estavam duplamente submetidos, à Santa Sé e à Coroa espanhola”

Os primeiros jesuítas a se dirigirem à América espanhola chegaram à Califórnia, em 1566, mas esta experiência não perdurou e, em 1572, as dificuldades determinaram sua retirada deste local. Outros missionários, atendendo aos muitos pedidos do Vice-Rei D. Francisco de Toledo, foram enviados ao Peru, tendo chegado em 1568. Em 1587, se instalaram na região de Tucumán, a pedido do bispo local. Apesar de os trabalhos missionários realizados pelos jesuítas preverem a atuação concomitante nas Províncias jesuíticas do Peru e do Brasil, não houve concordância por parte da Coroa Espanhola de que padres portugueses realizassem trabalhos em território espanhol.

Foi somente após o descortinamento do horizonte geográfico e humano que a Igreja percebeu a dimensão da tarefa evangelizadora que o Novo Mundo exigia. Mesmo assim, “à Igreja na América fora confiada uma missão prática: apressar a submissão e a europeização dos índios e pregar a lealdade à Coroa de Castela”.

Quando, em 1602, o visitador padre Esteban Paez, constata que a região platina, em razão da vasta extensão e de sua pobreza, devia ser abandonada, os padres em missão no Paraguai e Tucuman recebem ordens para

Cronologia da História das Missões

Por - Álvaro Medeiros de Farias Theisen

1635	Parte de SP a grande bandeira de Luiz Dias Leme para atacar a província do Tape (atual RGS)
1636	Bandeira de Raposo Tavares contra reduções de Jesus Maria, São Cristobal, Santa Ana e outras
1637	Bandeirantes (Francisco Bueno) atingem o Tape (atual RS) e destrói São Joaquim e Santa Tereza
1639	Espanha autoriza o uso de armas para os índios
1640	Restaurado o reino de Portugal (fim da União Ibérica)
1641	Batalha de Mbororé (atual Porto Vera Cruz) Migração das Reduções para a banda ocidental do Rio Uruguai (final do primeiro ciclo)
1680	Fundação da Colônia de Sacramento por Manuel Lobo
1682	Fundação de São Borja (primeiro dos 7 povos – início do segundo ciclo)
1687	Fundação de São Luiz Gonzaga, São Nicolau, São Miguel
1690	Fundação de São Lourenço
1697	Descoberta do ouro (Região de Taubaté) / (Início do ciclo do Ouro em Minas, Mato Grosso e Goiás)
1697	Fundação de São João Batista
1707	Fundação de Santo Ângelo
1709	Criação da Vacaria dos Pinhais
1711	Invasão francesa do Rio de Janeiro
1715	Tratado Utrecht
1717	Os portugueses fazem uma entrada na Vacaria dos Pinhais para arrecadar gado
1718	Visita do bispo de Buenos Aires, dom Fajardo, aos Sete Povos
1723	Fundação de Montevideo
1726	Cristóvão Pereira estabelece o caminho entre Laguna e Colônia do Sacramento
1737	Fundação do forte Jesus Maria José (Rio Grande)
1740	Imigração dos Açorianos para o sul do Brasil Fundação de Santo Antonio da Patrulha
1742	Fundação do Porto dos Casais (Porto Alegre)
1750	Tratado de Madrid
1752	Fundação do forte Jesus, Maria, José do Rio Pardo
1754	Guerra Guaranítica
1756	
1755	Terremoto de Lisboa
1756	Morte de Sepé Tiarajú – 7 de fevereiro Batalha do Caiboaté (10 de fevereiro)



Companhia de Jesus e as Missões

Dissertação de Odair Fantini

saírem da região, nela permanecendo apenas o padre Fields, em Assunção. Algum tempo depois, o Padre Geral Aquaviva, atendendo aos pedidos dos padres do Paraguai, decide criar uma nova Província, que se chamaria “Paraquaria”, ou, posteriormente, Província Jesuítica do Paraguai, optando por não incorporar o território platino à Província do Brasil.

Para constituir a nova Província foi enviado o padre Diego de Torres. De Nova Granada, onde realizava seus trabalhos, se deslocará até Lima onde reunirá 13 sujeitos cedidos pelo Provincial do Peru, mas como três deles eram noviços, estes foram enviados a Santiago do Chile para lá terminarem seus estudos. Os outros foram enviados em 27 de junho de 1607 para a região da futura Província Jesuítica do Paraguai.

No início, a Companhia concentrou seus esforços em Santiago, Córdoba e Assunção, onde já havia instalações remanescentes do trabalho realizado anteriormente. O Provincial, estrategicamente, estabeleceu uma residência em Buenos Aires, para manter contato mais direto com a Europa, e outra em Mendoza, para aproximar-se dos padres do Chile.

O trabalho dos jesuítas, de início, resumia-se a catequizar e instruir espanhóis, índios e negros que viviam nestas cidades ou próximos delas. A primeira experiência jesuítica com reduções foi em 1568, na doutrina de Juli, que havia sido fundada por dominicanos, próximo ao lago Titicaca. Um ano após, assumem a redução de Huarochini, abandonada pelos agostinianos, localizada à oeste de Lima, e a redução de Santiago del Cercado, próxima da mesma cidade. Em geral, a experiência de Juli é considerada o modelo que deveria ser seguido pelos jesuítas nas fundações de outros povoados, inclusive no Paraguai.

A ideia de agrupar as populações indígenas em pueblos surgiu como um projeto político de integração do índio ao sistema colonial. A redução era vista como um excelente método missional, pois através dela era possível reduzir o conflito, tanto militar, como social que colocava em oposição índios e espanhóis. As ordens religiosas serão responsáveis pela sua execução.

Considerando as primeiras décadas do trabalho missionário no Paraguai, a evangelização dos indígenas foi bastante limitada, tanto em extensão, quanto em profundidade. Isto se deveu, basicamente, à dispersão dos indígenas, à escassez de missionários, ao desconhecimento inicial da língua nativa e à falta de um catecismo em guarani. Os jesuítas, entretanto, não foram os primeiros missionários a atuarem no Paraguai. Antes deles, outras ordens como as de São Francisco, de São Jerônimo

Cronologia da História das Missões

Por - Álvaro Medeiros de Farias Theisen

1759	Expulsão dos Jesuítas de Portugal
1761	Anulação do Tratado de Madrid
1762	Espanhóis tomam Colônia do Sacramento
1763	Ataque dos espanhóis à cidade do Rio Grande Fundação de Gravataí (Nossa Senhora dos Anjos) Transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro
1767	Expulsão dos Jesuítas das colônias hispano-americanas
1772	Fundação de Porto Alegre
1773	Supressão da Companhia de Jesus
1775	Conquista da trincheira espanhola de São Martinho por Rafael Pinto Bandeira
1776	Vila de Rio Grande foi retomada pelos portugueses
1777	Tratado de Santo Ildefonso Zeballos (Espanha) toma a ilha de Santa Catarina
1778	Realizado o Inventário dos bens dos povos missioneiros
1797	Fundação de Santa Maria – A comissão demarcadora monta acampamento da atual praça Saldanha Marinho
1801	Guerra das Laranjas Tratado de Badajoz Conquista das Missões pelos Portugueses (tropas irregulares, comandos locais, pois Portugal não sabia deste movimento)
1803	Início das Guerras Napoleônicas
1804	Combate do Jarau – último embate entre espanhóis e portugueses na América
1808	Corte Portuguesa foge para o Brasil / Dom João impulsiona a ocupação dos sertões do Brasil
1809	Criação dos 4 primeiros municípios do RS
1811	Independência do Paraguai
1813	Independência da Argentina: Província Unidas do Rio da Prata
1815	Independência do Uruguai
1816	Invasão portuguesa da Colônia de Sacramento
1820	Batalha de Waterloo (derrota de Napoleão)
1815	Dom João eleva o Brasil á Reino Unido de Portugal e Algarves
1816	Andrés Artigas invade as Missões pelo passo do Itaqui
1821	Retorno da corte portuguesa à Portugal Banda Oriental foi incorporada ao Reino Unido do Brasil com o nome de Província Cisplatina
1821	Fundação de Cruz Alta
1822	Independência do Brasil
1824	Início da colonização alemã no RS
1828	Tratado do Rio de Janeiro (Devolução da Cisplatina)



Companhia de Jesus e as Missões

Dissertação de Odair Fantini

e Nossa Senhora das Mercês atuaram na região. Coube aos franciscanos a implantação das primeiras reduções de indígenas no Paraguai. Os freis Luis de Bolaños e Alonso de Boaventura fundaram, a partir de 1580, uma rede de reduções que se estendia desde o rio Jejui até a então província do Guairá. Diferentemente das reduções jesuíticas, as missões franciscanas se instalaram próximas às cidades espanholas e se ocuparam apenas em evangelizar os índios encomendados e aos vecinos, não opondo-se ao sistema encomendero.

Em 1600, as autoridades espanholas sediadas em Assunção determinaram que Ciudad Real – surgida em 1556 – se tornasse a sede da Província do Guairá. No intuito de “levantar los spiritus”, foram enviados de Assunção à Província Guairá, em 1588, os primeiros missionários jesuítas, os padres Manuel Ortega e Tomás Fields, passando pelo povoado de Ciudad Real e Vila Rica do Espírito Santo, habitados por espanhóis. Dava-se início de um trabalho apostólico, com muitas interrupções, e lançavam-se as primeiras bases da evangelização, com os colonos espanhóis e com os indígenas. Em 1607, Hernandarias organizou uma viagem as regiões de fronteira a fim de deter o avanço português, e em 1609 apresentou seu projeto para a colonização do Guairá. No mesmo ano, os padres jesuítas viriam a se instalar nesta localidade e na Vila Rica do Espírito Santo, inicialmente para atender aos próprios colonos, para, em seguida, realizar o trabalho de catequese junto aos nativos do local. Já em 1639 o Pe. Montoya escrevia “Esforçaram-se os governadores no sentido de que os padres da Companhia domesticassem essa gente bárbara através do Evangelho” referindo-se a esta região.

As propostas apresentadas por Hernandarias, o então governador, e pelo bispo de Assunção, Reginaldo de Lizárraga, foram aceitas pelo provincial Diego de Torres, levando à abertura de três frentes de trabalho. Uma ao sudeste de Assunção, região do rio Paraná; outra ao noroeste, região do Guairá; e mais uma ao oeste, próximo do rio Paraguai, na região onde habitavam os Guaicuru.

Os missionários observavam a orientação de atrair de forma amistosa tanto aos índios, quanto aos caciques, até então encomendados e sujeitos ao serviço pessoal. “Esta ação, até então inusitada por parte de sacerdotes espanhóis, atrairia e chamaria a atenção dos índios, que se sentiam protegidos sob a autoridade dos padres”. O pioneiros a missionar pela região seguiram pelo rio Paraná até a confluência dos rios Paranapanema e Pirapó, fundando, primeiramente, a redução de Loreto – batizada, originalmente, pelo padre Cataldino, de “Virgen de Loreto” – na qual construíram um templo provisório, e mais tarde, fundaram a de San Ignacio, a “un cuarto de

Cronologia da História das Missões

Por - Álvaro Medeiros de Farias Theisen

1830	Recolonização das Missões pelos portugueses
1833	Emancipação de São Borja
1834	Emancipação de Cruz Alta
1835	Início da Revolução Farroupilha
1844 1850	Reiniciada a imigração alemã no RS 1849 – Santa Cruz / 1857 – Cachoeira (Colônia Santo Ângelo) – 1858 -Nova Petrópolis
1845	Fim da Revolução Farroupilha
1851	Tratado dos limites com o Uruguai
1860 1889	Terceira fase da imigração alemã
1864 1870	Guerra do Paraguai
1865	Invasão de São Borja pelos Paraguios
1865	Tomada de Uruguiana em 5 de agosto pelos Paraguios e Rendição de Uruguiana em 18 de setembro
1873	Emancipação de Santo Ângelo
1875	Início imigração italiana no RS
1885	Inauguração da estação ferroviária de Santa Maria
1888	Abolição da Escravatura
1890 1914	Quarta fase da imigração alemã
1894	Inauguração estação ferroviária de Cruz Alta
1889	Proclamação da Republica
1890	Fundada a colônia de Ijuhy
1891	Fundação da Colônia Guarani
1893	Revolução Federalista
1900	Concluída a ferrovia Santa Maria – Cruz Alta
1902	Município de São Luiz Gonzaga
1918	Construção da primeira ponte sobre o rio Ijuí (atual Entre-Ijuís)
1921	Inaugurada estação ferroviária de Santo Ângelo
1923	Revolução dos Maragatos e Chimangos
1924	Coluna Prestes
1939	Início da Segunda Guerra Mundial
1945	Final da Segunda Guerra Mundial
1952	Inauguração da ponte de concreto no Rio Ijuí



Companhia de Jesus e as Missões

Dissertação de Odaír Fantini

legua de la anterior”. Atestando o uso desta estratégia de atração dos indígenas, encontramos referências nos relatos dos missionários à troca de presentes, sendo que os objetos que mais agradavam os índios eram os instrumentos de ferro, assim como as contas de vidro, pentes e açúcar.

A Ordem, desde a entrada na região, parecia ter definido claramente quais seriam seus objetivos: os de conquistar o território e catequizar os índios, o que previa o conhecimento e o domínio das línguas indígenas. Porém, este não se constituiria no maior entrave ao trabalho jesuítico, mas o regime de encomiendas, que, além de desagregar o núcleo familiar, se caracterizava pelos maus tratos aplicados aos indígenas e pelos elevados índices de mortalidade que o trabalho excessivo e os castigos provocavam. De início, os encomenderos se mostraram favoráveis à missão por redução, pois acreditavam que apaziguaria os índios para, posteriormente, serem utilizados como mão de obra. No entanto, de acordo com a carta de Muzio Vitelleschi ao Provincial Diego de Boroa, de 1637, a Companhia se propunha a algo bastante distinto: “acerca de segundo punto de si hay obligación de defender los indios para que se pongan en cabeza del Rey, y no de los españoles o encomenderos.

De maneira geral, as questões do serviço pessoal e do tributo aparecem como problemas desde a criação da Província. No início, quando as atividades da Companhia se limitavam a missões volantes e batismos em massa, aparecia com menos força. Entretanto, no momento em que os índios começam a ser reduzidos em núcleos sedentários e encaminhados a uma forma mais estável de cristianização, esta questão aparece com mais força. Todavia, graças à habilidade do Provincial Diego de

Torres e à influência exercida pela Companhia junto ao rei, as missões se tornam dependentes diretamente da Coroa, com a condição de efetuarem o pagamento de tributos, após dez anos de sua implantação.

Solucionada, por ora, a questão da tributação surgem novos desafios, “reconhecia-se a necessidade de um conhecimento prévio das condições geográficas locais, mas se deixava em aberto o regime de fundações de novos núcleos”. Portanto, a estrutura urbana que se instalava seria moldada de acordo com a experiência, com adaptações e incorporações, que acabariam por produzir um modelo espacial novo e único.

Este modelo espacial era novo não apenas para os jesuítas, mas também para os guaranis, que participaram ativamente na implantação dos povoados. Vale ressaltar que cada uma das linhagens ou parcialidades (te'yi) guaranis ocupavam uma casa comunal (te'yi-óga), que abrigava dezenas de famílias. O grupo familiar guarani era composto por relações de parentesco que regiam as atividades do grupo e as relações de poder. Como podemos perceber, a sociedade indígena guarani se organizava de forma muito distinta daquele que caracterizava os povos de espanhóis e as reduções jesuíticas. Para Melià (1993,) a forma de organização do espaço guarani refletia a estrutura de sua própria cultura, portanto, “reduzir-se” era aceitar uma nova configuração social e “ciertamente la “reducción” como pueblo, y el espacio que ella producía, se diferenciaban profundamente del tekoha guarani, el lugar donde hasta entonces se había realizado y producido la cultura guarani”.

Cabe lembrar que a ocupação dos territórios dos guaranis que compreendem a região da Província Jesuítica do Paraguai pelos espanhóis remonta o século XVI, ainda sob as bases do Tratado de Tordesilhas fir-

mado entre Portugal e Espanha no século anterior. Quando, em 1516, Juan Díaz de Solís tocou pela primeira vez as costas do Rio da Prata, ele inaugurou a conquista do território e das gentes desta região. Após várias tentativas infrutíferas, devido à resistência dos grupos indígenas locais, os espanhóis conseguem dar início a estabelecimentos urbanos. É somente nos seiscentos que a Coroa Espanhola consolidará a conquista da região andina, iniciando intensivamente a exploração dos minérios e a lenta e gradual exploração da região que circundava a bacia do Rio da Prata.

1.1. A Província Jesuítica do Paraguai na segunda metade do século XVII

A segunda metade do século XVII é um momento de estabilidade dos povoados jesuíticos, “ya que ahora disfruta la Provincia de más tranquilidad, nos viene la gana de destinar a algunos misioneros a esta gente tan bárbara de la viña del señor”.

Ainda sobre este período, Carbonell de Masy (1992) nos diz que “las reducciones entran en una fase de desarrollo que explica el crecimiento demográfico desde 1647 con 28.714 habitantes hasta 1700, con 86.173”.

Depois da expansão inicial em direção ao Guairá, Tape e Itatim, a localização das reduções fica praticamente circunscrita à mesopotâmia dos rios Paraná e Uruguai.

Em suma, a Companhia de Jesus, em meados do século XVII, já havia encontrado uma definição de sua prática missional – que com o tempo se aprimorou –; as ameaças bandeirantes haviam se reduzido; o conflito desgastante com o bispo, Cárdenas, exaustivamente citado nas cartas da década de 40, já havia sido resolvido; e, entre outros desafios, a Ordem parecia ter acumulado experiência no enfrentamento da geografia da região na resistência de alguns grupos indígenas.

O Mbyá e o Juruá

“O Mbyá-guarany é tesouro cultural que habita as Missões há milhares de anos. Como eles não foram entendidos, ainda não foram descobertos. O pior é que provavelmente jamais sejam efetivamente conhecidos, pois estão em um acelerado processo de acultramento que os fará em breve, iguais a nós. E quando isso ocorrer, esse tesouro se perderá para sempre.”

Por - Paulo José Bender Leal





Foto:PaulosBenedicta

Guaranis da aldeia Guavirá Poty

Os Guaranis conseguiram construir um sistema cultural baseado em três questões centrais que coordenam o mundo em que eles vivem:

- **O primeiro**, e o mais importante, é que Deus está presente na natureza e em todos os seres vivos: Nada ocorre no mundo sem que Nhandêrú queira. Portanto, o papel humano é o de desenvolver ao máximo a espiritualidade para estar sempre em sintonia com Deus;
- **O segundo**, é do mais absoluto respeito ao outro. Se tudo ocorre no mundo por desígnio de Deus, devemos respeitar isso no outro não interferindo no que alguém faz ou quer para si;
- **O terceiro**, é do afeto. Todo o esforço da comunidade Mbyá-guarany é sempre voltado para assegurar que as crianças da aldeia tenham o máximo de afeto corporal, pois isso faz com que seja desenvolvido apenas o espírito* do bem.

Há uma diferença abissal entre o Mbyá e nós. O mbyá-reko (jeito de ser) é um sistema cultural baseado nos sentidos. Enquanto que para nós, Juruá, a palavra faz o mundo, para eles tem uma função meramente instrumental. O que importa são os sentimentos e não os pensamentos. Tanto que para os antigos, Juruá é o que fala com o vento.

Levei anos até perceber que é uma referência aos nossos rituais: enquanto o Mbyá busca a comunhão com Deus por meio do aprimoramento dos cinco sentidos (que são sete como já demonstrei em meu sistema heptanimal de inteligência), imaginamos fazer isso falando.

Foto:Marcelo Demerchi



Indígenas do Cora Mbyá Guarani Paçã Pinheiro Machado em Santo Ângelo



O abambaé e o tupambaé, duas formas de trabalhar e produzir

- **Abambaé e tupambaé:** Palavras guaranis que definem dois sistemas de trabalho e propriedade de bens.
- **Abambaé:** O que pertence ao homem, o que é exclusivo para ele;
- **Tupambaé:** Aquilo que pertence a Deus.

Toda a organização da vida produtiva das reduções foi feita com base nestes dois conceitos. O Abambaé era um lote agrícola individual, ou seja, a parcela de terreno que foi dado a cada família, que foi recebida a partir da respectiva chefia. Este terreno era tra-

balhado durante três dias por semana, e os frutos obtidos eram de propriedade exclusiva da família proprietária do lote. Ele poderia dispor do que foi produzido com total liberdade, dentro das limitações impostas pelo regime de redução.

O Tupambaé incluiu as terras que pertenciam à comunidade, muito mais extensas que as do Abambaé. Eram as sementeiras, dedicadas a preparação das sementes para multiplicação e as lavouras, dedicadas às colheitas em grande escala, e as estancias, destinadas à criação do gado.

Também dentro do sistema de tupambaé estavam as pedreiras, as olarias de telhas, tijolos e ladrilhos e a produção artesanal que foi desenvolvida nas oficinas das reduções. Os produtos e benefícios do regime de tupambaé foram explorados de duas maneiras. Permitiram a manutenção dos padres e a cobertura das despesas exigidas pelo serviço do culto, por exemplo, compre joias para os templos fora das missões, aquisição de vidros para as janelas das igrejas e algumas ferramentas específicas para o trabalho.

Em outro sentido, o Tupambaé adquiriu a categoria de sistema de solidariedade, quando os bens foram concebidos para satisfazer as necessidades da comunidade,

especialmente quando falhava a produção do Abambaé em tempos de fome e epidemias.

Os bens tupambaé que não foram consumidos, aqueles que foram constituídos em excesso, eram armazenados em armazéns comunitários. Parte dos excedentes era destinada pelas reduções ao comércio em cidades como Santa Fé, Buenos Aires, Assunção ou Corrientes. Este comércio com o exterior era inevitável, já que era necessário obter dinheiro para o pagamento do tributo anual ao Rei e poder adquirir os bens necessários que não eram produzidos nas reduções.

A outra parte da produção era destinada a cobrir as necessidades de consumo de setores não produtivos da população, especialmente os idosos, viúvas, órfãos, pessoas com deficiência, ou seja a manutenção do cotiguaçu.

O tempo dedicado ao trabalho na Tupambaé era três dias por semana, embora a prática dos tempos de dedicação ao tupambaé e ao abambaé variou de acordo com

as estações e o tipo de trabalho requerido.

No momento da colheita, por exemplo, de algodão, tabaco ou erva mate, o tempo de trabalho no tupambaé aumentava necessariamente. Todos eram obrigados a trabalhar em benefício da comunidade na área de tupambaé. Todos eram agricultores e tinham que cultivar a terra, até mesmo os caciques, membros do cabildo e até aqueles que possuíam alguma habilidade especializada, como pedreiros, escultores, carpinteiros, ourives, ferreiros, etc. O trabalho no tupambaé era a maneira mais eficiente de garantir a comida necessária para a população.

Trabalhar e produzir no abambaé

Os lotes agrícolas destinados ao abambaé eram geralmente localizados nas vizinhanças da redução e eram distribuídas pelos caciques e delimitadas com precisão para evitar conflitos. Para determinar o tamanho do lote que correspondia a cada família era levado em conta



o número de famílias existentes e as características naturais do terreno e a proximidade com fontes de água. Depois de distribuído os lotes pelos caciques cada lote da família era delimitado com montes de pedras ou pequenos valas.

Os lotes de terra eram agrupados pelos caciques diferentes visto que os índios seguiam a liderança do mesmo.

Os lotes familiares, geralmente de forma retangular, localizavam-se tomando como eixo qualquer curso de água, ou eles foram distribuídos de forma circular em torno de uma lagoa. O trabalho agrícola nos lotes do abambaé significou uma adaptação dos indígenas a um regime estrito, onde os conceitos de produtividade, uso racional do tempo, sujeição a diretrizes e normas disciplinares foram combinados. A recompensa e a punição estavam constantemente pre-

sentes. O trabalho agrícola, como todos os outros que foram desenvolvidos na redução, foi cuidadosamente controlado por prefeitos (corregedor) que davam conta dos rendimentos do trabalho ao Padre (Cura da Redução) e ao respectivo cacique. O trabalho nos lotes do abambaé começava muito cedo, depois de ouvir a missa. Todos os dias os chefes da família iam com a família para o terreno agrícola que lhes era atribuído. Lá eles estabeleceram um pequeno rancho, com paredes de tijolos e, eventualmente, telhados de telhas, onde guardavam as ferramentas. No caminho, tiraram uma junta de boi dos currais localizados nos arredores da cidade e iam fazer seu trabalho. O que produziu os lotes do abambaé? Todos os frutos essenciais para a alimentação diária do grupo familiar. Nas lavouras predominaram milho, diversas variedades

de feijão, diferentes espécies de abóbora, mandioca, cana-de-açúcar, e outras especiarias. Todos os membros do grupo familiar trabalhavam no lote agrícola. Os homens e mulheres aravam a terra, plantavam, colhiam. As crianças cuidavam das plantações, matando insetos nocivos e enxotando os bandos de pássaros que vinham devorar as sementes ou frutas. Normalmente, o desempenho do trabalho indígena e a produção dos lotes de abambaé eram muito baixos. Não cobria nem mesmo as necessidades mínimas de alimentação do grupo familiar, tornando essencial o alívio da comunidade. Os lotes agrícolas do abambaé foram constituídos em uma escola de agricultura. Eles tinham um sentido didático pedagógico para os indígenas. O regime de trabalho do abambaé foi um projeto de resultados a longo prazo.

Foto: Marcos Demeneghi



Remanescentes do Sítio Arqueológico de São João Batista



Trabalhar e produzir no tupambaé

O regime de trabalho no tupambaé adquiriu outras características e conotações. Era o lote agrícola onde as pessoas trabalhavam e produziam para a comunidade. Todos, de forma rotativa e obrigatória, tinham que fornecer seu serviço de trabalho para o benefício da comunidade. Os lotes de terra pertencentes ao tupambaé superaram em centenas e milhares de hectares os pequenos lotes agrícolas do abambaé. Eles foram divididos em sementeiras e estâncias, dependendo se foram usados para lavoura ou gado. Enquanto os lotes do abambaé eram uma continuidade territorial da redução, ou seja muito próximos da redução, as áreas do tupambaé podiam ser localizados da mesma forma ou, o que era mais comum, a dezenas de quilômetros da cidade, este último especificamente no caso das estâncias. Estas áreas produtivas foram devidamente delimitadas e demarcadas, com cada redução no arquivo de seu Capítulo tendo as escrituras e mapas das terras de sua jurisdição. Todas essas terras e os bens que eles continham pertenciam à comunidade do povo e ninguém, nem mesmo os Padres, poderia usá-los para benefício particular. Nas sementeiras (lavouras) havia produtos predominantemente armazenáveis, como milho e vários tipos de leguminosas, como ervilha, feijão, grão de bico, lentilha e também trigo e árvores frutíferas. Mas havia outros produtos cultivados que eram específicos para os tupambaé, que além de satisfazer as demandas do consumo interno das reduções, eram orientados para o comércio exterior. Referimo-nos à erva (desde os primeiros anos do século XVIII, uma vez que anteriormente era explorada em yerbaes selvagens), tabaco, arroz (desde o final da primeira metade do século XVIII), o algodão. Nas estâncias predominavam gado, cavalos e ovelhas. O principal objetivo da pecuária extensiva era suprir os povos missioneiros com carne, um ingrediente essencial e cobiçado na dieta dos índios reduzidos. Simultaneamente, a produção pecuária foi orientada para o comércio exterior. A saída do grupo de trabalhadores para as terras do Tupambaé foi um ato muito elaborado. Os trabalhadores eram convocados em frente ao templo, na praça, onde eram instruídos pelo Pai sobre a tarefa que empreenderiam. Então, com suas ferramentas, cantando músicas felizes em guarani, acompanhadas pelos sons de tambores e flautas, saíam para o trabalho. O ar festivo continua-

va durante o dia de trabalho, já que música e canções eram constantes nos campos de trabalho. Funcionava com a convicção de que isso foi feito para Deus e para a comunidade.

Outras áreas de tupambaé

O alcance do tupambaé não se esgotou nas lavouras e nas estâncias. O tupambaé também incluiu outros setores produtivos, nos quais a especialização por ofícios era necessária. Pertencia à comunidade as pedreiras, fábricas de telhas, ladrilhos e tijolos com seus fornos, teares de algodão, a produção de erva-mate e vários ofícios para oficinas de redução, tais como carpintaria, serralharia, ourivesaria, curtume, padaria, e açougue.

O treinamento em algumas das profissões não significava para o índio qualquer tipo de privilégio ou status social. Em sua condição de agricultor, e na obrigação que teve que coincidir no tempo indicado para emprestar seu trabalho nos campos ou ranchos, foi nivelada socialmente com todo o resto da cidade. Nem o trabalhador especializado em qualquer ofício recebia qualquer remuneração por seu trabalho. Ele trabalhava e produzia para sua comunidade e depois recebia comida, roupas e segurança social.

Em busca de autossuficiência

As Missões jesuíticas emergem como um sistema fechado de organização. Eram povos indígenas, localizados em uma área política e legal bem definida, em que o acesso dos brancos era proibido, salvo exceções autorizadas. Nem os Guarani poderiam sair e entrar livremente nessas missões. Essa situação representava concretamente a necessidade de alcançar a autossuficiência econômica.

O desafio era produzir tudo o que fosse necessário e o que não era possível produzi-lo adirir de fora, mas de tal maneira que a essência do sistema de redução não fosse violada, consistindo em cristianizar os Guarani e preservá-lo do contato com o resto do mundo colonial, que foi considerado prejudicial à sua educação no Evangelho.

Os fundamentos da autossuficiência estavam na prodigiosa geografia da região missionária e no atual sistema de solidariedade entre os Guarani. As aldeias se especializaram em determinados setores produtivos, de acordo com o ambiente ecológico que ocupavam. Um sistema de divisão de trabalho e produção



entre os povos foi posto em prática.

As cidades que estavam localizadas em regiões de campos com abundantes pastagens ficaram especializadas em produção pecuária, tal é o caso de Santo Tomé, La Cruz, Yapeyú, São Miguel, San Borja, San Lorenzo, San Juan Bautista, Santo Ângelo, San Luis e San Nicolás. Estas aldeias asseguraram o fornecimento de carne às reduções, além dos cavalos e ovelhas e o couro necessário para o artesanato.

Outras cidades eram preponderantemente agrícolas. Sementeiras ganhou popularidade em cidades como Santa María de Fe, Santiago, San Cosme e Damião, Trindade, Jesus, Santa Rosa, Itapúa, San Ignacio Guazú, San Ignacio Mini, Santa Ana, Candelaria. Outras cidades, como San Carlos, Apóstolos, San José, Santa María la Mayor e Concepción, localizadas em uma zona de transição entre o campo e a selva, eles foram capazes de desenvolver com sucesso suas semeaduras e ao mesmo tempo estabelecer fazendas muito boas no setor norte da bacia do rio Aguapey.

Depois, havia as aldeias especializadas na produ-

ção de erva mate, como Nuestra Señora de Loreto, Corpus Christi e San Javier, proprietários de importantes árvores de erva naturais e implantadas. Essas produções não eram exclusivas de outras, se a auto-suficiência era um objetivo do conjunto de missões, também era o objetivo de cada cidade. Nesse sentido, todos estavam interessados em alcançar um desenvolvimento produtivo harmonioso e equilibrado, tanto quanto possível. De qualquer forma, a satisfação da demanda do consumidor foi assegurada pelo intenso intercâmbio gerado entre os povos. Se algum bem não fosse produzido e fosse necessário para a comunidade, ele seria adquirido diretamente pelos escritórios que o povo Guarani possuía em Santa Fé ou Buenos Aires. Além disso, houve produções muito particulares, típicas de alguns povos. A fundição de sinos e prataria em São João Batista, tecendo em Martires, obtendo ferro em San José, pinturas e imagens em Loreto, e a imprensa em Santa María la Mayor e Loreto. A auto-suficiência econômica das missões jesuíticas Guarani era uma realidade.



Parte das edificações do povoado de São João Batista continuam soterradas



Anton Clemens Sepp von und zu Rechegg, cavaleiro e barão de Kaltern, foi o quinto de onze irmãos. Recebeu sua educação primária em Kaltern e Eppen, e depois em Viena, onde seus dotes musicais chamaram a atenção, ingressando no coro de meninos da corte imperial, onde permaneceu de 1664 a 1667, aprendendo também a tocar vários instrumentos. Em 1667 fez uma visita à Inglaterra, aparentemente com o objetivo de apresentar-se em público ou buscar um patrono. No ano seguinte estava de volta à Áustria, já desligado da corte e estudando no colégio da Companhia de Jesus em Innsbruck. Neste período participou de atividades culturais promovidas pelos jesuítas.

Padre Sepp: 'O gênio das reduções'

Nascimento: 21 de novembro de 1655,
Caldaro sulla Strada del Vino, Itália

Falecimento: 13 de janeiro de 1733,
San José, Argentina

Em 1674 iniciou seu noviciado em Landsberg e em 29 de setembro de 1676 fez seus primeiros votos religiosos. Estudou filosofia em Ingolstadt, e depois por cinco anos lecionou gramática, retórica, humanidades, música e canto em Landsberg, Solothurn e Lucerna como um estágio preparatório. Entre 1683 e 1687 aperfeiçoou-se em teologia e iniciou sua preparação para ser ordenado padre, já tendo manifestado seu interesse na obra missionária de ultramar. Em fevereiro de 1687 foi ordenado subdiácono e nos meses seguintes recebeu as ordens de diácono e presbítero. Em 1688 estava em Augsburg ensinando retórica e atuando como prefeito musical e maestro do coro, entrando em contato com proeminentes músicos. Seus primeiros exames de teologia e filosofia para os votos superiores da Ordem não foram muito bem sucedidos, obtendo o grau de coadjutor espiritual mas não o de professo, mas em março de 1689 foi enfim admitido como missionário

Depois de um ano viajando por várias cidades da Europa, ao encontro de um grupo de missionários de várias nacionalidades, esperando pela autorização final para a partida, e aproveitando para estudar espanhol e confeccionar imagens devocionais, em 17 de janeiro de 1691 deixou a Europa em direção às missões jesuíticas do Paraguai, embarcando em uma frota de três naus de guerra

Padre Antônio Sepp

espanholas.

Depois de uma viagem perigosa e extenuante, aportou em Buenos Aires, onde descansou por um breve período, entrando em contato com as práticas religiosas e os costumes locais, constatando a grande pobreza em que o clero se encontrava, carente de materiais básicos como livros missais e imaginária de culto. Além disso, a ausência de minas de ferro na região obrigava à importação de todas as ferramentas e utensílios deste metal, o que tornava seus preços exorbitantes. Isso dificultava todos os trabalhos e seria muitas vezes lamentado pelo padre nos anos seguintes.

Subindo em seguida o rio Uruguai com alguns companheiros, chegou em 1º de junho de 1691 à redução de Yapeyú, a mais próxima de Buenos Aires, sendo recebido com grandes festejos e sendo designado seu superior. Ali ficou até 1694, dedicando-se à catequese dos índios guaranis, ao cuidado de doentes, à educação escolar e à administração da redução, que dispunha de um grande rebanho de gado que vivia livre nos arredores, e cujos couros eram sua principal fonte de renda de exportação. Ele também tornou o local um florescente centro musical, ensinando os índios a cantar e tocar e construir instrumentos, prática que repetiria em outras reduções.

Entre 1694 e 1697 trabalhou nas reduções de Encar-

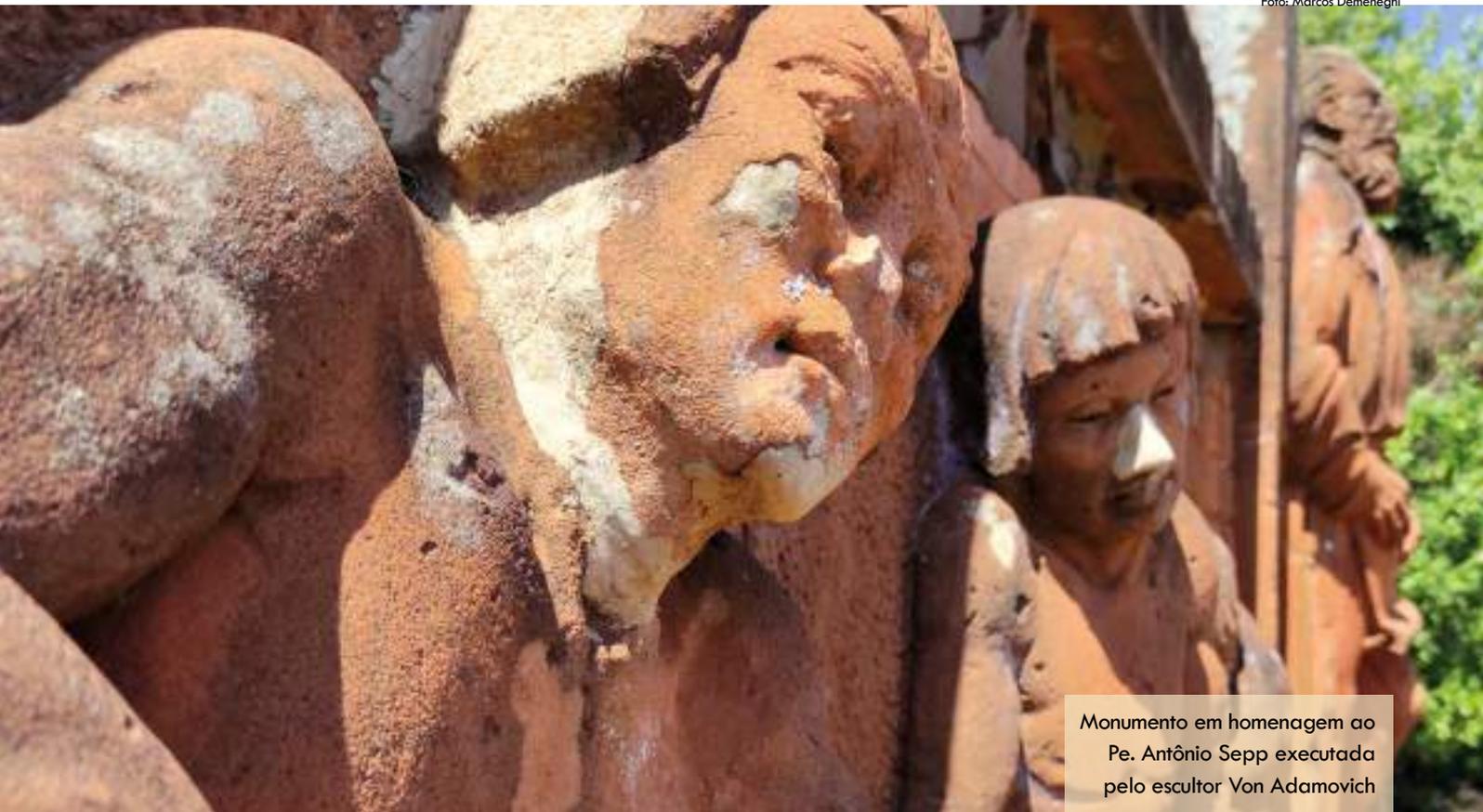
nación, Santa Maria da Fé, San Carlos e San Ignacio Guazú, enfrentando nesse período uma grande epidemia de varíola e atuando como médico. No ano de 1697 transferiu-se para a redução de São Miguel, um dos Sete Povos das Missões, onde recebeu o encargo de organizar a Redução de São João Batista, fundada por ele no mesmo ano, sendo o autor do traçado do aldeamento e dos edifícios, incluindo a igreja, decorada com requintes de luxo inspirados em modelos europeus. Durante as obras de preparação do terreno, encontrou uma rocha da qual se podia extrair ferro, para sua grande alegria.

O Padre Sepp fica em São João Batista até o ano de 1710 indo, por ordens superiores, no início de 1711, como cura da redução de São Luiz Gonzaga, onde permanece por três anos.

Em 1713 foi designado para São Xavier como coadjutor onde permanece menos de um ano. Também desempenhou como cura em La Cruz por 16 anos.

A última Redução que ele dedicou seu serviços foi São José onde chegou em 1730 e permaneceu até sua morte ocorrida em 13 de janeiro de 1733, aos 77 anos de idade. Seus restos mortais estão depositados em uma urna sob o altar da capela do Instituto Salesiano Pascual Gentilini construída no local onde fora a antiga Igreja da redução de São José.

Foto: Marcos Demeneghi



Monumento em homenagem ao Pe. Antônio Sepp executada pelo escultor Von Adamovich



Contribuições do Padre Antônio Sepp para o projeto das Missões Jesuíticas

O padre Arthur Rabuske faz um relato das principais méritos atribuídos ao Padre Antônio Sepp na implantação da Redução de São João Batista



- **Fundador da Redução de São João Batista em 1697**
- **Pioneiro da Siderurgia do Ferro e do aço na América com a construção do primeiro alto-forno**
- **Criador ou alicerçador das bases econômicas e agrícolas, que levaram as Reduções Guaranis a seus tempo de maior florescimento**
- **Introdutor da viticultura nas reduções e, em chão ora gaúcho, o primeiro cultor sistemático de algodão, sendo que em apenas três anos chegou a plantar em São João nada menos do que 300.000 pés de algodoeiros.**
- **Construtor do primeiro órgão com pedal da América espanhola na Redução de Nossa Senhora de Fé.**
- **Tradutor para o alemão de várias obras do nosso genial Antônio Vieira (1608-1697), de que o Padre Sepp era grande admirador na retórica sacra, nos escritos marianos e, sobretudo, em suas lutas a favor da liberdade dos índios.**



Padre Antônio Sepp

Arthur Rabuske

Padre Antônio Sepp também redigiu ‘manuais de instruções’ sobre materiais construtivos e suas aplicações, cultivo agrícola, tecelagem, tratos culturais, entre outros. Estes escritos se tornaram referências para os padres recém chegados, que usavam as técnicas em outros povoados.

Construções (uso das madeiras)

As madeiras que se usam para as soleiras chamadas sararás (vigas) e que se devem cortar sempre nos minguantes do inverno, são as seguintes:

Apiterebi, auiú, anguaí, juquipitanguí, querandi e madeira amarela, isanguí também amarela. Para as cumieiras das Igrejas ou casa do padre, o taxifo. Mas para as cumieiras das casas dos índios também serve Juquipitanguí. Para os postes, o Urundá, chamado quebra-machado, ou o taxifo.

As madeiras que se usam para os sararás também se usam para os texapiritas (través que sustentam as telhas). Os cedros se usam em todas as coisas que devem conter ouro e prata, e para todo gênero de tábuas e canoas. O timboí para tábuas e canoas é madeira muito grossa.

Telhas

Para que o barro seja bem amassado como o pão, devem entrar no barral, pelo menos três dias seguidos, pela manhã e à tarde, as vacas ou touros do incapi ou seja os bois mansos. Com isso as telhas resultam mais fortes, sem quebrar-se no forno. As telhas, que nos lados ou na porta do forno algumas vezes, conforme o vento, costumam não queimar bem, colocam-se depois na fornalha no centro do forno.

Telhados

- A fim de colocar bem as telhas contra os ventarões dividem-se em três partes: duas partes em cima e uma para fora.
- As telhas sobre as cumieiras devem ser maiores e mais largas que as dos canais, a fim de cobrir e abraçar todo o cablete ou seja, o ogapirita.
- As telhas do cabrante devem ter canal duplo, isto é, duas telhas grandes, porque aí se juntam as águas.



Caligrafia do Padre Antonio Sepp

Chácaras e sementeiras algodoadis

No minguante de agosto devem-se cortar os algodoadis, e depois de cortados, se aram e, arados, os rapazes ou raparigas lhe arrancam as malezas que se criam no meio das plantas e que o arado não pode arrancar nem limpar.

Três vezes pelo menos devem-se arar, depois das plantas terem crescido um pouco até que floresçam, e sempre se lhes dá de arrimar terra em redor das plantas como que alporcando-as, devido às chuvas que soem subtrair-lhes a terra, deixando nuas as raízes, motivo por que envelhecem logo e não dão fruto.

Nos algodoadis novos devem-se ressemeiar as falhas que não vingaram.



Padre Antônio Sepp

Arthur Rabuske

Ervais

As plantas que devem ser transplantadas, um ano antes de alporcar e cobrir com terra, se torcem, oipoca, assim como os sarmentos da uva, do contrário não deitam raízes. Dois meses antes de transplantá-las, cortam-se da madre ou tronco da arvore e se cobrem outra vez com terra, depois de uma chuva. Sempre se transplantam depois de haver chovido, em junho, julho ou agosto.

As plantas uma da outra hão de ter quatro varas de largura em quadro. Os buracos devem ter uma vara de profundidade e outra vara de largura em quadro.

Faz-se a erva em dezembro, quando os rebentos estão já maduros e sazonados. Quando se transplantam, depois de cortadas, tira-se cada planta com a bolsa de couro para levá-la ao lugar do plantio.

Quando se põe nas covas, deve-se pisar bem com os pés em redor. Os buracos não devem encher totalmente, deixando ao menos o espaço de um pé vazio para recolher as águas, e conserve-se a planta na sombra em tempo de calor.

Vinha

As vinhas na quinta do padre são mais seguras; embora pequenas, rendem o que basta para o que precisam dois padres, pois, durante 14 anos que estive na redução da Cruz, nunca faltou vinho, nem uma só vez mandei à Candelária em busca de vinho, antes me sobrava para presentear os padres vizinhos.

A melhor uva para fazer vinho é aquela branca de bagos grandes como uma bala de escopeta; também a uva molar é boa, mas tem muito humor líquido, e o vinho dela não só durar muito, especialmente em tempo de calor. Ao passo que o vinho da dita uva branca me durava quatro e mais anos sempre doce.

Os buracos dos sarmentos (ramo de videira) devem ter uma vara (85 centímetros) em quadro e uma vara de profundidade. Quanto aos sarmentos, devem ser escolhidos aqueles, que no ano anterior deram uvas, e sejam mais fortes.

Os sarmentos, colocados nas covas, devem ser torcidos, pocapire (o mesmo que torcido), e o torcido devem se por deitado e não levantado. Um palmo, não mais, com três gemas fora, para cima.

Os buracos não se devem encher de terra totalmente, a fim de que a própria planta vá crescendo e buscando o sol. Estando os sarmentos, depois de um ano, algo crescidos, põe-se-lhes uma estaca tutora, a fim de que os troncos cresçam direitos e não tortos.

Demais manuais de instruções redigidos pelo Padre Sepp

- Milho
- Estâncias (gado)
- Ovelhas
- Tosquia
- Repartição dos novilhos e touros à gente
- Como se devem distribuir os índios em todas as suas fainas
- Adobes
- Carretas
- Conduzir touradas para as Reduções
- Queimar telhas
- Poda
- Vindima
- Cozimento
- Tráfega do vinho
- Conservar melancias e tunas de um ano para outro
- Modo de semear milho para que tenham milho verde até maio para comer
- Tabaco
- Quando se devem atar os bois para o trabalho
- Fiar
- Tecer
- Para fazer um bom pão mesmo em tempo de frio



São João Batista e o Cristianismo Feliz dos Jesuítas na América



Por - José Roberto Oliveira

Nenhuma outra Redução Jesuítica Guarani dos 30 Povos tem tantos elementos escritos e desenhados, quanto São João Batista. São informações que permitem compreender o cenário completo e imaginar como era a vida daquele povo nos anos de 1697 em diante.

Grandes pensadores da humanidade escreveram sobre as Missões, imagino que estavam descrevendo a Redução Jesuítico-Guarani de São João Batista.

Penso isto nos escritos de Montesquieu, um dos principais escritores do Iluminismo, quando diz sobre “o primeiro estado industrial da América”, ou ainda o que escreveu o seu companheiro da Revolução Francesa Voltaire, quando diz que as Missões “foram um verdadeiro triunfo da humanidade”. Entre estes, é fundamental conhecer frases de Muratóri, o principal filósofo italiano dos 1700, no seu livro ‘O Cristianismo Feliz nas Missões Jesuíticas’, ele expressa muitas ideias magníficas sobre os acontecimentos daquele período:

“Um espetáculo digno de louvor entre os homens, quase causando inveja aos próprios anjos ou Santos do Paraíso, é pois admirável a multidão desses apostólicos operários que espontaneamente correm todos os dias para se unirem, sob a imagem do crucificado, e partirem para as Missões, com fervor e zelo e todos ansiosos para partirem para uma linda meta”

Muratóri, p. 19



A chegada de Antônio Sepp nas Missões

Por - José Roberto Oliveira

Wolfgang Hoffmann Harnisch, na apresentação do livro de Antônio Sepp (1980), explica que ele nasceu a 22 de novembro de 1655 em Kaltern, perto de Brixen (hoje Caldaro – Itália), no Vale do Etsch, no Tirol. Muito moço foi a Viena, porque figura como Menino-Cantor, na corte imperial. Recebeu segura e sólida formação em música vocal e instrumental por parte do mestre-capela de Augsburg. Em 1674, aos 19 anos entra na Companhia de Jesus. Aos 36 anos, em 1674 parte do Porto de Cádiz, com 44 missionários para as reduções guarani (p. 27-28).

Na chegada, no Porto de Buenos Aires, Sepp vê a grandiosidade do que era a produção nas Missões, pois os navios que trouxeram os sacerdotes e mantimentos retornaram para a Europa com 300 mil couros grandes de boi, além de muitos outros produtos, o que demonstra claramente que já naquele período o processo de produção e exportação era magnífico (Oliveira, 2009).

Sempre importante lembrar que a principal experiência espanhola em território brasileiro foi um processo de produção e exportação. Os principais artigos exportados pelas reduções eram o mate, o fumo, o algodão, o açúcar, os tecidos de algodão, os bordados, as rendas, os objetos trabalhados em torno, mesas, armários, e baús de madeiras preciosas, esculturas, peles, curtumes e arreios de couro, rosários e escapulários, mel, frutas várias espécies, cavalos, mulas, e carneiros, assim como e excedente de diversas indústrias, como a de instrumentos musicais. Todos eram vendidos à Europa, Corrientes, Santa Fé, Lima, Buenos Aires, entre outros. Importavam produtos manufaturados e metais. Toda a produção era orientada para a satisfação das necessidades do todo (Oliveira, 2009).

Harnisch (1980), sobre Antônio Sepp afirma que

começou sua ação missionária em Japejú, depois seguiu para São Miguel, onde foi pároco por algum tempo e em 1697 fundou São João Batista com parte do povo miguelino (p. 29).

É importantíssimo ter em mente de que as Reduções iniciaram em 1609, com a fundação da primeira redução, depois se somaram, naquela primeira fase 13, onde hoje é o Estado do Paraná, depois cerca de oito onde é o Estado do Mato Grosso do Sul, e 18 onde é o atual Rio Grande do Sul. Estas que estavam do lado brasileiro, todas, foram expulsas nos ataques dos Bandeirantes. Retornaram para o lado hoje brasileiro a partir de 1682 com a fundação dos Sete Povos das Missões (Oliveira, 2009).

Bem interessante pensarmos em quem foram os cristãos guaranis da fundação de Sepp, pois o povo originário é o de São Miguel Arcanjo, fundado por Cristóvão de Mendonza em 1632, depois transferido para o lado direito do rio Uruguai em 1637, mais tarde se movimentaram para o território miguelino atual em 1687 e finalmente Sepp os conduz a nova terra (Oliveira, 2009). Esta cronologia indica que as famílias que Sepp dividiu formando a nova redução tinham já 65 anos de cristãs e depois na expulsão dos jesuítas, 136 anos de cristianismo.



A fundação em 1697

Por - José Roberto Oliveira

“Armadas as nossas barracas, acampamos aquela noite ao pé da mencionada colina, onde depois, plantei o meu pomar. Na outra manhã ao nascer do sol, subimos o outeiro onde erigimos o estandarte da Cruz salutar, em sinal da tomada de posse daquela terra”. Era 14 de setembro de 1697, dia da Festa de exaltação da Santa Cruz.”

Sepp (1980, p. 198), sobre o tema da fundação, diz que em 1697 foi enviado a maior de todas as Reduções, a de São Miguel para dividir aquele povo. “Bem árdua, na verdade, me era esta tarefa, a mim que conhecia quantas e quão grandes fadigas demandava a fundação de novas colônias deste gênero”. Seguindo expressa suas ideias:

“... se te dissessem: Vamos, amigo, divida uma povoação onde contam + de 6.000 almas, e conduza a metade para um campo raso, onde nada absolutamente se encontra, além da terra chã, onde não há lavoura nem habitação, mas só se depara a gleba inerte, a terra inculta de lés a lés. Qual sua disposição de ânimo à vista disto, piedoso leitor? Estes e infinitos outros incômodos me aguardavam, mas não me amedrontavam, pois quem me animava e confortava era o braço forte do Deus Onipotente”.

Conta Sepp que vinte e um caciques com suas 750

famílias se associaram e partiram para nova terra (p. 200-201):

“Depois de termos andado por um dia inteiro, afinal, pelo entardecer, se nos abriu suavemente a terra, em leve declive ao pé de um outeiro cercado de ameníssimos bosques. Nestes, abundava a madeira, necessária não só para combustível, como também para construir a casa dos índios, a igreja e a minha moradia”.

Explorar o sítio era necessário, diz o autor:

“... se era palustre, arenoso, etc..., a que vento estava exposto, se rodeado de montes e bosques, se irrigado por riachos e rios aprazíveis; além disso a abundância de águas e fontes, a salubridade, claridade, cópia de pedras e rochas para fender, ou a falta delas; a qualidade do solo e da argila para o fabrico de telhas e tijolos, e mil outras cousas necessárias para fundar uma aldeia ou uma povoação” (p. 201-202).



Por - José Roberto Oliveira

A pedra ferro

O mesmo fundador diz que levou com ele trezentas juntas de bois para sulcar a nova terra e que tinha apenas 100 enxadas para 750 servidores, isto por falta de ferro. Mas que encontrara a ‘pedra de ferro e aço’ e já não necessitava do ferro espanhol para isto (p. 205). Sobre o famoso tema de encontrar a pedra que retiraria o ferro e aço Sepp (p. 225), em suas cartas a seus irmãos na Europa escreve:

“Uma coisa não posso calar aqui. Vale a pena mencioná-la, porque embasbacará todos lá na Europa e apregoará alto e bom som a Divina Misericórdia... Que será? Quem o ouve, regozije-se comigo como se eu tivesse escavado um tesouro no meu campo: foi encontrado ferro e aço. O divino Mineiro não os tirou das entranhas da terra, mas quis pô-los a descoberto numas pedras, que aqui existem a granel. Para mim e meus índios, este tesouro é, de certo, mais precioso que toda pedra preciosa”.

Atualmente, mais do que nas paredes restantes da antiga redução, as quais foram construídas com este material, os visitantes podem ver claramente nas proximidades do sítio arqueológico de São João Batista uma série de locais, cantarias, onde a pedra itacuru pode ser observada, as minas estão aparentes e podem ser estudadas (Oliveira, 2009).

O modo de como Sepp utilizava as pedras para seus trabalhos de ferro e aço, explica (p. 227):

“O modo de purificar é o seguinte. Levanta-se um forno de tijolo cru, numa altura de cerca de dez pés e numa largura de seis pés. Deixa-se no meio um suspiro ou chaminé de um pé quadrado, por onde o fogo possa respirar. Por esta chaminé deitam-se seis porções de carvão e uma de pedra brita. A pedra deve queimar antes para se desfazerem os espessos vapores da terra, de que está umedecida. Logo que se acender o forno, cumpre atizar o fogo com ventilação forte e regular; assim aos poucos, pela arte espagírica, os minérios se vão separando, e o ferro desce para a parte inferior; as escórias ou fezes saem pelo buraco para isto aberto e se segregam.

x Enfim, quando em vinte e quatro horas contínuas a massa de ferro

mais ou menos se fundiu, abre-se o forno e por um orifício tira-se o embrião incandescente. É malhado então a fortes marteladas, recebendo a forma de enxadão, foice, cunha, machado ou lâmina, como se quiser. Este mesmo ferro se endurece em aço conforme a diversidade de têmpera ou temperatura, que se lhe dá pela infusão de água, quando incandescente. O aço resultante é melhor que o de Milão; a qualquer golpe de ferro ou pedra levanta uma poderosa chama. A dificuldade está principalmente em que se deve empregar não qualquer carvão, mas o que resulta da cremação lenta e subterrânea de uma madeira duríssima. A experiência me fez carvoeiro e ferreiro, já que é necessário fazer-se de tudo para todos o missionário apostólico”.



Por - José Roberto Oliveira

Agricultura

Sepp, sobre como plantavam o milho, nas roças recém formadas, elemento fundamental para a alimentação dos guarani:

“O garoto, ou garota pega de uma acha ou taquarinha ao seu alcance e com ela remexe as cinzas, fazendo um buraco de meio dedo. Neste lança três ou quatro grãos de milho, ou ervilhas ou favas. A seguir, com o pé, não com a mão, cobre com cinza os grãos confiados à terra” (1980, p. 206).

Com relação ao cultivo do algodão necessário para a confecção de roupas há descrições de que a espécie crescia em abundância na Paracuária e a colheita era feita pelas moças que iam em turmas, já que lhes caberia em recompensas um vestido de algodão.

Importante lembrar que foi este jesuíta que iniciou o cultivo do algodão no atual território do Rio Grande do Sul.

Somente para a comunidade de minha aldeia mandei plantar mais de cem mil pés de algodão. Tecido este que produziu mais de vinte mil braças de fazenda, outras vezes ainda mais... antes de ser lançada a semente à terra, os meus músicos, que são os mais sagazes de todos, primeiro estendem cordéis longitudinal e transversalmente”... (p. 211).

Arquitetura e urbanismo

Para organizar o sistema urbano da redução:

“dividi a planície ou área da futura aldeia em duas partes iguais, de modo que uma ala, ou parte da aldeia, contasse de largura tantos pés geométricos quanto a outra. A paróquia ou templo, e a casa dos padres missionários, ocuparia o meio da praça. Esta praça seria o centro, donde partiriam as ruas paralelas, igualmente distante de um lado e o outro” (Sepp, 1980, p. 220).

O autor informa ainda que as fontes de água eram em número de quatro, e estavam ao sopé da colina (p. 222). Quanto à construção do templo, Sepp (1980), explica:

“No que toca às colunas, cuidei para que primeiro fossem enterradas numa profundidade de oito pés e bem calçadas com pedras, de sorte que depois podiam ser levadas sem susto à altura de uns cinquenta pés. Desde o presbitério até a porta da igreja, inclusive, levantei vinte e quatro colunas em série igual de ambos os lados. Ficava uma da outra vinte pés geométricos.

Tem três naves, como chamam os espanhóis, ou pórticos, o maior no meio, de 25 pés, os do lado 20. A igreja, juntamente com a sacristia, presbitério e vestíbulo ante a porta, estendesse por 200 pés geométricos, o necessário para abarcar tão grande massa de povo. Cinco portas tem o templo duas laterais e três no frontispício destas, a maior é a do meio, que não somente oferece espaçosa entrada ao povo, mas também ela só projeta no recinto tanta luz que, mesmo

estando todas as janelas fechadas, sempre tem luz que, mesmo estando todas as janelas fechadas, sempre tem luz meridiana, claríssima. Esta primeira e principal porta mede 20 pés de altura e 12 de largo; as laterais não são muito menores, de sorte a bastarem para dar ingresso ao povo, mesmo em procissão.

Portanto, depois de levantadas as colunas e pronto o vigaamento de maneira a não cederem ao peso, firmei a construção e a escorei fortemente com enormes pilares, para que as paredes não vacilassem. E já que as circunstâncias não permitem adiar mais (pois sem dúvida era necessário que todos os índios cristãos assistissem comodamente nos dias de festa e domingos ao santo sacrifício da missa e estivessem presentes à doutrina)... Que trabalho tudo isto há de custar, cada um o imaginará facilmente” (p. 223)

Sobre a sequência dos trabalhos de acabamento da igreja Sepp (1980) indica:

“Iniciei os trabalhos com o aparelhamento da Igreja. Zele, em primeiro lugar, por um assim chamado tabernáculo de cedro. Foi feito segundo o modelo de nossa igreja de Landspergen, o qual, como ainda me lembro, fabricou o R. Pe. Wolfgang Leiberer, de saudosa memória, no tempo de seu noviciado. Sustentavam o céu quatro gênios alados, como outros tantos Atlantes, sobre cujas cabeças se emborça a cornucópia pejada de vários e ótimos frutos. No meio como que em trono real, entre quatro colunas coríntias, vê-se pequena estátua milagrosa da Virgem de Oettingen. Debaxo desta fica o sacrário com

Por - José Roberto Oliveira

o Santíssimo Corpo de Cristo. Tudo isto é finamente trabalhado em cedro, com embutidos de ouro e madrepérola e entremeados, como em obra frígida, de vários relicários, pequenos espelhos e pseudo-pérolas, isto é, vidros transparentes. A obra, até o presente nunca vista em nossas Reduções, chama merecida atenção não só dos naturais, mas até dos nossos padres missionários, quer mireem a arte do escultor ou o bom gosto do pintos.

Terminado o sacrário ou tabernáculo, edifiquei próximo ao templo uma capela igualmente de tábuas de cedro, em octógono, segundo o plano da capela de Oettingen. As paredes porém, são de pedras. As oito janelas abertas na cúpula derramam copiosíssima, jucundíssima luz por todo o recinto. É construção inteiramente nova nestas paragens” (p. 237).

Sepp segue contando de como planejou e construiu o conjunto de sua igreja (1980, p. 237-239):

“Depois da capela, arranjei o confessionário e... O púlpito de forma octogonal, apresenta nas primeiras quatro curvaturas os quatro evangelistas, e nas outras os quatro principais doutores da igreja. Se for lícito comparar o pequeno com o grande, afirmo que a obra não é dissemelhante à catedral de Augsburg na igreja de São Maurício.

Digno de ser visto em minha igreja é sem dúvida também o enorme candelabro octogonal, dependurado no lugar da lamparina, junto a grade do presbitério... Os altares vão se fabricando, aos poucos, de cedro... No altar-mor vê-se o padroeiro da povoação, São João, batizando a Cristo no Jordão; pouco mais acima o padroeiro da antiga redução, o arcanjo

São Miguel, recalcando no inferno a Lúcifer; os lados inferiores ocupam Santo Inácio e São Francisco Xavier, os superiores, os dois príncipes dos Apóstolos, São Pedro e São Paulo, reproduzidos em cores. O altar lateral do lado do Evangelho é consagrado a Jesus, Maria e José; o do lado da Epístola a meu padroeiro Santo Antônio.

A igreja está pintada a diferentes cores. Pelas colunas entrelaçam-se, não sem elegância, cachos de uva e ramalhes de flores, como heras. Veem-se dependurados nas paredes quadros de diversos santos...

Subamos agora ao telhado. Onde arranjar as telhas para cobri-lo? ... Junto ao sopé da colina em que assentei o aldeamento, encontrei ótimo barro ou argila, resistente, pegajosa e muito apropriada para cozer tijolos. No espaço de quatro meses cozi mais de cem mil.

Para o cozimento dos tijolos e telhas fez-se mister abrir enormes covas, nas quais construí três fornos com capacidade de cerca de quatro mil telhas cada um... Não só deveria fazer telhas, mas também tijoletas para cobrir o pavimento. Consegui-as com tanta facilidade que não me lembro de tê-las visto melhores na Europa. São hexagonais... juncadas de frutas e flores... o barro mole assume todas as formas. Se lhe imprime a tulipa, reproduz a tulipa; gravando-se uma rosa, ter-se-á uma rosa”.

Sobre o aumento das alfaias do tempo, Sepp (1980) descreve:

“Penetrando na sacristia, surpreenderás ali seis minúsculos passamaneiros a confeccionarem várias rendas, bordados e albas sacerdotais. Afóra de seis albas que trouxe da antiga vila, mandei fazer três novas. São quase que

inteiramente rendas: não só a fimbria, senão toda a parte inferior, desde a cintura vem ocupada de rendas de Flandres”.

Em sequencia analisa que as sobrepelizes, que usam os acólitos tanto nas missas como nas vésperas mais solenes, são trabalhadas com igual arte pelos indígenas da redução. Diz que “para as diversas cores e festas, confeccionei também casulas e frontais. Extasiam a vista com suas franjas de ouro e prata” (p. 240).





Por - José Roberto Oliveira

A sensibilidade artística e o cristianismo feliz

“O que é mais admirável, é que todos os instrumentos musicais da Europa, foram introduzidos nas missões e são tocados pelos bons índios (cristãos, fiéis, convertidos), como órgão, a guitarra, a harpa, o violino, o violoncelo, o trompete, a flauta, tambor, oboé, corneta, trombone, e os demais instrumentos. Esses instrumentos, não só são tocados por eles, como são construídos por eles. Qualquer pessoa que passe por aqueles lugares e ouvisse uma música bem tocada, no ritmo e executada tecnicamente, pensava que estava na Espanha, pois a perfeição com que tocam, não é inferior a Espanha” (p. 97).

Sobre as festas Sepp (1980) afirma que é costume nas terras de Espanha fazerem danças nas festas mais solenes. Nas procissões constituiu oito dançarinos, às vezes doze e mais:

“Quando o celebrante sai da sacristia, estes, de velas acesas na mão, precedem dois a dois. Dois deles vão queimando continuamente aromas: as nuvens odoríferas se difundem por toda a igreja. Outros espalham flores no trajeto que o sacerdote perfaz para aspergir o povo com água lustral... Estes graciosos dançarinos atraem a Atenção de todos, principalmente quando preno a seus pés chocalhos ou guizos” (p. 242).

Para o ouvido dos indígenas, diz o escritor, são tão agradáveis que parece não haver coisa mais gostosa do que esta dança.

Sobre a habilidade dos indígenas para trabalhos mecânicos Sepp (1980), comenta que dedicou todo o interesse aos misteres deste tema. Diz que é indispensável ao desenvol-

vimento os arquitetos, os ferreiros, os marceneiros, os tecelões, os fiandeiros, os curtidores, os oleiros, etc. Comenta que tudo isto já se encontra em São João Batista. Pintores, músicos, tipógrafos. Constroem órgãos, cítaras, clavicórdios, saltérios, fagotes, flautas, fístulas, tiorbas, e cornetas. “Este mês mandei aprontar várias verrumas ou brocas de ferro que servem para fazer flautas e fagotes”. Diz que quem ensinou os nativos a fazerem tudo isto foi ele pessoalmente (p. 244-245).

Segue dizendo que produzem tapetes tão bons como os tapetes turcos. Fabricaram sinos de bronze, fundiram tachos de estanho, fabricam relógios que dão horas, esferas astronômicas onde gravam os graus e minutos com grande precisão (p. 245).

Na mesma linha analisa que para os serviços mecânicos os indígenas têm olhos de lince, o que viram uma só vez pode estar convencido que o imitarão. O mesmo ocorre com as regras de proporção. “Se lhes puseres nas mãos alguma figura ou desenho, verás dai a pou-

co executada uma obra de arte, como na Europa não pode haver igual” (p. 246).

Muratóri apresenta o cenário de como estavam os profissionais nativos, depois de treinados:

“As artes ensinadas a eles pelos missionários, ou pelos irmãos coadjutores, desenvolveram-se entre os índios de tal modo, que hoje existe um grande número de pedreiros, carpinteiros, ferreiros, arquitetos, escultores, douradores, entalhadores, e muitos outros ofícios, que cada um se esforça para se aperfeiçoar cada vez mais. Há muitos que sabem fundir o ferro e o bronze para fabrico de sinos e de instrumentos musicais. As mulheres aprenderam a fiar, a tecer, coser, e fazer vestes. Qualquer um podia colher o algodão e fazer tecidos. Outras vestes são fabricadas com a lã da ovelha. Os homens fazem o trabalho de tecelão para o público” (p. 130-131).

Em São João Batista foi o grande lugar onde Antônio Sepp

**Por - José Roberto Oliveira**

pode dedicar ao que mais amava que era a música, ali teve sua grande orquestra e coro. Sobre este tema Muratóri explica:

“Além da inclinação inata para a música oral, voz suave e melodiosa, também possuem uma grande habilidade para instrumentos musicais e uma predisposição para aprender tudo quanto se refere ao canto e ao som. Possuem ótima voz e podemos constatar, muito mais bela e harmoniosa do que nos demais países” (1993, p. 96).

Na mesma linha da musicalidade, o mesmo autor indica:

“O que é mais admirável, é que todos os instrumentos musicais da Europa, foram introduzidos nas missões e são tocados pelos bons índios (cristãos, fiéis, convertidos), como órgão, a guitarra, a harpa, o violino, o violoncelo, o trompete, a flauta, tambor, oboé, corneta, trombone, e os demais instrumentos. Esses instrumentos, não só são tocados por eles, como são construídos por eles. Qualquer pessoa que passe por aqueles lugares e ouvisse uma música bem tocada, no ritmo e executada tecnicamente, pensava que estava na Espanha, pois a perfeição com que tocam, não é inferior a Espanha” (p. 97).

Como exemplo, sobre os serviços espirituais realizados pelos padres junto aos reduzidos, Muratóri apresenta dados do Padre Cattaneo, que indica os números da catequese de uma redução, onde haviam 1002 meninas e 960 meninos de idade até 15 anos (p. 102).

As festas religiosas eram momentos muito importantes:

“Todo o povo se reúne nas vésperas e recitam o rosário, empregando o tempo até o anoitecer. Na manhã do dia da festa, a população acorda com o som solene dos sinos. Os padres atendem a confissão e terminado o sacramento da penitência, cantam todas as orações, até que todos os fiéis estejam na igreja para a missa. Começa o sermão do dia do Santo ou da festa do Mistério da Igreja. Terminada a missa todas são liberados, permanecendo no recinto apenas aqueles que comungaram, para a ação de graças, e as crianças continuam cantando, até que tenha gente na igreja para que a devoção cresça.

Para a Festa do Corpo de Deus, os fiéis ador-

nam totalmente a igreja, a praça e as ruas por onde deve passar a procissão, arrumando tudo com grande beleza. Mesmo dentro da sua pobreza se esforçam para pôr esses pobres ornamentos da campanha de tal modo, ordem, variedade e proporção que faria inveja às nossas cidades da Europa, com suas artes de tapeçaria, pinturas e brocados. Constroem arcos largos como as ruas, levantam-nos de distância em distância e revestem com ramos de árvores com as devidas proporções. Enfeitam com as diversas flores, que a natureza cobre a terra durante aquela estação... pássaros são amarrados num pé (de árvore) de modo que possam saltar de um ramo a outro, possam fazer pompa com suas cores. Ao lado da estrada colocam os filhotes de tigres, e outras feras, bem amarradas para que não causem danos e nem perturbem as funções, e isto para eles é grande solenidade, como em algumas cidades da Itália, onde tinham gaiolas ou viveiros com essas feras. Ao mesmo tempo as senhoras se ocupavam no fabrico de farinha de trigo, ou de milho para fazer bolo, tortas cozidas ao fogo e depois, coloca-las nas arcadas, ou colocam no chão, como tapeçaria.

Recolhidas todas as espécies de frutas, hortaliças que a terra produz, unem e armam como ornamento e colocam nas paredes bem ordenadas. E sobre essas mesmas paredes, estendem cobertores delicadamente trabalhados com penas de várias cores, bem simétricas, que os tornam belíssimos. E tudo se apresenta muito belo, porque, como já dissemos, as estradas eram largas, retas e iguais. Nas reduções, eles espalham ao lado da estrada por onde deve passar o Santíssimo Sacramento, as sementes, de grão de milho, legumes com os quais costumam semear os campos. Essas sementes participam assim das bençãos de Deus, ara se multiplicarem de acordo com suas necessidades” (p. 114-115).

Explica que no fim da missa solene cantada, se organizava a procissão do mesmo modo que se faz a Europa. O sacerdote, debaixo do baldaquim, com as vestes sacerdotais e a capa pluvial, segurada nas pontas por sacerdotes e na falta deles por dois clérigos, acompanhavam todos os cantores.

Na festa do Santíssimo Padroeiro, ou Protetor da Redução, a participação era maior, pois se convidavam duas ou três reduções vizinhas, para manter a fraternidade e a benevolência entre eles (p. 117).

O mesmo escritor Muratóri diz que ao ver dele: “A liberdade bem disciplinada, uma provisão sufi-

Por - José Roberto Oliveira

ciente para o alimento, a roupa e a casa, a paz entre todos, e a tranquilidade de ânimo, são ao meu ver, os verdadeiros e sólidos ingredientes, que formam a felicidade de um povo” (p. 124).

Sobre o quanto as reduções se pareciam à vida dos primeiros cristãos, Muratóri indica que era um estado invejável o daqueles habitantes, pela comunhão de bens que se praticava entre eles. Todos eram ricos de abundância e se mantinha uma certa igualdade. Nenhum podia ter mais do que o outro, os necessitados encontravam tudo o que necessitavam para suprir suas necessidades, “também nisso há semelhança com os primeiros cristãos e com a igreja primitiva” (p. 141).

Sobre o início do cooperativismo no mundo a partir das Missões, Perius (2020, p. 8) escreve: “... o cooperativismo, a nível mundial, teve sua origem em terras missioneiras da América do Sul, a partir da organização das cooperativas das reduções jesuíticas dos índios guaranis há 410 anos, em que os princípios cooperativos

foram praticados”. Na criação das cooperativas inglesas, posteriormente, já se previa que seriam com o modelo “Colônia Indígena”, ou seja, tinham conhecimento dos acontecimentos das reduções (p. 13).

Harnisch (1980, p. 36), conta que o altar-mor e o tabernáculo em cedro puro, ricamente dourado e encrustado com madrepérola, os altares laterais e efígie do Santo Antônio de Lisboa, mandada fazer pelo Pe. Sepp pelo enorme preço de mil pesos na redução de São Nicolau, rico púlpito com as quatro

estátuas dos Santos Evangelistas da Igreja Católica, também estas douradas e encrustadas com madrepérola, o grande candelabro de prata com os trinta e dois braços, o órgão, o relógio, os doze apóstolos, os quais durante 60 anos marcharam em redor do mostrador – tudo isto desapareceu! Foi-se a tijolaria, o forno de fundição, as plantações de algodão e o vinho, o jardim de Maria, foram-se os milhares de prestativos indígenas, cujos braços tornaram possível todos estes milagres, foi-se o valente padre tirolês desde há muito tempo transformado em legítimo guarani. Diz que o ‘capoeiro’ venceu a tentativa de transplantar um pedaço do mundo europeu para o território americano.

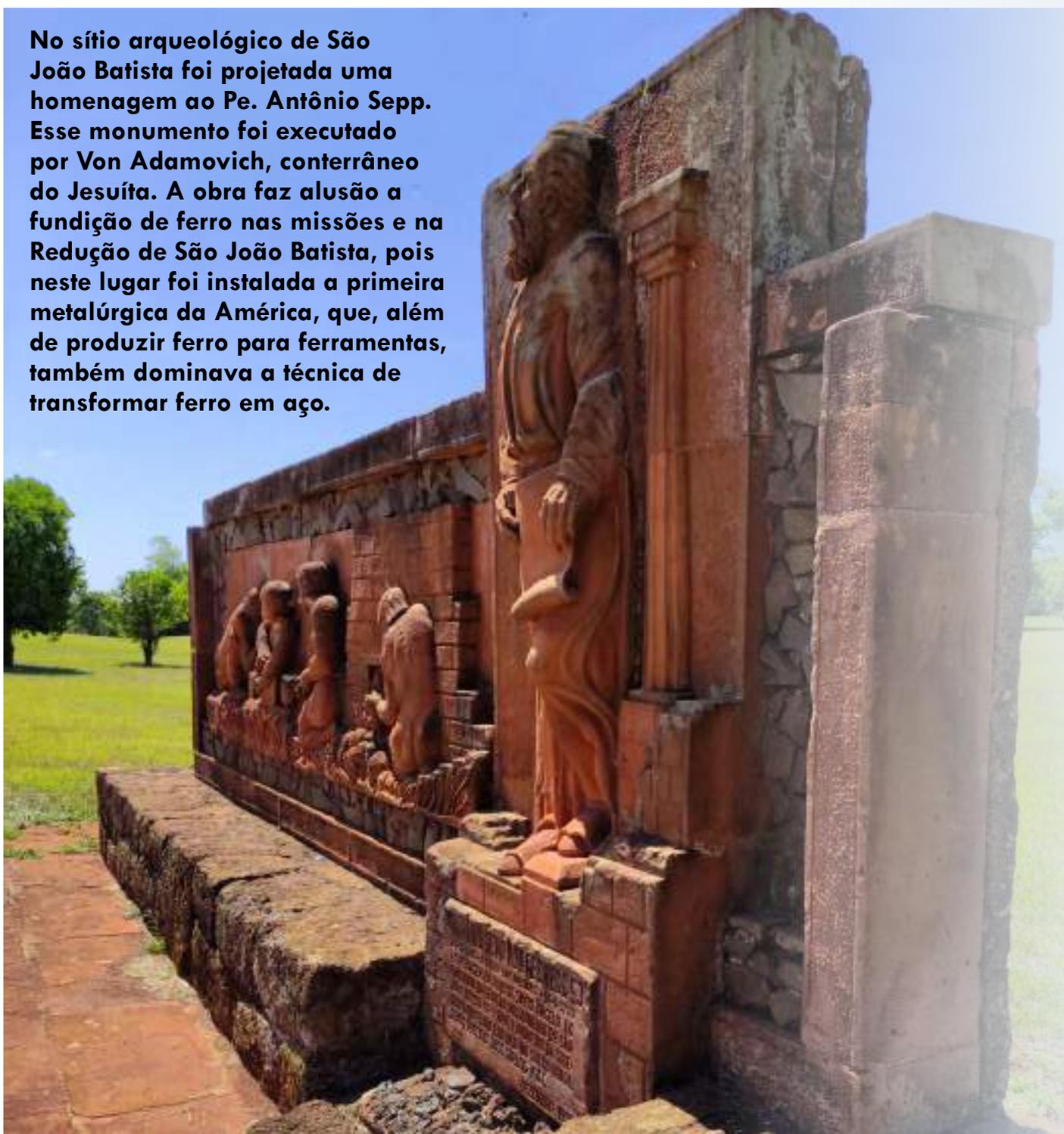
Para aqueles que querem mergulhar em uma espécie de elo perdido entre a Europa dos anos 1600 e 1700 e os reflexos na América, é importante olhar com os olhos da alma estes restos arqueológicos que no passado tiveram o melhor do sonho do Tirol nas terras americanas missioneiras: São João Batista.

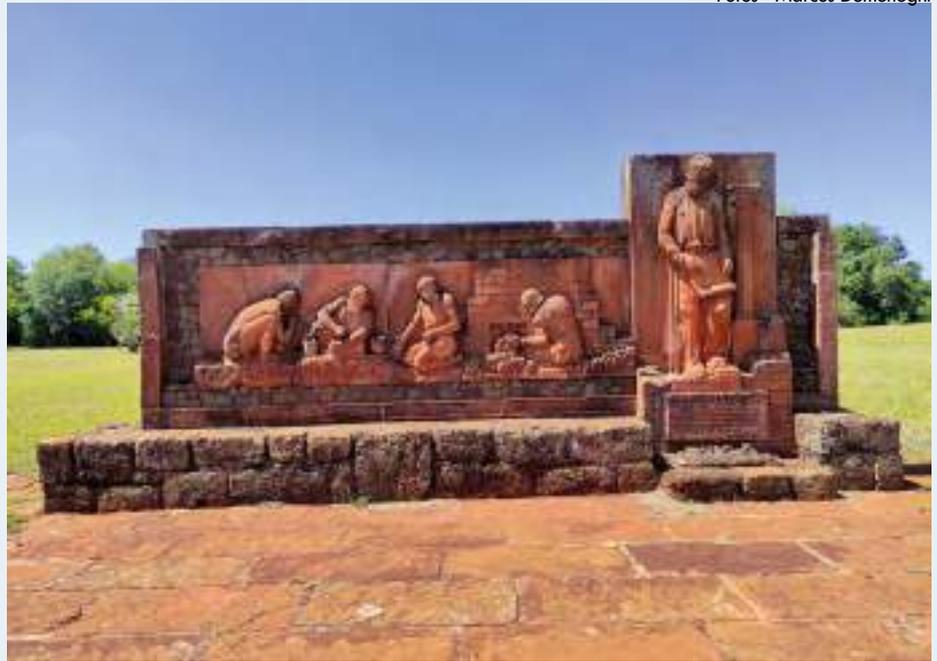
**“também nisso
há semelhança
com os primeiros
cristãos e com a
igreja primitiva”**



Monumento Pe. Antônio Sepp

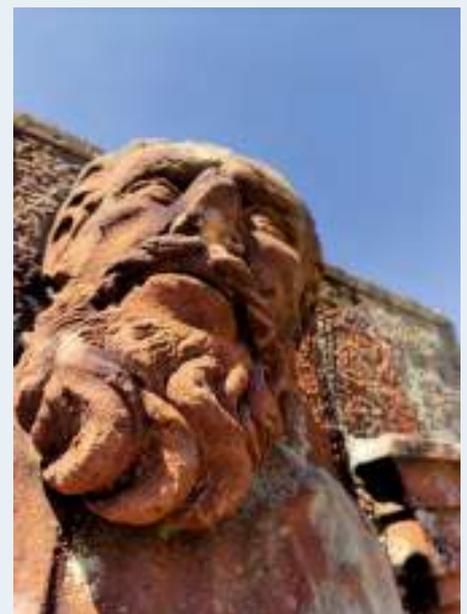
No sítio arqueológico de São João Batista foi projetada uma homenagem ao Pe. Antônio Sepp. Esse monumento foi executado por Von Adamovich, conterrâneo do Jesuíta. A obra faz alusão a fundição de ferro nas missões e na Redução de São João Batista, pois neste lugar foi instalada a primeira metalúrgica da América, que, além de produzir ferro para ferramentas, também dominava a técnica de transformar ferro em aço.





Matéria prima do monumento

O monumento feito em arenito esculpido representa o processo desenvolvido pelo padre Sepp para a fundição de ferro, ou seja, a coleta do itacuru (pedra cupim), o processo de moagem da pedra, a alimentação do fogo no forno e a consequente extração do ferro pela fundição do minério.



Curiosidades sobre a obra

Uma das curiosidades do monumento é que foi utilizado em sua confecção os mesmos tipos de pedras que edificaram a Redução de São João Batista, material abundante na região. Na base, junto à placa descritiva, há vários pedaços de escórias de ferro originais do tempo da Redução e que foram coletas in loco.

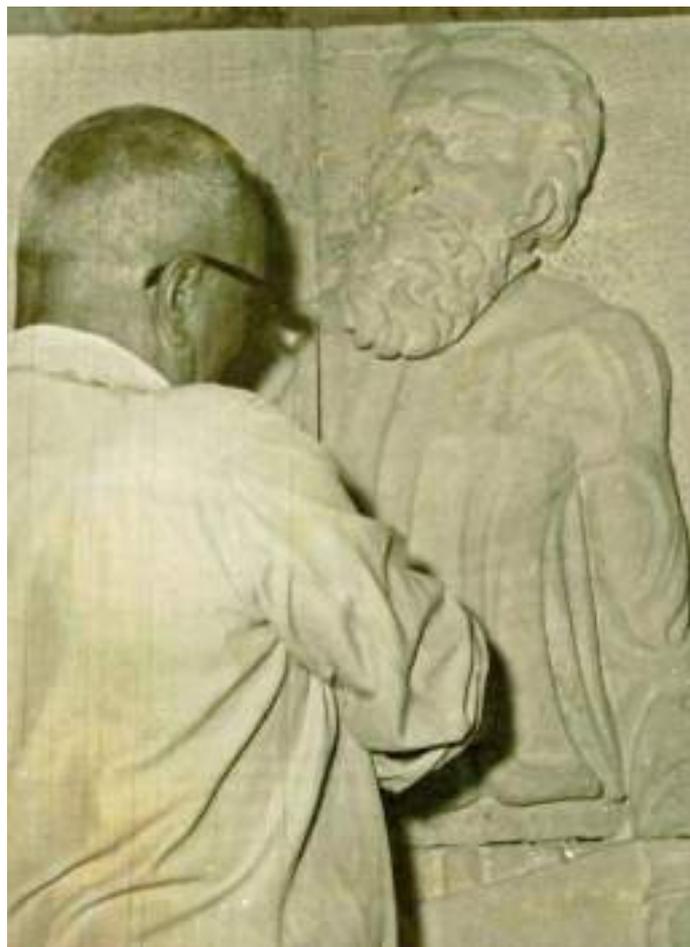
Von Adamovich

Escultor de um currículo notável

Por - Mário Simon

Seu nome completo é Valentin Petrus Emmerich Stphan Von Adamovich. Nasceu em Insbruk, Áustria, no dia 06 de julho de 1899. Filho de um governador austríaco, um nobre, conheceu a opulência durante sua juventude convivendo com a nobreza daquela parte da Europa.

Morreu em Santo Ângelo (RS) no dia 29 de abril de 1961 e está enterrado no Cemitério Municipal Sagrada Família. Casado na Áustria, separou-se de sua mulher na década de 20. Já na América, em 1931, tomou como esposa e companheira a jovem Clarina Lunkes (Von Adamovich), falecida em 15 de março de 1996, em Santo Ângelo. Ela era natural de Cerro Largo, então Cerro Azul. Seus filhos, missioneiros, foram cinco: Alexandre, Henrique, Zulmira, Nora e Alfredo. Todos os filhos homens já faleceram.

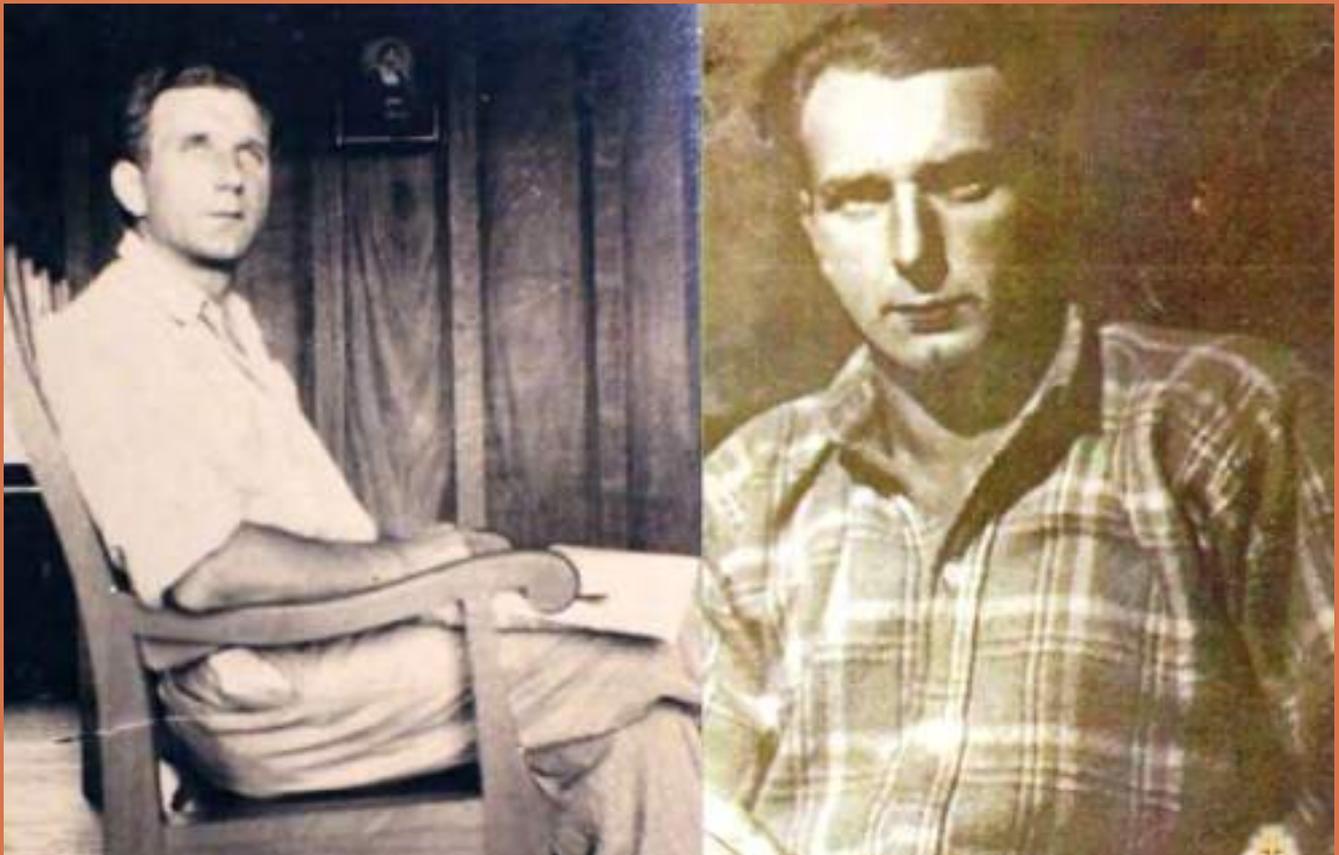


Adamovich era formado em Belas Artes, em Viena, Áustria, na Wiener Architektur Schule. Ainda em Viena completou o Curso de Engenharia Civil, com estágios na Alemanha. Neste país, fez o Master de Engenharia, uma espécie de Doutorado, na cidade de Stuttgart e Düsseldorf. Para aperfeiçoar-se, realizou cursos nos centros de artes de Essex, na Inglaterra, onde também floresceu sua obra.

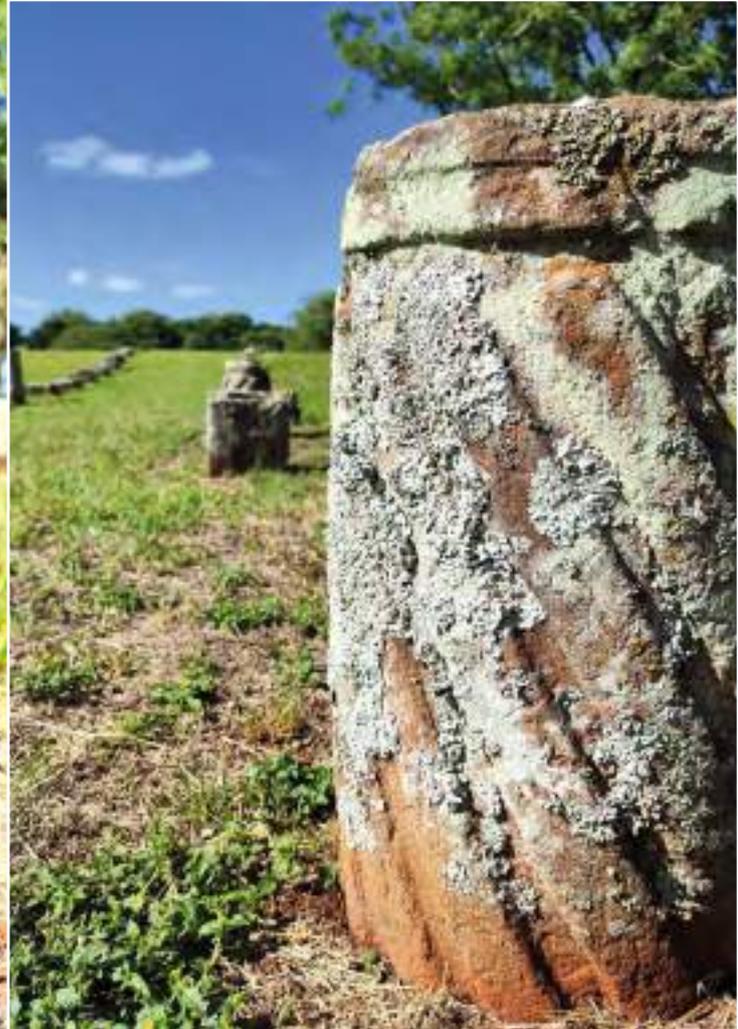
Convidado pelo Vaticano para recuperação de preciosas peças de arte em mármore, lá executou e orientou esse delicado trabalho.

Em 1927 retornou para a Áustria, Viena, onde viveu até 1929. Por essa data, separado da família e só, coberto de sonhos mas encurralado pelo “crack” de 1929, e atraído pelas promessas da América, emigrou. Estabeleceu-se em Montevidéu, Uruguai,

onde trabalhou como Engenheiro Civil na construção de pontes, cais e frigoríficos na região do Prata. Entre estes últimos, o de Durasno e, ainda de Treinta e Três, ao norte de Buenos Aires. Foi nesta cidade de Argentina que foi procurado por engenheiros brasileiros e argentinos para opinar sobre o projeto estrutural da ponte que hoje liga a cidade de Uruguaiana e Paso de Los Libres. Examinou os estudos, reformulou-os, dando-lhe a estrutura atual. Após a conclusão dessa ponte, partiu para a região das Missões no Rio Grande do Sul, integrando-se nas colônias alemãs de Cerro Azul (Cerro Largo), atraído pelos restos da civilização jesuítico-guarani, em busca dos rastros de seu conterrâneo, o “Gênio das Missões”, pe. Antônio Sepp, o fundador da redução de São João Batista.



O artista e engenheiro foi preso e torturado no final da segunda guerra, quando uma cultura de perseguição aos alemães se instalou em todo o Brasil e inclusive nas missões, os imigrantes desta origem eram acusados de nazistas e foram perseguidos. Quando liberto regressou à sua esposa após poucos meses de prisão e esta não o reconheceu devido aos ferimentos e desnutrição.



A arte entalhada na Redução

Peças de arenito esculpido estão expostas no sítio arqueológico de São João Batista. A exposição a céu aberto permite conhecer detalhes da arte missioneira. As características impressas nestas pedras é objeto de vários estudos de arte e história.





Fotos - Marcos Demeneghi



Na saída em direção à praça central da redução você caminhará ao longo do local onde ficava as casas dos índios e irá em direção ao Cabildo que ficava no limite da praça (A posição da Guarita está onde haviam moradia dos índios). Neste espaço há um conjunto de peças de pedras esculpidas que foram encontradas nas redondezas ou foram doadas e recuperadas pela comunidade.



Quem foi São João Batista

João Batista (2 a.C.–28 d.C.) foi um pregador itinerante cujo aparecimento se deu na Judeia, provável lugar de nascimento e na Galileia (c. 28 d.C.) na época de Herodes; João teve muitos seguidores e pregava aos judeus, dizendo que deveriam exercer a virtude e a retidão e usava o batismo como símbolo de purificação da alma em seu movimento messiânico.

João Batista, como é chamado pelos cristãos, foi, segundo o Evangelho de Lucas, filho do sacerdote Zacarias, de classe sacerdotal e de Isabel, prima de Maria, da família de Aarão.



Há diversos estudos elaborados sobre o tema que o colocam como uma das figuras fundamentais da Bíblia - João e o batismo de Jesus o Cristo - com este ato colocando Jesus no centro de toda história bíblica do Novo Testamento, como sendo o Messias tão aguardado, que deu início à literatura apocalíptica do fim dos tempos.

Segundo o relato bíblico (Mateus 3,4), João também trajava veste simples (de pele de camelo, um cinto de couro em torno de seus lombos)

João batizava em Pela, quando Jesus se aproximou, na margem do rio Jordão. A síntese bíblica do acontecimento é resumida, mas denota alguns fatores fundamentais no sentimento da experiência de João. Nesta altura, João encontrava-se no auge das suas pregações. Teria já entre 25 a 30 discípulos e batizava judeus e gentios arrependidos.

Os relatos Bíblicos contam a história da voz que se ouviu, quando João batizou Jesus, dizendo “este é o Meu filho amado no qual ponho toda a minha complacência”. Refere que uma pomba esvoaçou sobre os dois personagens dentro do rio, e relacionam essa ave com uma manifestação do Espírito Santo. Este acontecimento sem qualquer repetição histórica tem servido por base a imensas doutrinas.

É perspectiva comum que a principal influência na vida de João terão sido o registros que lhe chegaram sobre o profeta Elias. Mesmo a sua forma de vestir, com peles de animais e o seu método de exortação nos seus discursos públicos, demonstravam uma admiração pelos métodos antepassados do profeta Elias. Foi muitas vezes chamado de “encarnação de Elias” e o Novo Testamento, pelas palavras de Lucas, refere mesmo que existia uma incidência do Espírito de Elias nas ações de João.

O discurso principal de João era a respeito da vinda do Messias. Grandemente esperado por todos os judeus, o Messias era a fonte de toda as esperanças deste povo em restaurar a sua dignidade como nação independente. Os judeus defendiam a ideia da sua nacionalidade ter iniciado com Abraão, e que esta atingiria o seu ponto culminar com a chegada do Messias. João advertia os judeus e convertia gentios, e isto tornou-o amado por uns e desprezado por outros.

É importante notar que João não introduziu o batismo no conceito judaico, este já era uma cerimónia praticada. A inovação de João terá sido a abertura da cerimónia à conversão dos gentios, causando assim muita polémica.

Numa pequena aldeia de nome “Adão”, João pregou a respeito “daquele que viria”, do qual não seria digno nem de apertar as alparcas (as correias das sandálias). Nessa aldeia também, João acusou Herodes e repreendeu-o no seu discurso, por este ter uma ligação com a sua cunhada Herodíades, que era mulher de Filipe, rei da Itureia e Traconites (irmão de Herodes Antipas I). Esta acusação pública chegou aos ouvidos do tetrarca e valeu-lhe a prisão e a pena capital por decapitação alguns meses mais tarde.

O aprisionamento de João ocorreu na Pereia, a mando do rei Herodes Antipas, no sexto mês do ano 26 d.C. Foi levado para a fortaleza de Maqueronte, onde foi mantido por dez meses até ao dia de sua morte. O motivo desse aprisionamento apontava para a liderança de uma revolução. Herodias, por intermédio de sua filha, tradicionalmente chamada de Salomé, conseguiu coagir o Rei na morte de João, e a sua cabeça foi-lhe entregue numa bandeja de prata.

Os discípulos de João trataram do sepultamento do seu corpo e de anunciar a sua morte ao seu primo Jesus.

O relato bíblico representa a decapitação de João Batista por Herodes Antipas (em Mateus 14:1-12. Marcos 6:14-29 e Lucas 9:7-9). De acordo com os evangelhos sinóticos, Herodes mandou prender João por ele o ter admoestado por se divorciar de sua esposa (Fasélia - Phasaelis) e, ilegitimamente, tomar como amante Herodias, a esposa de seu irmão Herodes Filipe I. No aniversário de Herodes, a filha de Herodias (tradicionalmente chamada de Salomé) dançou perante o rei e seus convidados. Sua

dança agradou tanto Herodes que, bêbado, ele prometeu a ela qualquer coisa que desejasse, limitando a promessa em metade de seu reino. Quando a filha perguntou à mãe o que deveria pedir, Herodias pediu que ela pedisse a cabeça de João Batista numa bandeja. Mesmo chocado com o pedido, Herodes relutantemente concordou e mandou executar João na prisão.

O historiador judeu Flávio Josefo também relata, em suas “Antiguidades Judaicas”, que Herodes mandou matar João, afirmando que ele o fez “pois a grande influência que João tinha sobre o povo poderia colocar em suas [de João] mãos o poder e a vontade de levantar uma rebelião, (pois o povo parecia pronto para fazer o que quer ele pedisse), [assim Herodes] pensou que o melhor seria eliminá-lo”. Ele afirma ainda que muitos dos judeus acreditavam que o desastre militar que sobreveio a Herodes pelas mãos de Aretas, seu sogro (pai de Fasélia), fora uma punição por seu comportamento no caso de João.

Texto original: Wikipédia, a enciclopédia livre

Fontes e Bibliografia

A Bíblia NT – Versão dos Capuchinhos.

Calvocoressse, Peter, *Who's Who in the Bible*, Londres: Penguin Books, 1988

Cohn-Sherbok, Dan, A Concise Encyclopedia of Judaism, Oxford: Oneworld, 1988

Comay, Joan, Who's Who in Jewish History After the Period of the Old Testament, Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1974

Rolef, Susan Hattis (editora), Political Dictionary of the State of Israel, 2ª edição, Jerusalém: Jerusalem Publishing House, 1993

Goodman, Philip, The Yom Kippur Anthology, Filadélfia: The Jewish Publication society in America 1971 (referências a Hashanah Anthology e The Shavuot Anthology, do mesmo autor).

Greenberg, Rabi Irving, The Jewish Way, Living with the Holidays, Nova Iorque: Summit Books, 1988





Santuário Nossa Senhora de Altötting

Inaugurada no dia 21 de fevereiro de 2010 e localizada próxima ao Sítio Arqueológico São João Batista, a capela é uma réplica da existente em Altötting na Alemanha, foi erguida em homenagem ao fundador da redução Pe. Antonio Sepp, devido à grande devoção que tinha pela "Mãe Morena". O Santuário tem uma construção octogonal, com oito paredes, oito colunas e oito janelas.

Ao lado da antiga Igreja da Redução de São João Batista havia uma torre onde ficavam os sinos. Os sinos eram tocados às 6 horas da manhã e às 18 horas, e em momentos festivos e de falecimento. Com a construção da Capela de Nossa Senhora de Altötting na comunidade de São João, monsenhor João Becker idealizador da construção, construiu ao lado da capela uma torre onde foram colocados os

quatro sinos que eram da Redução de São João Batista. Os sinos hoje também são tocados em momentos de alegria e de falecimento de membros da comunidade.

Altötting, no sul da Alemanha, é chamada de "Coração da Baviera", tanto pela sua história milenar bem no coração do velho ducado bávaro, quanto pela sua grande importância como centro de fé e da devoção popular. O lugar de peregrinação mariana já consta com mais de 540 anos.





Altoetting ou Alt- Oetting é uma pequena localidade na fronteira bávaro-austriaca, onde há séculos se encontra e venera uma imagem de Nossa Senhora que é tida por milagrosa. A estátua atual data já do século XIV e ela se apresenta, há muito, com o rosto todo denegrido pela ação do tempo. Pelo fato de ela, propositalmente, não se haver restaurado, seu nome veio a ser o de “Virgem Negra de Alt – Oetting”. Em sua atenção Altoetting continua até hoje um lugar de peregrinação muito buscado, precisamente por causa da estátua que se venera na Capela Santa.



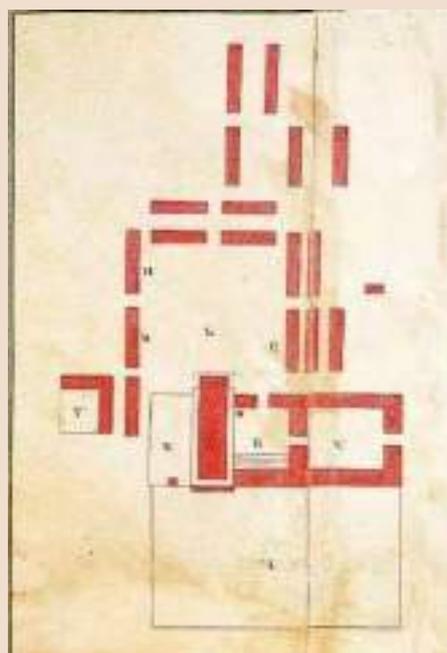
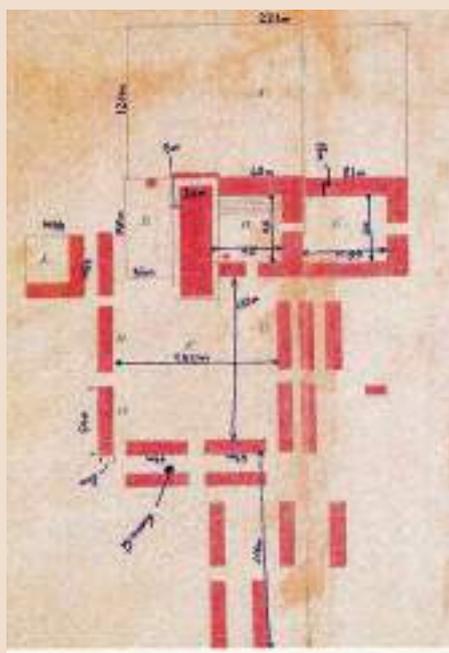
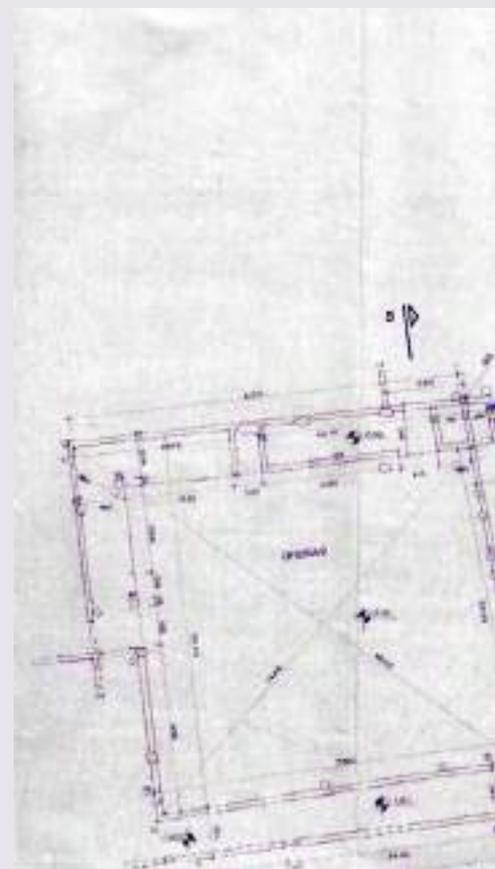


Guia de visitação - Visão geral

Plano de orientação para identificar o posicionamento dos remanescentes

Guia de orientação na planta

01	Cemitério
02	Igreja
03	Sacristias
04	Casa dos Padres e salas de aula (Provável quarto do padre Sepp)
05	Alpendre da Casa dos Padres
06	Salas de aula
07	Refeitório e adega
08	Pátio do colégio
09	Base da torre
10	Batistério
11	Pátio das oficinas
12	Praça
13	Quinta (horta)
14	Fornos (siderúrgicos)
15	Sala das Oficinas
16	Cotiguaçu

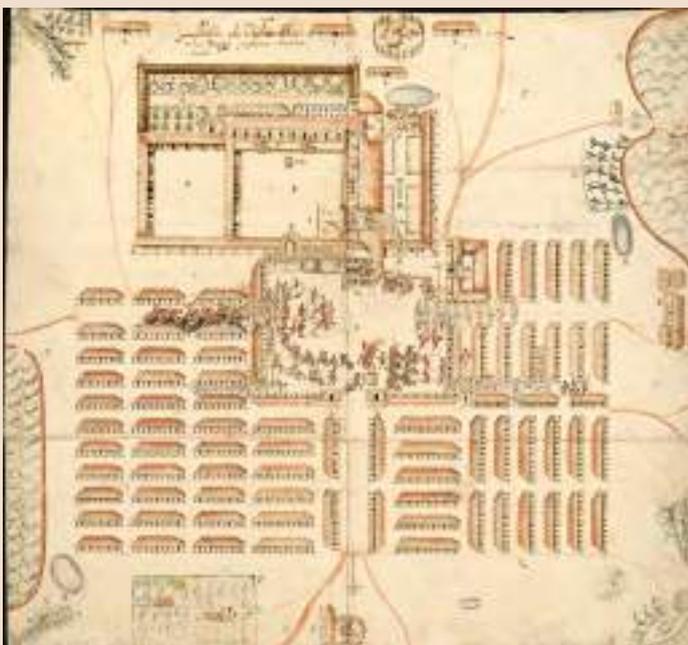
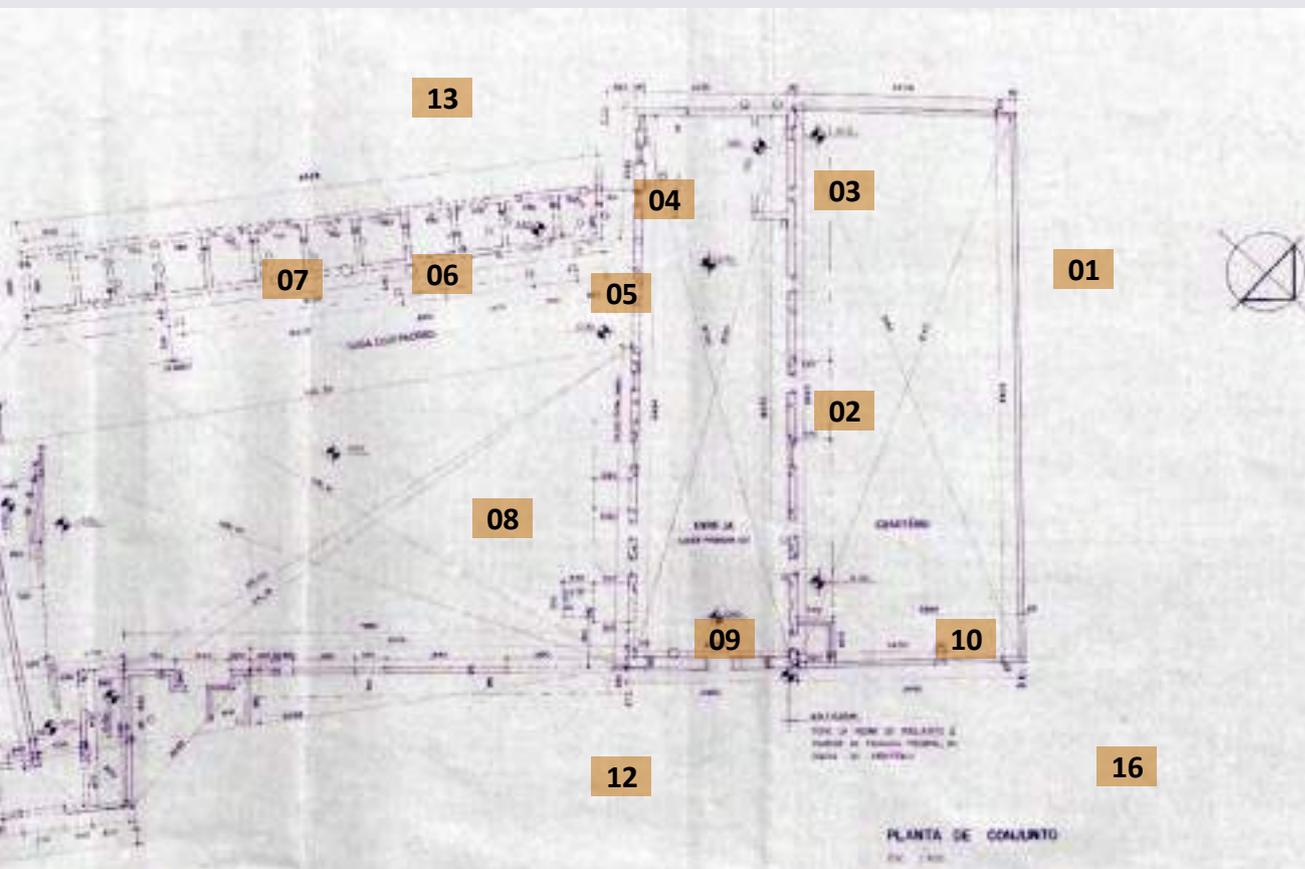


Mapa de Cabrer – Realizado durante a ocupação das tropas ibéricas

O mapa com a plano do Povo de São João Batista feito por Cabrer em 1789 foi representado com a localização do cemitério e do pátio dos padres e oficinas invertido em relação ao que realmente foi construído. Este erro provavelmente se deveu ao fato que Cabrer representou praticamente todas as reduções e deve se confundido em funções das condições de armazenamento das documentações que existiam na época.

Guia de visitação - Visão geral

Plano de orientação para identificar o posicionamento dos remanescentes



A redução de São João Batista é uma das reduções dos 30 povos que possuem a maior quantidade de informações sobre a sua estrutura graças aos desenhos encontrados nos arquivos de Simancas (Espanha) e na Biblioteca Nacional da França (que deve ter sido levado pelo exército de Napoleão).

Outra fonte de informação relevante é o livro publicado em 1998 por Norberto Levinton intitulado "La arquitetura del Pueblo de San Juan Bautista – tipologia y regionalismo".



Ao chegar ao sítio

Foto - Jonas Demeneghi



Vista aérea da guarita de entrada do sítio de São Lourenço Mártir

Foto - Jonas Demeneghi



Vista aérea da Igreja, parte da praça central, casa dos padres/colégio

Guia de visitação : Guarita

Guarita de recepção

Foto - Marcos Demeneghi



Sala de exposição



O visitante   recepcionado na guarita de entrada, local onde é possível visitar um pequeno museu e obter informações históricas e culturais organizadas pelo Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Os banners também mostram aspectos estruturais das edificações e suas características.

Exposição de paineis explicativos ajudam compreender a história do lugar



O Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é uma autarquia vinculada ao Ministério do Turismo, além de realizar o trabalho de conservação nos sítios históricos e arqueológicos, também disponibiliza dados de pesquisas realizadas, tanto históricas, quanto arqueológicas. Banners informativos também estão a disposição dos visitantes dispostos a conhecer parte da história destes povoados missioneiros formados pelos jesuítas e  ndios Guarani entre os séculos XVII e XVIII.

Trilha eco-cultural

Percorra a trilha eco-cultural seguindo as placas interpretativas.

No ano de 1997 foi instalada a Trilha de Interpretação Ecológico-Cultural, onde o turista/visitante poderá observar o meio biofísico onde se instalou a redução.

Entorno do sítio de São João Batista



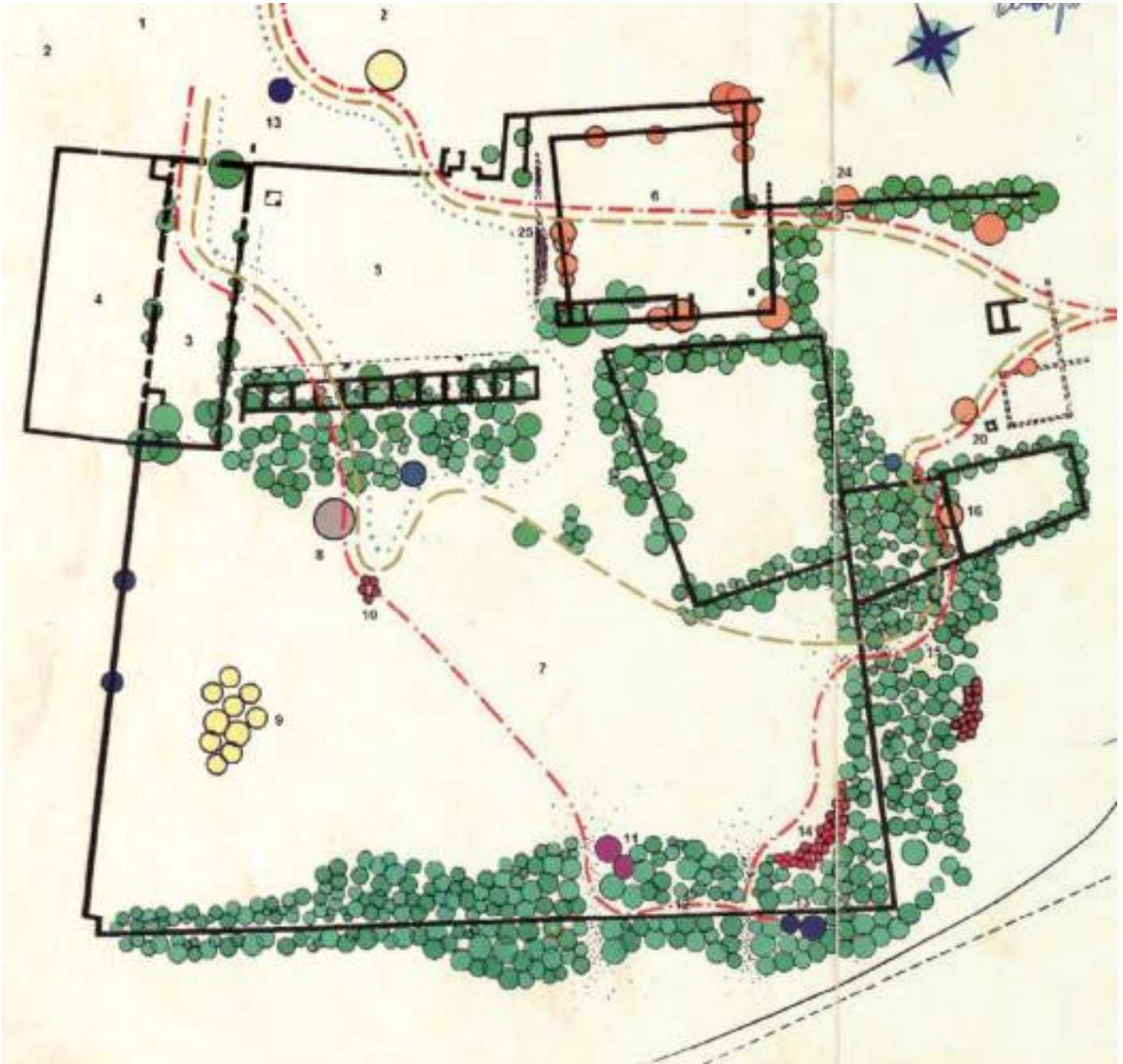
Guia de visitação ao sítio: Trilha eco-cultural



Trilha de Interpretação Eco-Cultural situada entre área do Pátio das Oficinas e a Quinta. Detalhe de placas de identificação no percurso da trilha (umbu e vestígios de escória de ferro)



Mapa da visitação ao sítio arqueológico sugerido pelo IPHAN



Mapa extraído do folheto feito pelo IPHAN e Prefeitura Municipal do Entre-Ijuís para ilustrar a visitação ao sítio arqueológico



0 – Início da Visitação

- Guarita – início da trilha com observação da peças disponíveis na sala de exposição. Observe o plano de São João Batista, de Simancas, exposto no acesso (ver página xx deste guia). Percorra o conjunto de fragmentos arqueológicos recolhidos nos arredores (saída da Guarita). - neste local estava localizado as casas dos índios e mais próximo da praça era o Cabildo (você está caminhando sob e entre estas estruturas) Monumento de homenagem ao padre Sepp (ver pagina xx deste guia)

1- Praça – ponto de encontro da população para festas e jogos - Quando estiver na praça, observe a sua direita e imagine onde estaria o Cotiguaçu (ao lado de um mato existente atualmente)

2- Casa dos índios – residência de famílias aparentadas (caciques) Nota: Há a localização do Cotiguaçu nestas proximidades

3- Igreja – Entre na igreja pelo acesso principal, observe o tamanho da nave principal com o altar nos fundos e identifique as saídas laterais. Observe nas paredes os sulcos verticais para encaixes dos pilares e as cruzes da Vias-crúcis, descrita pelo padre Sepp como imensamente ornamentada.

4- Cemitério – Na época missioneira era dividido em forma de cruz e separava homens das mulheres, meninos das meninas. Observe o cemitério atualmente que continuou a ser usado pelos moradores.

5- Colégio e Casa dos Padres, dormitório, refeitório e escritório dos jesuítas

– Na parte alta encontra-se as instalações após sair pela lateral da igreja e usar a rampa de acesso. O segundo cômodo seria o desti-

nado ao Cura, ou seja foi ocupado pelo Padre Sepp. Neste ambiente é possível verificar o conjunto de doze salas destinadas à biblioteca, quarto dos padres, escritório dos padres, salas de aula, refeitório e cozinha.

6-Oficinas – cômodos com pátio interno, circundado por um alpendre, onde se realizavam as atividades artesanais e manufatureiras. Neste espaço também estavam localizados os armazens destinados à guardar o produto do tupambaé.

7-Quinta – horta e pomar, os jesuitas usavam este espaço para ambientar plantas que traziam da europa.

8-Timbaúva – ou orelha de macaco, madeira leve e macia usada pelos índios para fazer canoas e artesato

9-Espinilho - árvore nativa, madeira é muito resistente e durável, usada para fazer moirões, dormentes, carvão. Esta era fonte do carvão usado no alto forno do Padre Sepp. A madeira é dura e presta-se à produção de lenha e carvão.

10-Tuna – espécie de cactus que dá fruta comestível, mas deve-se retirar os minúsculos espinhos e a casca da fruta

11-Branquilho – madeira nativa que queima fácil, utilizada pelos índios para alimentar a siderurgia

12-Muro da quinta – junt ao muro pode-se observar um enorme buraco feito pelos caçadores de tesouro. Na verdade os detectores de metal destes caçadores apitavam era para o percentual de ferro existentes na pedra itacuru.

13-Erva mate – árvore que se extraí as folhas para o preparo da erva-mate

14-Bromélia terrestre – usada pelos jesuitas e índios como

cerca viva, plantada umas próximas às outras evitavam que as ovelhas escapassem

15-Área de descanso – nos intervalos do trabalho diário os índios usavam este espaço, que era coberto, para descansar (provavelmente os trabalhadores da fundição, devido à proximidade da área com os fornos)

16-Umbu – árvore grandiosa e neste local há um buraco fruto da ação dos caçadores de tesouros.

17-Capororoca – árvore usada pelos índios desde antes da chegada dos jesuitas para pescar. Esmagando folhas e/ou cascas na água, anestesiavam os peixes, possibilitando até pegá-los com a mão.

18-Poço e vestígios de casa – até meados do século XX havia uma grande casa construída com material missioneira. Esta casa foi usada, inclusive como delegacia e mais tarde sendo destruída restando apenas parte do seu alicerce e o poço d'água.

19-Área de observação de Santo Ângelo – entre as reduções sempre havia contato visual para comunicação com espelhos ou fogueiras garantindo mobilização rápida de defesa entre os povoados;

20-Antigo caminho missioneiro – local provável da estrada que ligava a redução até a fonte

22-Umbu – árvore que “engoliu” as estruturas e permite visualizar as camadas arqueológicas

23-Escadaria – ligando colégio às oficinas

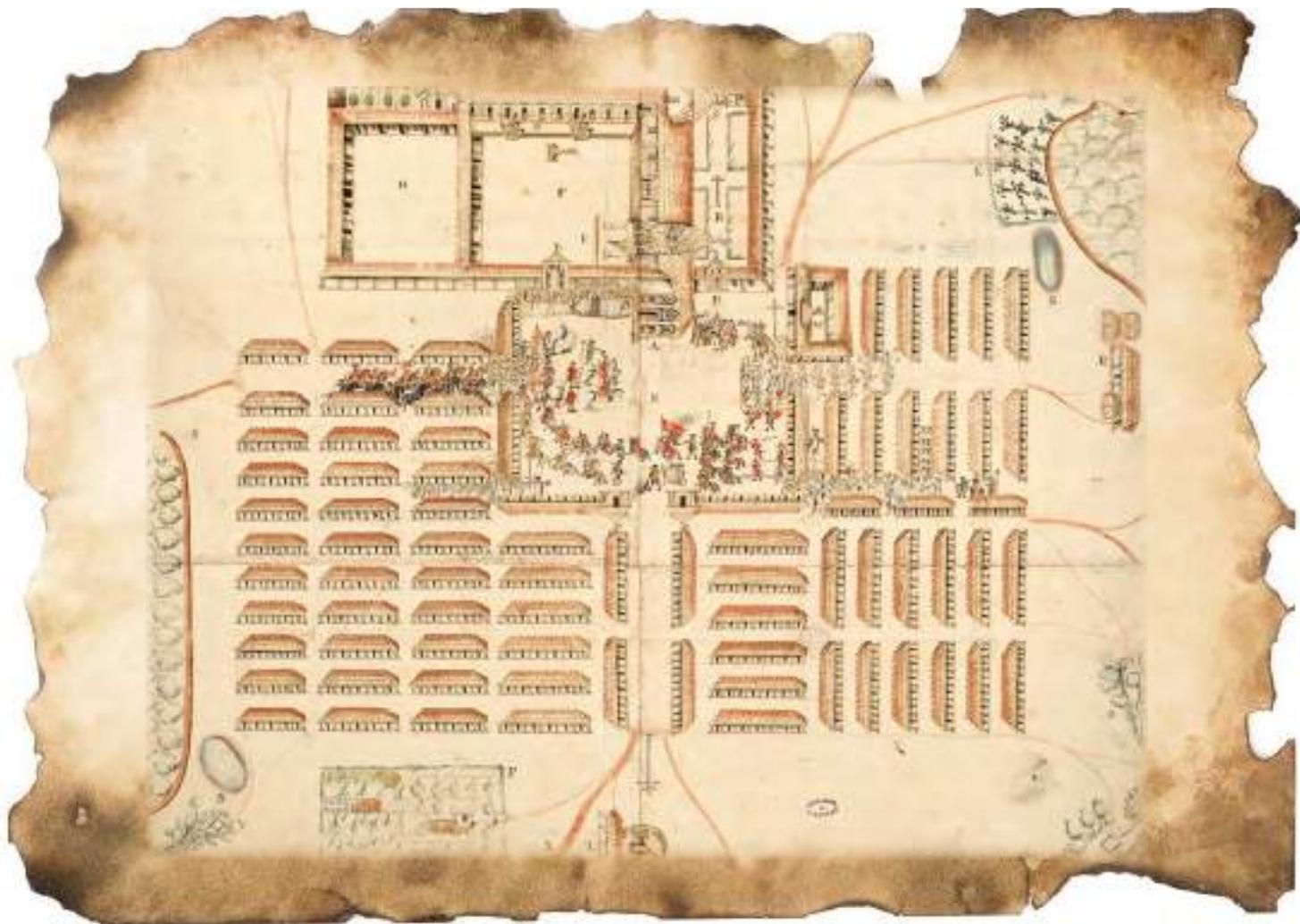
24-Jerivá – também conhecido como butiá tem um fruto muito saboroso



Guia de visitação : Trilha eco-cultural







O povoado e suas estruturas

As instalações da redução de São João Batista seguem o posicionamento e padrão das demais, guardadas algumas diferenças, como a posição do cemitério em relação à igreja, que difere de São Lourenço e São Luiz, mas, é semelhante a à São Miguel.

Possui a igreja, cemitério, colégio dos padres e oficinas situados em cota mais elevada que a praça principal, a qual, se liga por uma escadaria evidenciada

em frente da Igreja. A existência de uma torre para os sinos supõe-se a localização do Batistério do lado correspondente ao Colégio dos Padres. Aos fundos da Igreja, atrás da parede do altar há os espaços destinados à sacristia.

Seguindo mais adiante, há área correspondente a Quinta, toda murada. No Sítio de São João Batista não houveram trabalhos arqueológicos que pudessem identificar as estruturas com características de latrinas e suposto esquema de canalização e escoamento de águas, semelhando ao descoberto no sítio de São Lourenço.



Aspectos construtivos

Os principais materiais empregados na construção da redução da região da Paraquaria foram a pedra de itacuru, ou pedra-cupim (laterita), nas paredes e contra pisos, pedras de arenito (Botucatu) foram utilizadas como pisos, pilares e molduras de aberturas e ornamentações, além de pequenos calços para assentamentos dos blocos de pedras; estruturas de madeira para os telhados e pilares dispostos em diversos nichos externos às paredes do Templo; telhas, pisos e tijolos de barro cozido, este último devido a evidências feitas durante os trabalhos arqueológicos, supõe-se ainda, a utilização de tijolo de adobe. As paredes da igreja, assim como as demais que deveriam possuir reboco, são compostas de camadas duplas e triplas de pedras itacuru, assentadas com argamassa de barro e, em alguns locais, com grande quantidade de calços de arenito. Nas demais instalações as paredes são duplas,

compostas de pedras itacuru com suas faces internas em forma de “cunha”, aspecto importante quanto à técnica construtiva empregada proporcionando maior amarração entre blocos externos e internos.

A argila da região, muito avermelhada e rica em ferro, foi utilizada na confecção de cerâmicas de todo tipo: telhas, ladrilhos, pisos; o barro negro (ñaú) era usado no assentamento de pisos ou sobre taquaras, nos telhados, para acomodar as telhas; o barro claro e acinzentado (tabatinga) para branquear muros, como tinta. Há ainda discussão sobre a utilização de cal para o reboco pois há vários indícios nas construções ainda existente que em alguma fase das construções o cal fora introduzido com a descoberta das jazidas na região do atual município de Caçapava do Sul, que na época integrava a estância missioneira da redução de São Lourenço.

Igreja



Detalhe dos desenhos da fachada da Igreja que constam nos mapas encontrados em Simancas e na França

A área em frente à praça da redução temos o local do antigo templo jesuítico. O templo era o principal prédio da redução. Demarcava o eixo Norte Sul do povoado e era de praxe que os padres fossem sepultados no seu interior.

O livro Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas – O Caso de São João Batista de Artur H. F. Barcelos descreve aspectos arquitetônicos e estruturais da igreja da Redução de São João Batista

A igreja foi construída com três naves, sendo a maior ao centro com 25 pés de largura (7,6m) e as laterais com 20 pés (6,1m). O conjunto da igreja, com sacristia, o presbitério* e o vestíbulo possuíam um comprimento de 200 pés (61m). Cinco portas foram instaladas no templo, duas laterais e três no frontispício, sendo a do meio a maior entre estas, com 20 pés de altura (6,1m) e 12 de largura (3,6m). As portas, sobretudo as frontais, permitiam a entrada de luz no interior do recinto do templo. Também as janelas da cúpula, tipo lunetas, permitiam a iluminação sobre as naves lateral e central. As paredes da igreja eram de blocos de pedra basáltica, instaladas entre as colunas de sustentação da co-

bertura. Isto devido ao fato de as colunas de madeira constituírem uma estrutura portante autônoma, ou seja, suas paredes serviam apenas de vedação e eram independentes da estrutura que sustentava o telhado. O telhado e o piso foram confeccionados de material cerâmico.

*Presbitério é o espaço que num templo ou catedral católicos, precede o altar-mor. Estava, até ao Concílio Vaticano II, reservado ao clero e pode ficar separado da nave central por grades, escadas ou varandim. Costuma ser o lugar destinado ao coro, embora não necessariamente.

Além da consolidação das estruturas, os detalhes internos também foram iniciados, com a construção de quatro altares. As colunas de madeira foram esculpidas com motivos florais. Igualmente foram esculpidos o tabernáculo, o sacrário e o púlpito. Este último tinha a forma octogonal com figuras bíblicas esculpidas em volta. Para a fabricação destas peças foi utilizado o cedro, cujas propriedades permitem o trabalho de escultura com razoável acabamento. A decoração era completa-

O povoado e suas estruturas - A igreja

da com pintura dourada, madre-pérolas, pedaços de espelhos e contas de vidro.

Também há relatos que a igreja possuía três grandes pias de pedra para “água benta” (uma delas pode ser aquela que está na sala de exposição junto à Guarita).

As paredes eram construídas com alvenaria de pedras, de adobe ou em técnica mista, rebocadas e pintadas em branco, cobertas por profusas pinturas murais representando frisos, faixas e ornamentos que marcavam os vãos. As pinturas também tinham motivos e símbolos religiosos ou de referenciais locais. A decoração interna era complementada por pinturas em telas e esculturas geralmente de santos, colocadas nos retábulos e altares. Dentre os ornamentos utilizados, também estavam representados símbolos da coroa espanhola, que reafirmavam a vinculação ao regime de Patronato Real.

O altar mor e o tabernáculo eram de cedro, ricamente dourado e embutido em madrepérola. Dos dois altares laterais um era dedicado à Sagrada família e o outro a Santo Antonio de Lisboa, Fora este construído na redução de São Nicolau, onde se achavam os escultores mais hábeis, e somente custara mil pesos. Cinco estátuas de cedro o adornavam e havia sido de preço igual.

Outro ornamento da igreja era o rico púlpito com as quatro estátuas dos Santos Padres da Igreja Latina, obviamente decoradas e embutidas em madrepérola.

Sobre os dois confessionários bem trabalhados se podia ler o letreiro: “Ostendite vos sacerdote” (Apresentai-vos ao sacerdote!).

Entre as pinturas que embelezavam a igreja, distinguia-se a representação dos novíssimos da criação do homem. Do teto pendia um grande candelabro de prata com 32 braços.

O assoalho estava coberto de ladrilhos octogonais, em que apareciam impressos folhas, frutos e flores. A seu respeito escreveu o padre Antonio: “Não me lembro de ter visto na Europa ladrilhos parecidos”.

Como nas outras igrejas das reduções, havia também na de São João Batista ao menos um órgão, construído pelas mãos artísticas dos índios das reduções.

À riqueza do templo correspondia a sacristia. Havia ali ricas capas, antipêndios para diversas festas, um pálio precioso com varas douradas, casulas magníficas, alvas e batinas de diversas cores para os sacristãos, que nela metidos pareciam tão belos e diferentes que os próprios pais não os reconheciam. “Mandamos fazer uma alva em Buenos Aires, a qual nos custou 120 pesos.”

Enumera o mesmo padre Sepp dez alvas e ainda mais castiçais do que uma dezena de prata, três cruces de prata, um belo ostensório e uma grande âmbula ou cibório, sendo ambos de prata. “Mas os cálices não eram dourados nem no interior”.

Foto: Miguel Demeneghi



Paredes laterais da Antiga Igreja de São João Batista





Remanescentes da igreja de São João Batista



Estruturas remanescentes da Igreja



O povoado e suas estruturas - A igreja



Interior da Igreja



Possível localização do altar dos fundos



Parede lateral da igreja



Soleira da porta principal da igreja



Interior da igreja com parte do pórtico de entrada

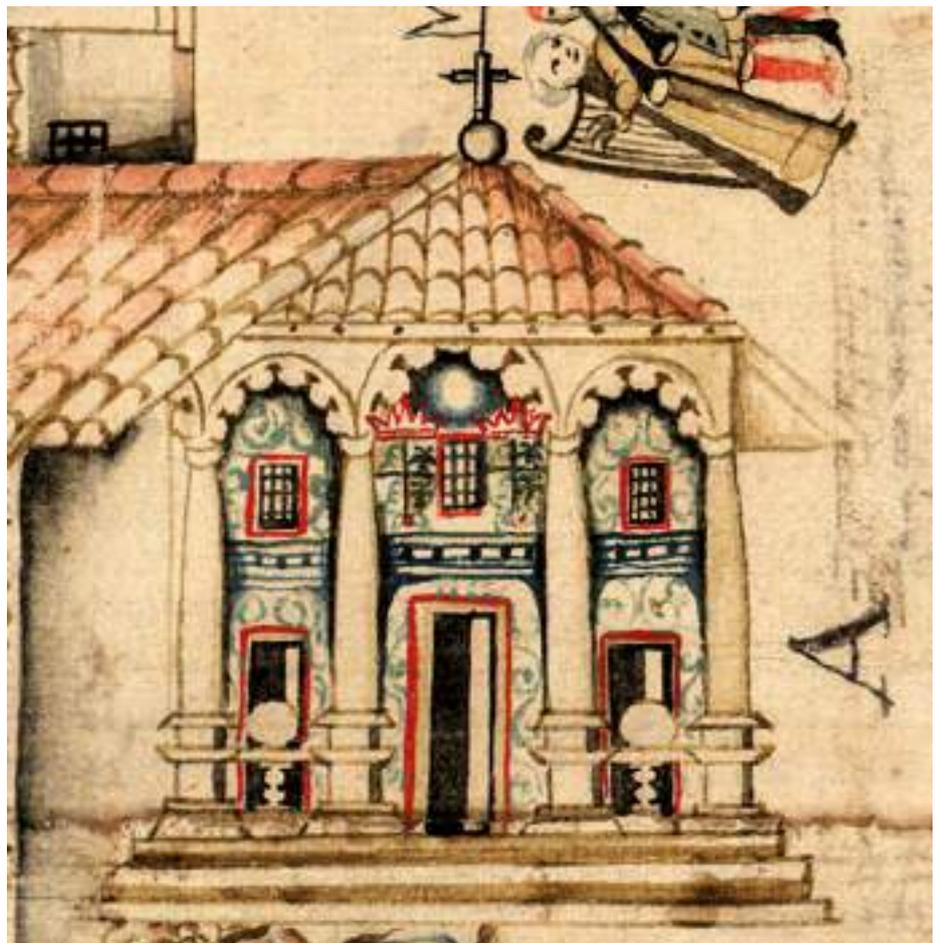


Local onde ficava a sacristia

O povoado e suas estruturas - A igreja

Fachada

A gravura recortada da planta de Simancas ilustra a fachada da Igreja. O desenho foi elaborado na época em que a redução estava em seu auge. Neste desenho podem ser observados detalhes arquitetônicos e artísticos.



Torre

Esta seria o desenho da torre da Igreja, que segundo relatos do Padre Sepp possuía 12 sinos

No alpendre frontal, eram realizadas atividades religiosas e encenações sacras. Em um dos lados das igrejas, localizava-se a torre sineira, ou campanário, com estrutura independente, de madeira e pedra, geralmente colocada no pátio dos padres.

A torre segundo o trabalho de Norberto Levinton teria sido construída após 1724 e estaria localizada no lado de fora da igreja junto ao pátio dos padres e hoje está indicada por um placa de sinalização.

Escadaria

Entre o nível da igreja e a praça havia uma escadaria que levava ao átrio. Contudo, atualmente não há evidências aparentes desta escadaria mas foi feito trabalhos de arqueologia no local que identificaram a escadaria como ilustrado na foto abaixo.



Praça



As dimensões da praça seguem o modelo espanhol e é um quadrado com 132 metros de lado. Pela gravura e seguindo o padrão de outras reduções haveriam uma cruz em cada canto da praça

Gutierrez (1987) demonstra como essa configuração estava impregnada da ideologia barroca, onde as formas de participação e persuasão integravam os objetivos centrais para o “teatro da vida”, sendo a “Plaza” o cenário (elemento ordenador da povoação) e o núcleo formado pelo Colégio, Templo e Cemitério “se erigia numa cenografia que assimilava desde os estágios da vida sacra e da humana à ausência da vida.” (GUTIERREZ, 1987, p. 24). Conforme descreve o Padre

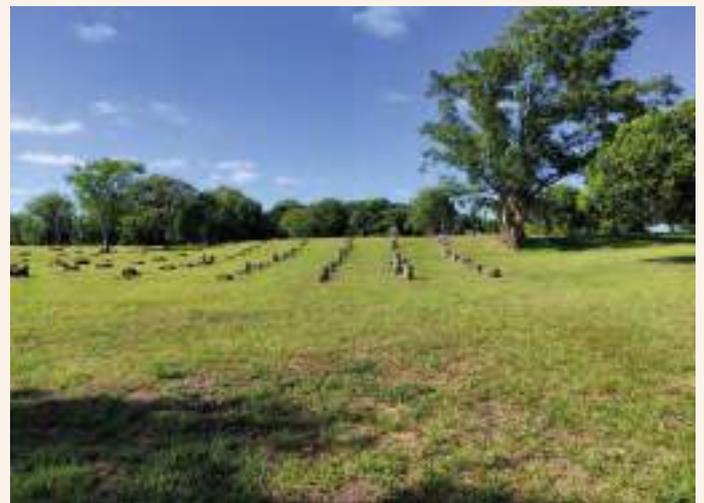
Antonio Sepp, em “Viagem as Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos”, (1955): “Esta superfície [Plaza] está cercada, como en anfiteatro, por las casas de los indígenas, separadas unas de otras, em buen orden.”

A praça, conforme Moacir Flores (1993), “era um espaço cívico-religioso com uma cruz latina em cada canto, tendo também uma coluna com o brasão do povoado. Aos domingos e dias santificados, os índios realizavam procissão, jogos, danças e teatro”. Dela, convergiam as ruas principais. Ao redor da praça, erguia-se a igreja, a residência dos padres, o cemitério, o cotiguaçu, o colégio, as oficinas, o Cabildo e as casas dos índios.

O povoado e suas estruturas - A praça



Área da praça vista pelo ângulo da porta principal da igreja



Visão da atual guarita e do museu a céu aberto vistas a partir área da praça central



Cabildo

Texto de Marisete de Mattos Morais com adicionais de Arno Kern e Álvaro Theisen

O Cabildo era o centro administrativo das Reduções e ficava localizado em prédios junto à praça principal. Era a instância responsável pelos aspectos mais ordinários do governo local, como aspectos administrativos, policiamento, regimentos, divisão de tarefas e interface com os padres.

A comunidade missionária possuía autonomia, porém, não soberania. Todos os integrantes das reduções reconheciam o poder do Rei da Espanha, representado pelo governador do Paraguai ou do Rio da Prata.

O cabildo era o gestor da redução, eleito pela comunidade. Distribuíam as atividades de trabalho entre os índios, tinha “mandado” de um ano, era eleito um ano antes de iniciar seu exercício para já iniciar seu aprendizado de gestão juntamente com o cabildo do exercício.

Os Caciques e os Cabildos indígenas eram a nova realidade política que estabelece a integração do grupo tribal à estrutura política da monarquia espanhola. São duas parcelas de um todo social: o povoado missionário.

Em cada redução, havia apenas dois padres, sendo que um era responsável pelos serviços religiosos, enquanto o outro organizava as atividades cotidianas. Os índios dos diversos grupos eram coordenados pelo conselho dos caciques que formavam o Cabildo, numa estrutura hierárquica, tipo militar, que correspondia à experiência do fundador da Companhia de Jesus.

Nas reduções, a autoridade maior era dos padres, seguido dos integrantes do Cabildo. Assim, o processo eleitoral era cuidadosamente realizado no início de cada ano, sob a direção dos padres e registro em ata, que, após as eleições eram encaminhadas ao Governador para aprovação da escolha popular.

O Cabildo era assim composto: o corregedor (prefeito) era o chefe nomeado pelo governador mediante proposta dos padres e dos caciques; os demais eram um tenente-corregedor (vice-prefeito), dois alcaides ordinários (juizes), dois alcaides das irmandades (delegados para assuntos rurais), um alferes-real (portaestandarte e chefe militar), um escrivão (secretário), regedores (delegados de bairro) e os alguazis (funcionário da justiça ou da polícia).

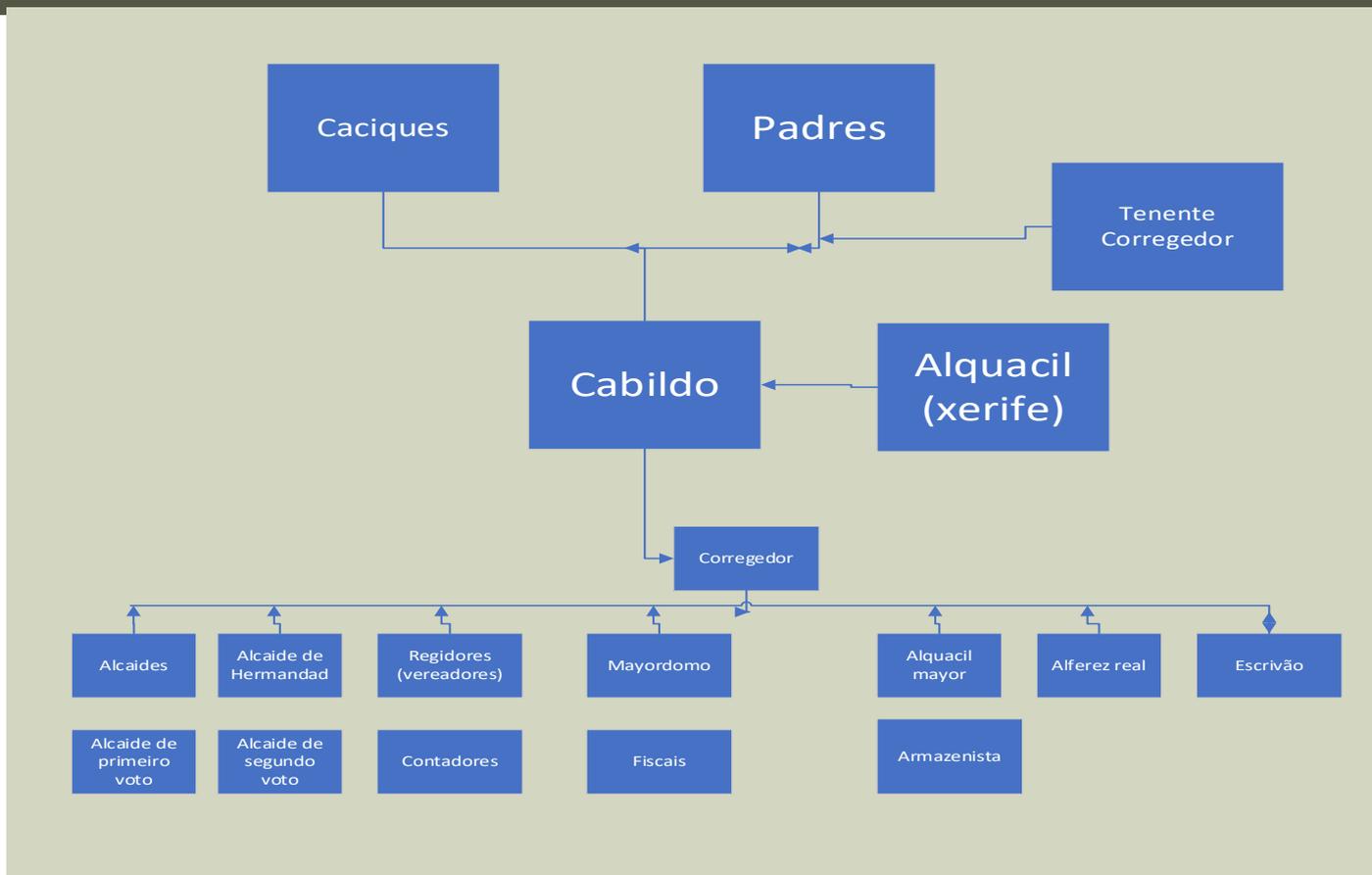
Estes eram eleitos pela comunidade indígena, mediante proposta do jesuíta. Havia, ainda, os administradores públicos, subordinados ao Cabildo, o mayordomo (a quem correspondia o controle dos bens comunitários), contadores, fiscais e armazenistas.

O eleito para assumir essa função, Mayordomo, já possuía experiência de administração no período em que os índios viviam em tribos. Nos tempos de paz, ele resolvia os conflitos e, no período em que havia guerras, ele liderava a tribo em sua defesa. Desta forma, houve uma fusão, entre a prática tribal do cacicado e as formas de governo jesuítico, permitindo coordenar e organizar as reduções, na forma do Cabildo.

O escolhido deveria ser um velho e experiente cacique. Além disso, era necessário cultivar as tradições, saber se comunicar e respeitar opiniões. Por possuírem tais características, eles foram mantidos nas reduções, coordenando, cada um, um grupo de índios. Nas reduções, o tratamento penal recebido pelos caciques, no caso da transgressão de alguma norma, era diferente dos outros. Não recebiam castigos e, se este fosse necessário, não era realizado em público. Seus descendentes iam à escola, aprendiam a liderança, a ler e a escrever, pois poderiam ser os futuros dirigentes do grupo, enquanto os outros se ocupavam das oficinas. A sucessão do cargo, posto à eleição, poderia ser do filho mais velho ou até mesmo do que se sobressaísse entre os demais índios. Os outros cargos eram eleitos pelo Cabildo e, nas palavras de Bruxel (1987), contavam com o auxílio dos padres, por estes saberem com mais propriedade quem era o mais apto para integrar o grupo. Assim, havia harmonia no Cabildo, o que se refletia na boa administração da missão.

Os chefes de bairro ou regedores ficavam responsáveis por determinado número de índios, casas ou bairros. No trabalho, um capataz o auxiliava e relatava o que havia ocorrido de relevante no serviço diário.

Organograma da estrutura administrativa de uma redução



À noite, guardas noturnos vigiavam as ruas e revezavam-se para garantir um policiamento preventivo, porém eles não eram profissionais. Segundo Furlong (1962), “era una fuerza previsor, y aun ella tenía más de paternal y doméstica, que de coercitiva y oficial”. Se fossem necessários reforços, chamava-se a milícia. A milícia, como era chamada, foi organizada para defesa do território indígena frente aos ataques dos bandeirantes. Era formada por um corpo de cavalaria e outro de infantaria, com homens válidos que treinavam frequentemente as manobras militares, exercícios e tiro ao alvo. As armas ficavam trancadas à chave, somente os padres ou os chefes da milícia, com autorização, tinham acesso.

O Cabildo exercia os poderes executivo, legislativo e judiciário na redução. Por possuir autonomia e controle de todo o espaço, era o órgão que realizava as mediações dos conflitos. A justiça se ocupava principalmente dos casos sociais e criminais, pois, como não havia propriedade privada, não eram necessárias as disputas civis. O corregedor e os alcaides eram designados para exercer a justiça, pois recebiam aprovação do Governador. Geralmente, solicitavam o parecer do padre, como conselheiro e por obter melhor aptidão administrativa.

Os dois prédios do Cabildo, sendo que um deste pavilhões não possuía divisões internas e seu salão era o local de deliberação do Conselho, ficavam no início da praça em frente à Igreja e que eram unidos às duas capelas que indicavam a rua do acesso principal da Redução e também serviam de moradia para os caciques dominantes (líderes locais). A ilustração abaixo indica os dois prédios:



Fragmento do desenho da Redução de São João Batista feito em 1753 e encontrado no Arquivo de Simancas (Espanha)

O povoado e suas estruturas

Relógio

Segundo Wolfgang Hoffmann Harnisch em seu livro “O Rio Grande do Sul” publicado em 1941 (pagina 284) descreve um dos detalhes que demonstra o requinte utilizado pelo padre Sepp: “A obra-prima, entretanto, era o relógio do campanário de São João, que fazia desfilar, ao bater do meio dia, todos os doze apóstolos pelo mostrador, tal e qual como na célebre igreja de Munique”.



Alpendres

Alpendre é uma cobertura suspensa por si só ou apoiada em colunas sobre portas ou vãos. Geralmente, fica localizada na entrada da casa. Aos alpendres maiores dá-se o nome de varanda.

Há indícios visíveis da existência de alpendre ao lado da Igreja e no espaço do cemitério, inclusive do contra piso de arenito. A largura era de 5,3 m e o comprimento de toda a lateral da igreja. Ainda é possível encontrar algumas bases das suas colunas de pedras no local.

Também há indícios da existência de alpendre saindo para o pátio da casa dos Padres (lado paralelo da Igreja). Nestes locais identificam-se os pisos e a base dos degraus da escadaria para o pátio. Estima-se que o alpendre deveria ter o comprimento da igreja.



Piso do alpendre (hoje encoberto pela vegetação) que acompanha a parede lateral esquerda da igreja, com a saída para o pátio dos padres



O povoado e suas estruturas

A arquitetura germânica nas Missões

A comparação entre a torre da Igreja de São João Batista e a torre da Igreja de São Maurício (Saint Moritz) em Ausburg na Alemanha, permite observar aspectos arquitetônicos semelhantes entre elas. Segundo relatos do próprio Padre Jesuíta Antônio Sepp a obra seria uma inspiração para a construção e decoração do templo Missioneiro de São João Batista.

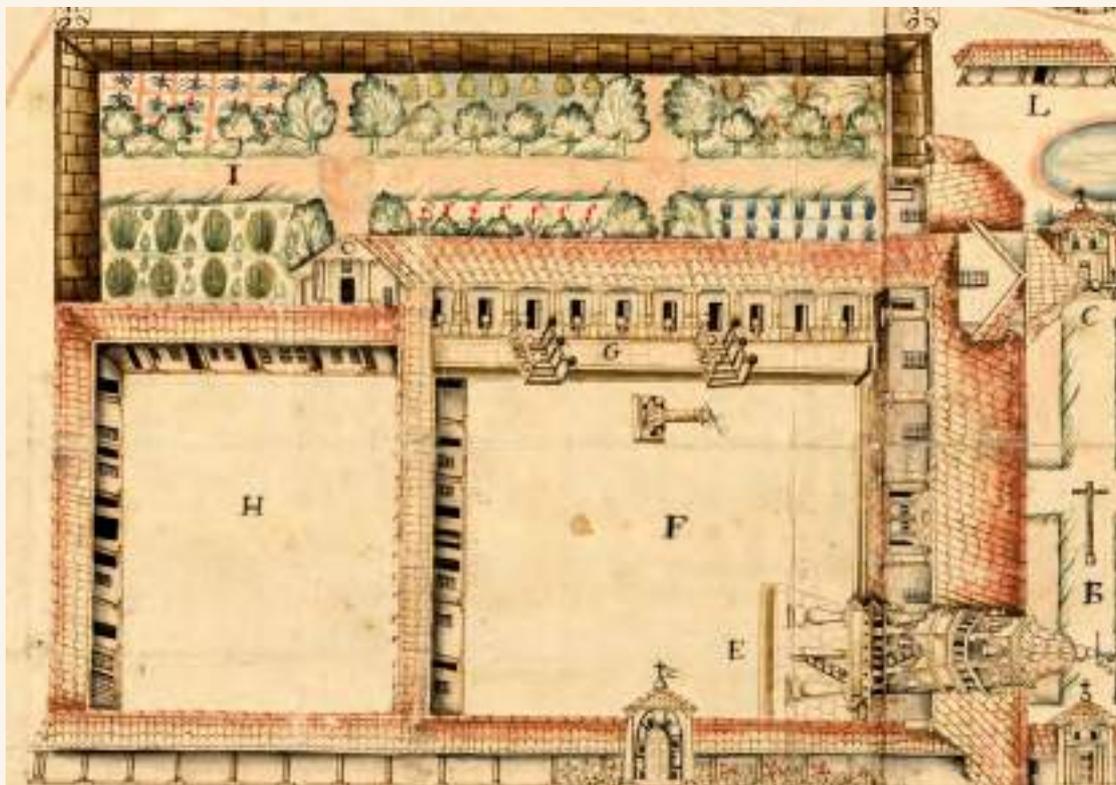


Comparação entre os estilos das Torres



Detalhe do interior do Pátios dos padres que era circundado por alpendres (foto de San Ignacio Mini – Argentina)

Residência dos Padres



Desenho do pátio dos padres segundo registro encontrado no arquivo de Simancas | F - Primeiro pátio | H - Segundo pátio

Em um dos lados da igreja localizava-se o primeiro pátio, que seria o pátio doméstico ou claustro, com acesso direto à igreja e à praça, destinado a atender a residência dos padres e a sala onde eram ensinados os filhos dos caciques, o colégio. Ele se ligava ao segundo pátio, onde se localizavam as oficinas dos artesãos e os depósitos, atividades de produção, manutenção e abastecimento da redução

A residência dos jesuítas era sempre muito espaçosa, considerando que em cada redução havia apenas dois ocupantes. Era sempre construída ao lado da igreja, de maneira a possibilitar estar próximo ao local da celebração, onde se realiza a “opus dei” (a obra de Deus).

A gravura do século XVIII permite interpretar que havia um desnível entre o que seria o piso dos aposentos e do alpendre com o nível do pátio, pois para acessá-lo haviam duas escadarias em pedra. O desnível até hoje é facilmente identificado no local.

Em São João Batista temos presença daquele jesuíta considerado como o “Gênio das Reduções”, o padre Antonio Sepp e provavelmente (é uma hipótese apenas) ele ocupou o segundo cômodo ao lado da igreja, visto que o primeiro, devido ao seu tamanho menor, ser dedicado ao armazenamento dos livros, ou seja à biblioteca.

Desta forma, apesar do espaço estar ocupado pela vegetação e com as paredes desabadas é possível visualizar com clareza o local que seria a habitação ocupada pelo padre Sepp.

Valfredo Neves



Ilustração de como seria o pátio dos padres (exemplo de San Ignacio Mini – Argentina)

O povoado e suas estruturas - A residência dos padres



Estado de conservação de uma das paredes do Pátio dos Padres, entre a Igreja e a Varanda de acesso à Quinta



Observações no segundo quarto (dormitório) do complexo de cômodos do Pátio dos Padres ao lado da Igreja



Detalhe da área central do Pátio dos Padres coberto por vegetação - gramíneas e árvores



Ambiente da casa dos padres tomado pelo mato (o nível do piso está abaixo de 2 metros)

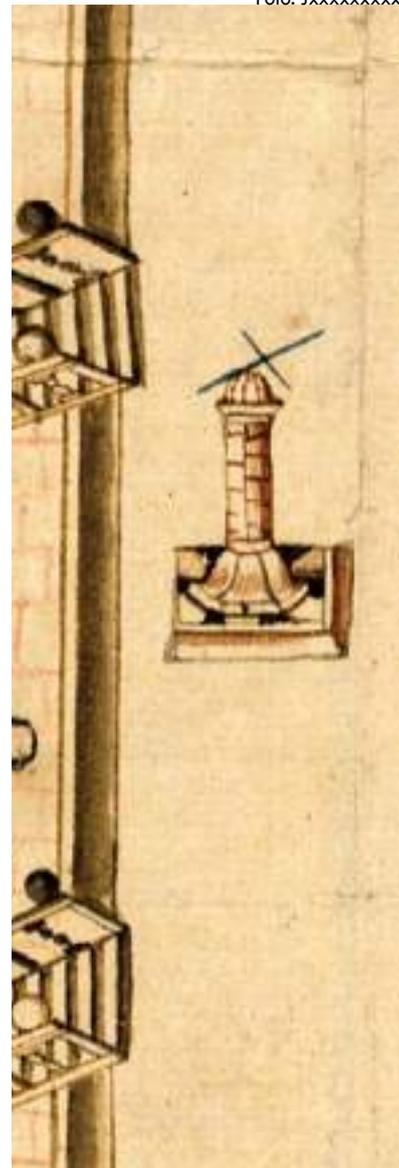
Foto: Marcos Demeneghi



Parede divisória da Igreja e acesso à área do Pátio dos Padres. Passarela ao fundo dá acesso aos cômodos e também à Quinta

Relógio de sol

Estima-se que na Redução de São João Batista havia um relógio de sol e localizado no pátio do colégio, inclusive que pedras em arenito rosa encontradas no local sejam integrantes deste dispositivo.



Pedras de arenito que podem ter integrado a estrutura do relógio de sol (hipótese)

OUTRAS ESTRUTURAS

Alpendre da casa dos padres

Há indícios dos pisos e se identifica a base dos degraus da escadaria para o pátio da casa dos padres. O nível do piso é facilmente identificável. Este é o alpendre voltado para o interior do pátio

Outra sala casa dos padres

Há todas as paredes caídas no local e facilmente identificável para a sua reconstrução. Há vegetação que necessitará ser removida. O piso também deve estar acessível após a remoção dos entulhos (pedras, terra e vegetação). A porta de acesso é identificável. Estima-se um desnível de 1,5 metros para se atingir o piso em relação ao atual nível.

Salas de aula

Paredes completas e boa parte em seu local original. Há necessidade trabalho de restauração para recompor as pedras caídas e se atingir o nível do piso original.

Adega

Sala com profundidade maior que as anteriores e com dimensões maiores que as anteriores. Há muito entulho e vegetação. Neste ambiente é possível identificar um encaixe da porta de pedra que era muito usado nos depósitos de alimento para ampliar a resistência ao acesso.

Oficinas

A indústria colonial estava nos povoados missioneiros e em suas estâncias (CUSTÓDIO, 2002). Nas oficinas artesanais, eram trabalhados os metais, o barro, o couro, o algodão a madeira e os pigmentos. Ali eram produzidos os instrumentos e utensílios utilizados nas construções e na vida cotidiana, como: produtos de carpintaria, mobiliário, instrumentos musicais, ferragens, pratarias, cutelaria, cerâmicas, artesanato, tecelagens, pinturas e esculturas.

Existiam cerca de 30 ou 40 oficinas em cada redução. No primeiro semestre do ano, trabalhava-se intensamente nessas oficinas e, no segundo, cultivava-se a terra. Nelas, os índios aprendiam diversos trabalhos: escultura, pintura, ferraria, tecelagem, chapelaria, carpintaria e olaria.



Atual passarela que ajuda identificar a passagem interna entre o Pátio dos Padres e o Pátio das Oficinas



Elevação no revelado demonstra que as estruturas foram absorvidas pelo mato

Conforme Baptista: Homens e mulheres indígenas, incluindo caciques, cada qual com suas tarefas e restrições, produzem cestos, arcos, lanças, flechas, armadilhas, cerâmicas, móveis, instrumentos musicais, telhas, uma infinidade de peças sacras e objetos destinados à igreja, ao povoado ou aos demais trabalhos (2009, p. 56).

OUTRAS ESTRUTURAS

Muro externo das oficinas

Há ainda visível uma parede das oficinais que delimita o espaço interno. É um alinhamento de pedras cuja altura, neste momento, é de 1 metro. Contudo, se escavar até atingir o nível da rua original seguindo o alinhamento há mais de um metro de sedimento acumulado. As oficinas apresentam paredes paralelas, mas não se identificam vestígios de divisórias entre os ambientes no atual nível disponível (é possível que exista alicerces não visíveis). Identifica-se o local das portas (aberturas), contudo, há mais de um metro de resíduos.

Muro de pedra que sai para a área da fundição de ferro

Quando comparados os vestígios e o mapa da estrutura da redução, feito pelos exércitos invasores, este muro é localizado na abertura que parece em tal esquema. Junto a este muro de aproximadamente 150 metros de comprimento se encontra várias escórias de ferro fundido. Há indícios que existisse um alpendre ao longo deste muro.

Muro que fecha a quinta

Estrutura de pedra no meio do mato facilmente visível, mas a vegetação já cresceu em sua volta.

Alpendre das oficinas pelo lado externo do pátio

Não há levantamento realizado em estudos arqueológicos, mas é possível visualizar indícios da existência do alpendre externo do pátio

Alpendre das oficinas pelo lado interno do pátio

Os indícios da existência de alpendre no lado interno do pátio das oficinas, estão visíveis, embora não existam registros e estudos realizados a esse respeito.

Parede fundo da oficina

Parede muito bem conservada (quase intacta) e há um desnível de aproximadamente 2 metros.

Muro no canto da oficina

Esta estrutura de pedra sai do canto da oficina e paralelo ao muro anterior provavelmente formando o complexo da fundição.

Quinta

A quinta desempenhava um importante papel. Era o local de aclimação de plantas europeias, pomar, horta e jardim. Nela se plantavam flores, hortaliças e plantas medicinais (KERN, 2006).

Ao visualizar o espaço destinado à Quinta (horta) é possível perceber o tamanho do espaço que os Jesuítas dedicavam ao plantio de espécies que desejam aclimatar na região e também as ervas de uso medicinal dedicadas ao tratamento dos enfermos da própria redução.

O desnível do terreno também era utilizado para facilitar o processo de irrigação das plantas utilizando as águas coletas dos telhados dos prédios da redução que eram canalizadas e direcionadas para os tanques que forneciam a água para as plantas.

Segundo a planta de Cabrer a Quinta possui 125 metros de profundidade por 226 metros de comprimento compreendendo toda a extensão desde os fundos do cemitério até o final do complexo das oficinas. O ambiente da quinta ficava em nível abaixo do nível da igreja, casa dos padres e oficina e para dar acesso havia uma longa escadaria de pedra que unia todo avarandado calçado que existia entre as construções e a quinta.



Ilustração dos legumes que eram cultivados pelos Jesuítas na sua quinta. Havia intercâmbio de sementes e experiências entre as reduções. Muitos dos legumes e frutas que fazem parte da nossa alimentação hoje foram introduzidas na América pelos Jesuítas.



Espaço da quinta na gravura elaborada por Simancas



O povoado e suas estruturas - A Quinta



Placa indicativa do local de acesso a Quinta



Atual escadaria que permite o visitante descer até a área da Quinta



Área que faz parte da trilha de visitação e delimitada como pertencente a Quinta

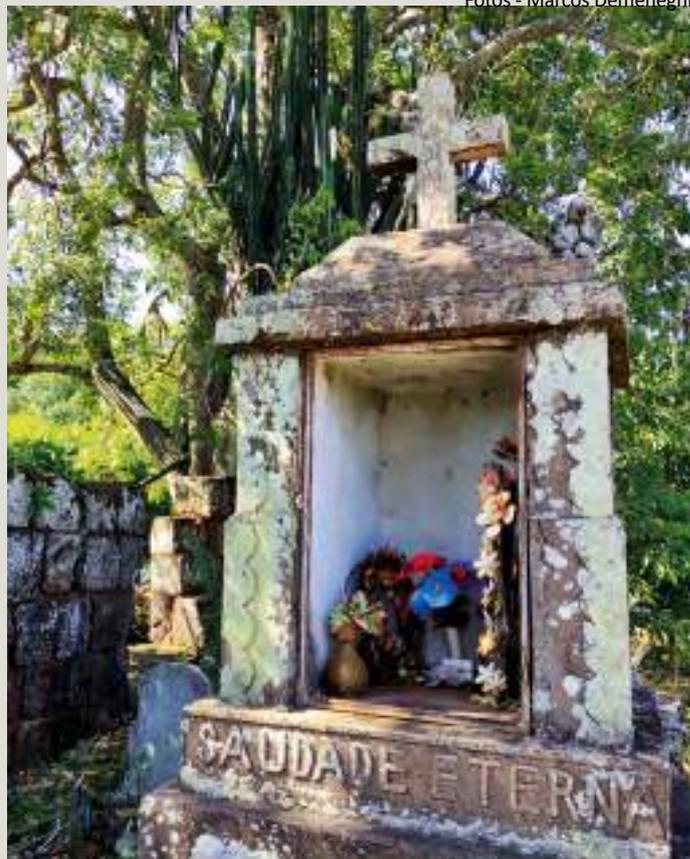
O cemitério

O cemitério estava localizado ao lado da igreja, de acordo com a tradição medieval. Conforme Kern (2006), na estética barroca dos jesuítas, havia um pórtico de acesso a este local, simétrico ao pórtico em frente à residência dos missionários, sendo ambos os pórticos simétricos em relação à fachada da igreja, compondo o cenário arquitetônico principal da praça maior.

O cemitério era destinado ao sepultamento dos corpos dos indígenas guaranis, enquanto que os padres eram enterrados no espaço fronteiro ao altar. Havia duas capelas mortuárias, uma na parte frontal ligada à Igreja (há pesquisadores que defendem a hipótese que ali seria o batistério) e outra nos fundos do cemitério.

O local do antigo cemitério foi usado pelos colonizadores, inclusive, identifica-se no local túmulos feitos com pedras da antiga redução. No entanto, no ano de 2018 o IPHAN suspendeu novos sepultamentos.

Na área que fica a direita do cemitério é possível identificar os indícios de uma rua que separava o cemitério do Cotiguaçu e que hoje está tomado pela vegetação.



Túmulo edificado, possivelmente, com material construtivo da antiga redução de São João Batista



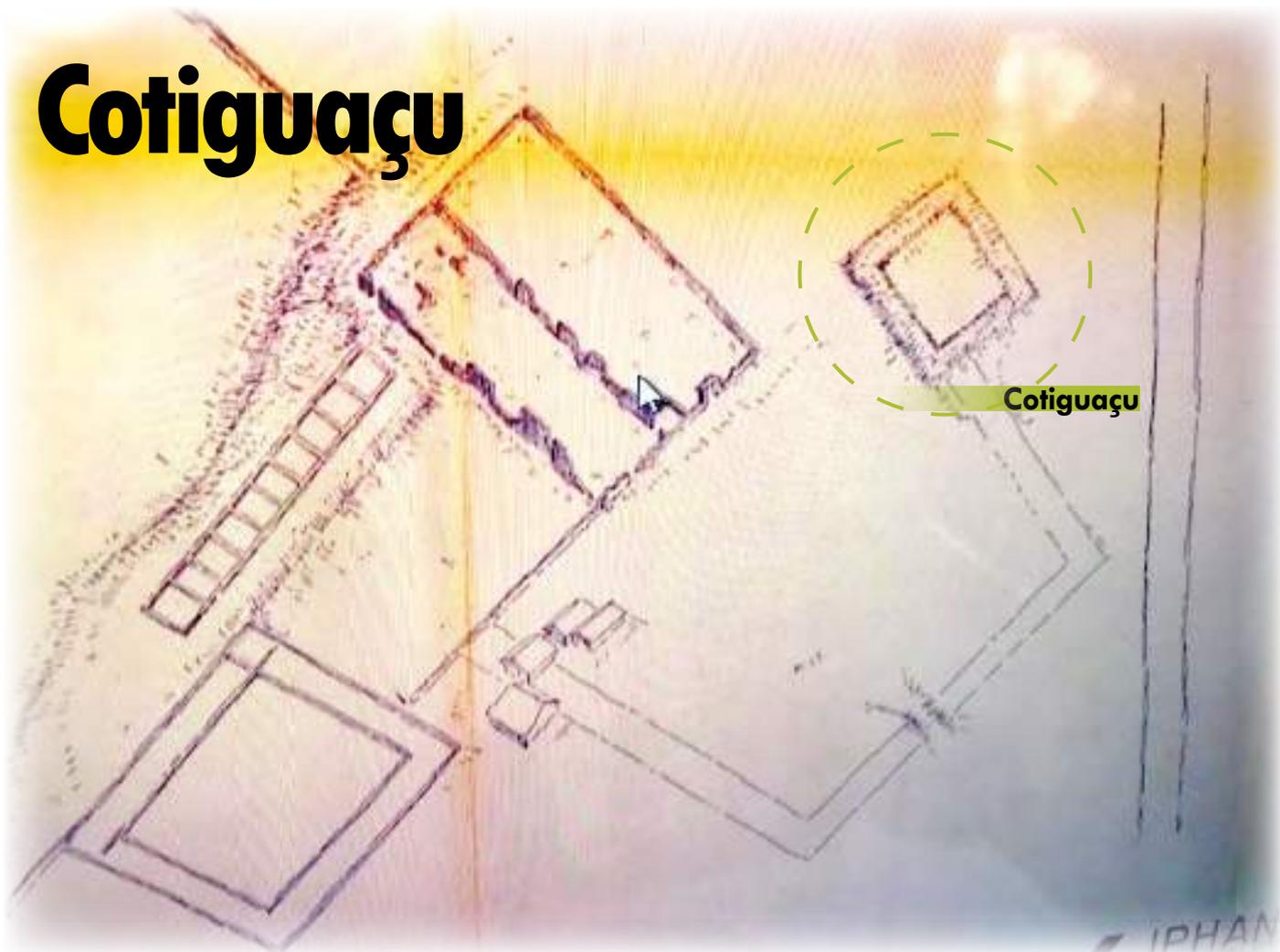
Atual pórtico de entrada do cemitério



Vista da entrada do cemitério em plano aberto



Cotiguaçu



O cotiguaçu era o espaço destinado a habitação permanente das mulheres recolhidas, viúvas e órfãs, ou de permanência temporária (quando os maridos estivessem prestando serviços externos ou em missões militares). Seu nome em Guarani significa: casa grande ou albergue grande (CUSTÓDIO, 2002)

Atualmente o espaço do cotiguaçu mostra que a edificação foi quase toda degradada restando apenas alicerces e piso de ladrilho sobre a vegetação rasteira (gramado). No mato ao lado do cemitério há várias pedras (mais de 100) que vieram do interior da igreja em intervenções não científicas feitas no passado.

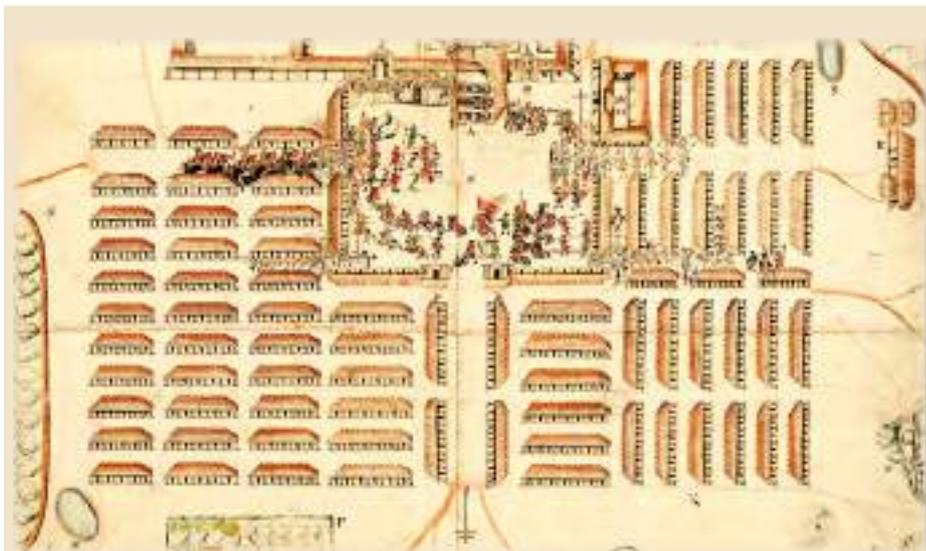
O local onde estava implantado o Cotiguaçu (residência das viúvas e órfãos) está situada a sudeste (SE) do Cemitério da Redução. O local está encoberto por vegetação densa.



Casa dos índios

Conforme Custódio (2002), as casas dos índios foram adaptadas ao padrão moral dos padres, isto é, foram subdivididas em cômodos, que passaram a ser utilizados, cada um, para apenas uma família.

Estas unidades de habitação, de forma retangular, substituíram os quarteirões quadrangulares das ordenações espanholas. Todas elas são circundadas externamente por alpendres pavimentados.



Da mesma forma que as demais construções, a arquitetura das casas dos índios também passou por três etapas construtivas em seu processo evolutivo: as da primeira etapa, com construções precárias fabricadas de taquaras revestidas de barro, cobertas de palha. As da segunda, de tijolos ou adobes ou de pedra e barro. As da terceira, algumas vezes com galerias de pedra de cantaria, às vezes trabalhadas ou com arcadas de pedra, passeios pavimentados com cerâmicas e portas de madeira trabalhada.

No desenho encontrado em Simancas é possível contar 75 conjuntos de casas de índios como ilustrado abaixo.

A Área 06 compreende o complexo das casas de índios (manzanas) que circunda as 3 demais faces da praça central (Plaza Mayor) além da face frente à Igreja. Pavilhões de habitação coletiva, inspirados nas casas grandes dos Guarani, porém subdivididas, onde cada família tinha um cômodo com suas redes. Tinham cerca de 12 metros de largura e eram ladeadas por varandas (DE CURTIS, 1933, pg. 33). Ocupando espaços equivalentes a um quarteirão eram elevadas em relação ao nível da rua que as separavam em cruzamentos ortogonais. para evitar a entrada da água da chuva nas moradias.



Foto - Valfredo Neves

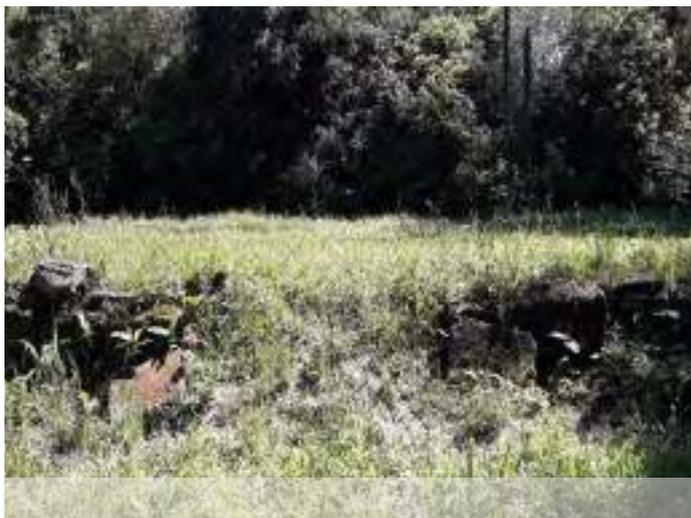
Detalhe do alpendre na parte externa (fotografia de San Ignacio Mini – Argentina)



Foto - Valfredo Neves

Exemplo de uma moradia de índios (fotografia de San Ignacio Mini – Argentina)

O povoado e suas estruturas - A casa dos índios



Detalhe dos vestígios da entrada de um cômodo das oficinas



Ponto de confluência entre as áreas do Pátio das Oficinas, Praça Central e Cabildo/Casas de Índios. Visão Norte

Vista geral da rua em frente ao Pátio das Oficinas em direção ao complexo dos Fornos de fundição de ferro. Visão Oeste





Casa de material Missioneiro

No passado fora identificado na área do atual sítio arqueológico uma moradia utilizada pelos colonizadores que ocuparam o lugar após o colapso das Reduções Missioneiras e a estrutura da mesma era total constituída de material proveniente da Redução de São João. A mesma foi destruída oportunamente e parte do material está exposto junto à Guarita de entrada do sítio arqueológico. A placa identifica o local onde a casa estava instalada e não deve ser confundida como uma estrutura integrante do complexo da Redução pois ela fora construída posteriormente a saída dos jesuítas.



Detalhe da placa de identificação no local (vestígios encobertos sobre capão de mato);

Local da casa de moradia construída com material missioneiro. A edificação foi descrita por Lucio Costa em 1937. Foi tombada, porém destruída.





Forno e fundição

A Redução de São João Batista se destacou por ter construído a primeira fundição de ferro com alto forno da América, feito este liderado pelo padre Sepp. O forno construído pelo padre Sepp era de origem germânica (Stuckofen) e era considerado um alto forno podendo produzir metais para confecção de armas de fogo e mesmo canhões.

O povoado e suas estruturas - Forno e fundição

O forno Germânico (alto forno) instalado em São João Batista foi uma inovação nas Missões Jesuíticas, permitiu novas possibilidades de extrair e transformar esta matéria prima nos mais variadas ferramentas e instrumentos.

Os fornos usados nas outras reduções eram fornos pequenos (fornos de fiar ferro, forja de lupa e forja catalã) e eles possibilitavam a conversão de barras de ferro fundido e lingotes em artefatos, bem como a fusão parcial de ligas de metal que não necessitassem uma maior temperatura (pois atingiam no máximo 800 graus Celsius) como o estanho. Estes fornos propiciavam uma fusão de metais através do aquecimento e martelagem produzindo até o “ferro doce” (baixo teor de carbono e sem elementos de liga).

Os minerais utilizados nestas forjas eram provenientes de barras trazidas da Europa.

O forno catalão que era usado até então tem uma forma simples onde o mineral é misturado ao carvão vegetal, aquecidos pelos foles, e a massa que se forma é constantemente batida para melhorar a mistura e a separação das impurezas.

O forno construído pelo padre Sepp era de origem germânica (Stuckofen) e era considerado um alto forno podendo produzir metais para confecção de armas de fogo e mesmo canhões.

As paredes laterais desse forno tinham uma altura razoável (estima-se em 2,4 a 3 metros), para poder suportar o carvão e o mineral de ferro em altas temperaturas, e uma chaminé de 30 cm de largura.

Pela chaminé era colocado uma parte de mineral por seis partes de carvão vegetal. O mineral era seco por torrefação antes de ser triturado e levado ao forno. No forno o mineral aquecido lentamente separava-se da escória, formando uma massa fluída e incandescente. Após 24 horas de queima, a escória era escorrida por orifícios superiores e o metal era retirado com ganchos pelos fundidores, por uma abertura, existente para tanto, provavelmente vedada com argila, depositada em uma superfície de areia em forma de canais e transformado em lingotes. Estes lingotes eram levados às forjas para serem transformados em artefatos úteis.

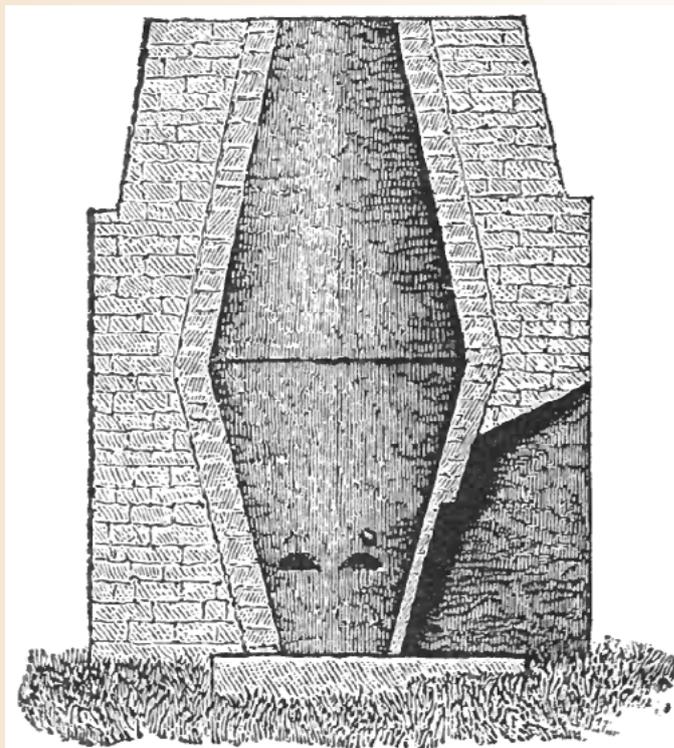


Fig. 1.—German Stuckofen.

Os minerais utilizados para o alto-forno de São João eram conseguidos em minas próximas pois o “itacuru” – basalto vesicular ferroso, abunda na região.

Na parte inferior do alto forno, na chamada zona de elaboração, o ar é soprado entre 1600 e 2100 °C. Por cima a escória contém SiO_2 e outros óxidos (Fase I), enquanto embaixo o ferro gusa líquido contém Fe e outros metais (Fase II). O ferro-gusa é, basicamente, uma liga de ferro, resultado da redução do minério de ferro, ao absorver carbono, em um alto-forno. O gusa é o produto imediato da redução do minério de ferro pelo coque ou carvão e calcário num alto forno. O gusa normalmente contém até 5% de carbono, o que faz com que seja um material quebradiço e sem grande uso direto.

O gusa é vertido diretamente a partir do cadinho do alto forno para contentores para formar lingotes, ou usado diretamente no estado líquido em aciarias ou fundições. Os lingotes são então usados para produzir ferro fundido e aço, ao extrair-se o carbono em excesso.

O povoado e suas estruturas - Forno e fundição

Sistema de obtenção do ferro

O Alto forno tem como finalidade a fusão dos minérios de ferro, hematite (Fe_2O_3) e magnetite (Fe_3O_4) e obtenção de ferro-gusa ou simplesmente designada de gusa (ferro da primeira fundição).

A fabricação do aço ocorre geralmente em duas etapas: primeiramente a obtenção do chamado ferro gusa no alto forno, material metálico composto majoritariamente por ferro, porém contendo também altos teores de carbono (da ordem de 4,5 %) e altos teores de impurezas (enxofre, fósforo e outros elementos).

A segunda etapa é a conversão do ferro gusa em aço na chamada aciaria, onde nos conversores ocorre basicamente a oxidação do excesso de carbono e das impurezas, que são assim removidos, resultando numa liga ferrosa com teor de carbono bem mais baixo (em geral inferior a 1 %) e com baixíssimo nível de impurezas, que pode ser considerado residual.

O forno é construído na forma semelhante a uma chaminé, numa estrutura alta feita com tijolos refratários. Coque, pedra calcária e minério de ferro (óxido de ferro) são inseridos no topo. O ar chega pela base. Este fornecimento de ar permite a combustão do combustível no seu interior. Isto reduz o óxido a metal que, sendo mais denso, se concentra na parte inferior do forno.

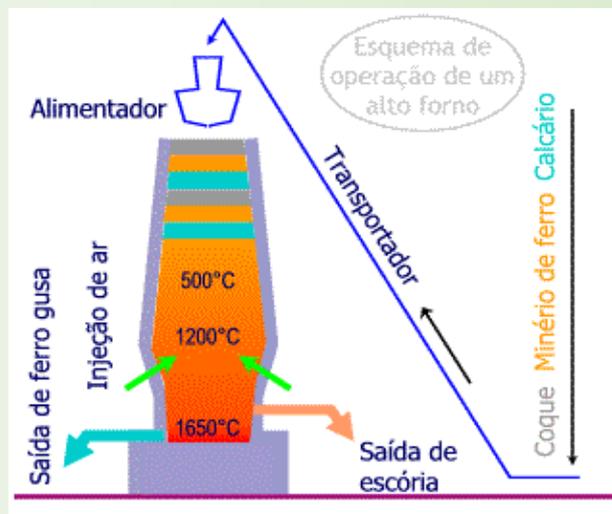
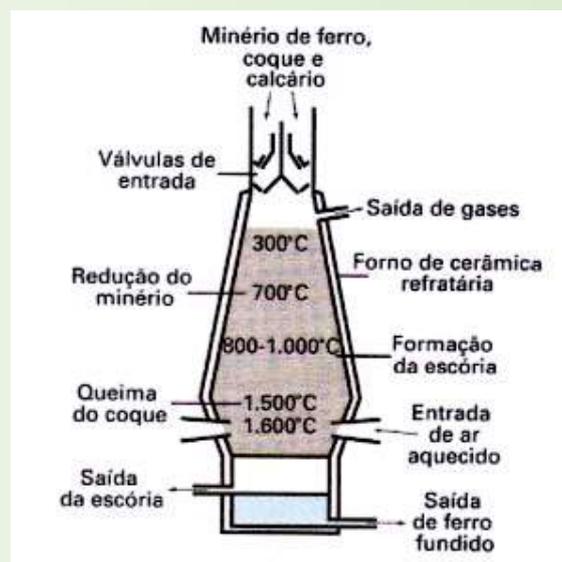


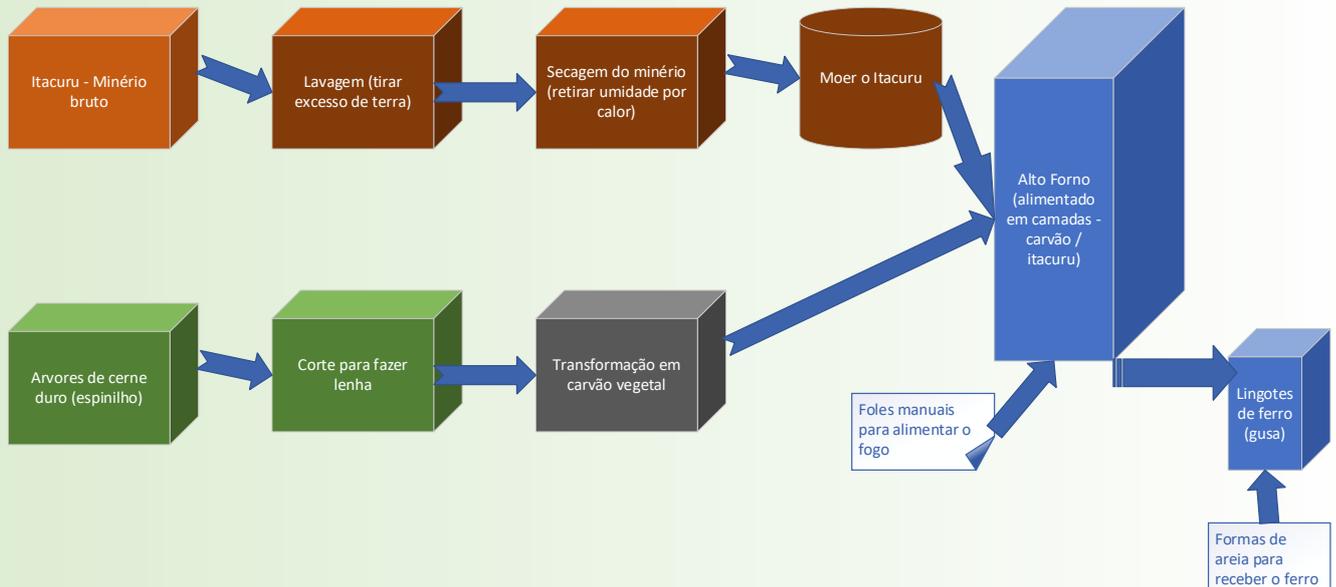
Figura 1 - Funcionamento do alto-forno



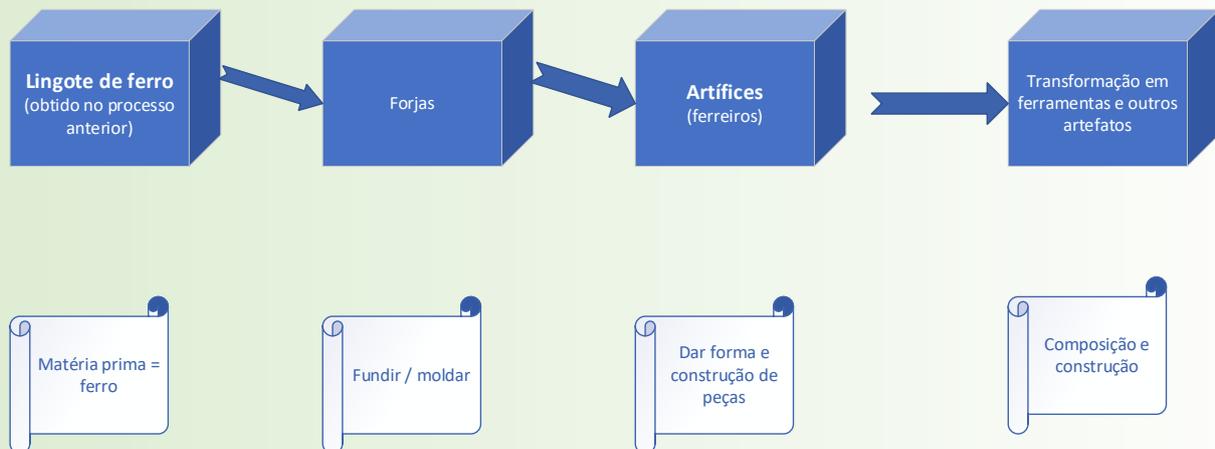


O povoado e suas estruturas - Forno e fundição

Processo de produção de ferro na Redução de São João Batista



Processo de fabricação de ferramentas e outros artefatos de metal



Os artefatos de metais produzidos nas Reduções

Por - Claudio Batista Carle



Dobradiça encontrada por Vera Thaddeu em 2004



Ferragens encontradas durante escavações

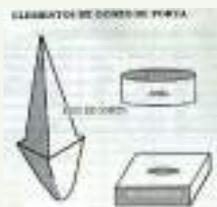
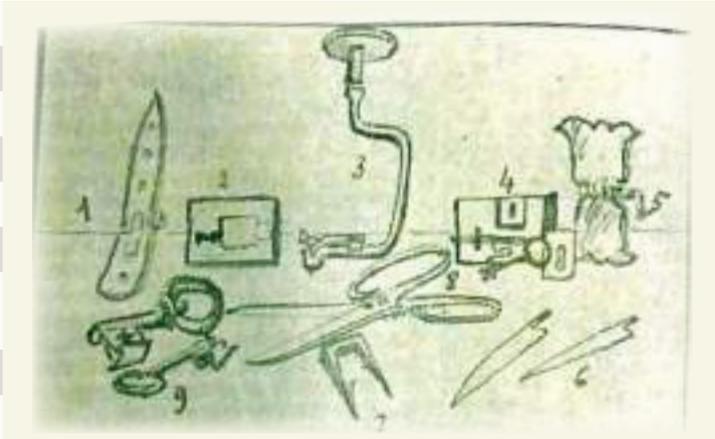
Considerando os achados nas escavações já realizadas a maioria dos artefatos de metal descobertos podem ser classificados como ferragens de aberturas, elementos construtivos, utensílios de cozinha, armas, elementos religiosos e ferramentas diversas.

Os padres utilizaram nas construções das Reduções um maior número de artefatos de união e contenção de vigas e tabuamentos, sendo que trabalhos arqueológicos revelaram pregos, parafusos, cotovelos, cantoneiras, ataduras metálicas, cravos pinados, cravos com orifícios em uma extremidade, cravos em forma de ganchos ou argolas, conectores e rebites.

As construções que apresentavam portas e janelas utilizavam as ferragens de abertura tais como ferraduras, chaves, maçanetas, aldravas, dobradiças, eixos e gonzos de porta e janelas.

Ilustração de artefatos de ferro feitos nas Missões a partir da extração do minério

- | | |
|----|---|
| 01 | Dobradiça de ferro forjado |
| 02 | Ferragem para mobiliário ou baú |
| 03 | Fechadura de ferro forjado |
| 04 | Fechadura de ferro forjado com chave e olho |
| 05 | Dobradiça de ferro Forjado |
| 06 | Folhas de facas de mesa |
| 07 | Arpão de pesca com ganchos internos de retenção |
| 08 | Tesouras |
| 09 | Chaves de bronze polido |



O povoado e suas estruturas - Forno e fundição

Nas oficinas foram encontradas e descritas no inventário realizado posteriormente ferramentas como talhadeiras, formões, cinzéis, espátulas, alicates, martelos, roldanas, ganchos, argolas e dedais de costura.

Também há registros de implementos como armas de caça e pesca, de uso agrícola, lâminas de machado, foices, anzóis, elementos de carroças, freios e esporas.

Os utensílios de cozinha também foram encontrados tais como panelas de ferro, tigelas de metal esmaltado e talheres (garfos, facas e colheres).

No claustro foram encontrados os elementos de ta-noagem para armazenamento sendo encontrados arcos metálicos de barris e fechaduras de baús. Também se encontrou elementos religiosos como crucifixos, medalhas e outros adornos metálicos, além de elementos de vestimentas como botões e fivelas.



Sobre a localização de prováveis fornos

“Provavelmente, São João Batista produziu o metal fundido que era refinado nas outras Reduções retirando-se a escória, ou talvez houvesse outras fundições, nos outros povoados, com fornos “castellanos”. Estas hipóteses só serão confirmadas com uma Arqueologia metalúrgica, que possibilite levantamentos intensivos e escavações nos locais de prováveis fornos. O local de fundição de São João Batista não foi descrito pelo Padre Sepp, devendo ser levantado por uma metodologia prospectiva mais eficiente que a, até então, utilizada.” (CARLE, 2018, p.139)

No entanto, informações sobre sua localização são apontadas na nota de rodapé nº23 do livro que compila as cartas e anotações escritas pelo Pe. Antonio Sepp acerca da implantação da Redução de São João Batista, aos quais sugerimos averiguar in loco:

“(23) Com o apoio do Prefeito de Santo Ângelo, Sr. Policarpo Gay, e com a contribuição pessoal do Sr. Serafim Ferreira, oficial da Prefeitura que tem estudado, de modo particular, a história de seu município, me foi possível descobrir o local onde se achava a primeira usina siderúrgica sul-brasileira.

A trezentos passos da ruína da igreja, perto dos fundos da casa de moradia da atual estância de São João Velho, há um roçado de milho. Aí se encontram numerosos pedaços de ferro fundido e escória. Não havendo nada semelhante, em parte alguma da região missioneira, pode-se admitir ter sido este, realmente, o lugar da usina.

Examinamos diversos pedaços encontrados, os mais interessantes são as escórias, ricas de ferro, cujas formas não negam haver escorrido, uma vez, sob forma líquida, de um forno de fundição. Alguns pedaços revelam índice maior de ferro, merecendo ser enquadrados na classe do ferro mal corrido. Não encontramos ferro puro, o que é natural, pois o ferro bem corrido passa para a forja. O índice relativamente alto de ferro nos blocos mal corridos e o pequeno peso (a leveza específica, portanto) da escória revelam que as fundições bem corridas devem ter produzido um ferro de excelente qualidade.” (SEPP, 1972, p. 217; SEPP, 1980, p. 229)



O zelador do sítio, Elói Pereira relata situações de quando os vestígios de escória de ferro estavam visíveis



Extremidade Oeste do sítio arqueológico (divisa com terreno privado) onde foram encontrados vestígios de cantaria

O povoado e suas estruturas - Forno e fundição



Estruturas próximas ao possível local onde existia o forno



Espaço da fundição absorvido pelo mato



Espaço da antiga fundição de ferro



Quantidade de entulhos e vegetação sobre as estruturas (estima-se que existam quase três metros de materiais para atingir o piso original)





O povoado e suas estruturas - Outros remanescentes



Pedra entalhada que possivelmente fazia parte de uma abertura de um espaço com grades



Pedra entalhada em arenito que compunha a estrutura de uma porta



Quantidade terra e vegetação que se acumulou acima da estrutura de pedra

Fornos de Olaria

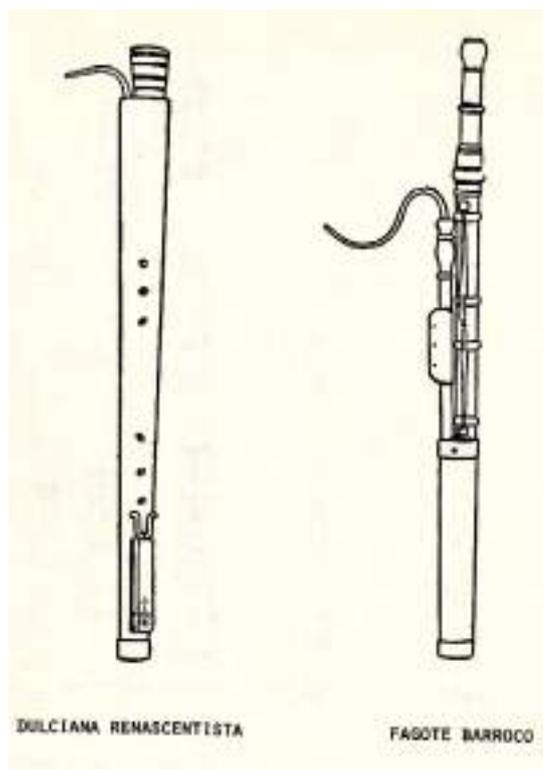
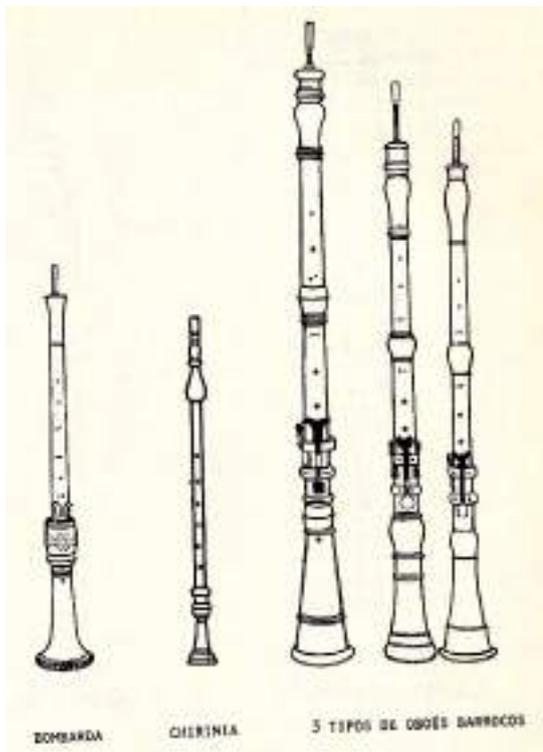
É sabido que haviam dois conjuntos de fornos no mínimo, um dedicado a produção de tijolos e lajotas e outro exclusivo para telhas, sendo que ambos se localizavam foram do atual sitio arqueológico cercado pelo Iphan. E com relação à localização dos Fornos de Olaria transcrevemos abaixo relato do próprio Pe. Antonio Sepp que servirá de base para a sua identificação in loco:

“(...) E este o aspecto externo da minha igreja. Subamos agora ao telhado. Onde arranjar as telhas para cobri-lo? Onde o forno para cozer os tijolos? Seja louvado o Deus misericordioso! Vêde a Divina Providência! Junto ao sopé da colina em que assentei o aldeamento, encontrei ótimo barro ou argila, resistente, pegajosa e muito apropriada para cozer tijolos. No espaço de quatro meses

cozi mais de cem mil. Com eles pude cobrir a igreja e minha casa canônica, junto com o alpendre, construído em quadrado. Para o cozimento de tijolos e telhas fez-se mister abrir enormes covas, nas quais construí três fornos com capacidade de cerca de quatro mil telhas cada um., e como disse, construí-os em número de três (...)” (SEPP, 1972, p. 226; SEPP, 1980, pg. 238).

Musicalidade

Por - Claudio Batista Carle



São João Batista é, entre as reduções dos Sete Povos, a que chama a atenção pelo elevado estágio de desenvolvimento alcançado nos aspectos cultural e industrial. Os relatos falam dos corais com até oito vozes, da orquestra sinfônica e de um órgão construído na própria redução. Eram fabricados no povoado: violas da gamba em seus diversos tamanhos, órgão, violinos, bombardas, chirimias, dulcianas, flautas, harpas, guitarras e vihuelas (antepassado do violão), alaúdes, trompetes, trompas e tambores. Todos os instrumentos de fabricação muito cuidada saíam das oficinas guaranis. Além disso, a produção abastecia não só a própria redução, como também era exportada para outras missões e até mesmo para as cidades coloniais Espanholas.

A fama artística de São João Batista era tamanha. As músicas tocadas nos salões da nobreza europeia também eram executadas na redução e as partituras, embora com algum atraso, vinham da Europa.

A igreja de São João Batista também possuía um órgão de tubos construído localmente e que agradava consideravelmente os frequentadores das missas. O Padre Sepp na suas memórias descreve o processo de construção inclusive com a substituição dos tubos de metais (estanho) por tubos de cedro.

Há relatos que vinham visitantes das outras reduções, inclusive de Chiquitos (atual Bolívia) para terem lições com o Padre Sepp e que a musicalidade que ainda permanece viva em Chiquitos tem muito da influência dos aprendizados transmitidos pelo Padre Sepp.

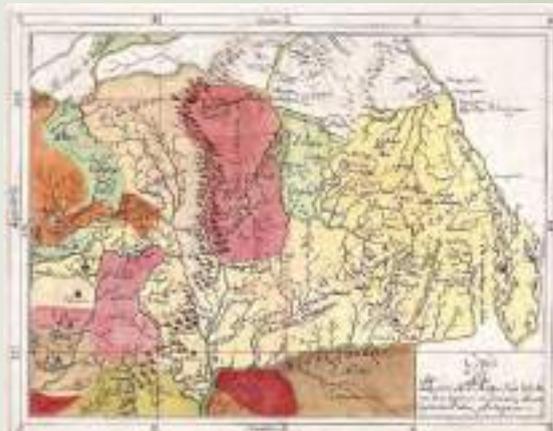
Na sua ordem do dia vemos o Padre Sepp a visitar primeiro os doentes, depois as oficinas e então os músicos: “ora ouço cantar os sopranos, que tenho oito; outras vezes os contraltos, que tenho seis. Os tenores são incontáveis; tenho seis baixos. Depois tocam os quatro trompistas, dando sua lição. Dou lição aos quatro harpistas, aos quatro organistas e a um fiorbista”.



Fotografia ilustrativa capturada na Fazenda Grande, localizada na região de Lages, SC. Esta fazenda pertenceu ao capitão português Joaquim José Pereira, um dos principais fazendeiros do sul do Brasil no final do século XVIII. Os primeiros rebanhos da raça de gado ibérico acrioulado foram introduzidos na região sul do Brasil pelos jesuítas. Quando tomou posse das terras devolutas da Fazenda Grande, o capitão Joaquim José Pereira trouxe gado das planícies gaúchas para repovoar seus campos nativos. Em 2002, os proprietários da Fazenda Grande decidiram reintroduzir o gado crioulo lageano em seus campos nativos. A Fazenda Grande é afiliada a ABCCL – Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Crioula.

O Gado Missioneiro

O rebanho que deu origem ao povoamento da estância de São Lourenço teve início, quando da distribuição de 90 rezes, feita a cada uma das reduções, tiradas das 1500 cabeças que, em 1634, os Padres Pedro Romeiro e Crisóstvão de Mendonza adquiriram do português Manoel Cabral Alpoim, da Vacaria de Corrientes.



Mapa do Padre Hennis com a localização das estâncias das Reduções Estância de São Lourenço – limite do Rio Jacuí. Fonte: Ramon Gutierrez (El Territorio de las Misiones Jesuíticas Guaranis – Cedodal/2017)

Como garantia do pagamento da compra feita, os Padres Romero e Mendonza empenharam livros e alfaías que pertenciam às reduções (primeiro ciclo). Essa atitude demonstra nitidamente o grande interesse que os jesuítas tinham na introdução do gado na região que dominavam, no Rio Grande do Sul.

Lembrando que este gado ficou 40 anos solto e sem cuidado

durante o intervalo que os missionários migraram para a banda ocidental do rio Uruguai em função da ação dos bandeirantes. Somente após o retorno é que as estâncias foram estruturadas da forma que aparecem no mapa abaixo como forma de prover a alimentação complementar às populações reduzidas e também servir como reserva de alimento em tempos de escassez ou outras privações.



Viajantes descrevem São João Batista

Auguste de Saint Hilaire (1821)

São João, 25 de março

Acompanhado pelo administrador fui esta manhã, a cavalo, visitar as plantações desta aldeia. São imensas. As duas outras aldeias não lhe podem ser comparadas. Não obstante as daqui foram feitas por mulheres e meia dúzia de velhos. É preciso entretanto verificar se esse trabalho não está além da força de um pequeno número de pessoas, e eu acredito que sim. O administrador insiste que não pode admitir a ociosidade dos índios, fala a respeito deles com profundo desprezo e parece trata-los rudemente. Todavia, como as colheitas são abundantes, os índios são bem nutridos e tem em geral boa corpulência.

As terras deste lugar, como é notório nas de todas as Missões, são excelentes e produzem igualmente trigo, mandioca, milho, algodão, feijão, favas e todas espécies de legumes. O algodão é de qualidade inferior, mas os algodoeiros produzem muito e duram cerca de cinco anos. Após cada colheita cortam-se os pés. O trigo é batido de modo semelhante ao já descrito no diário referente a Santa Teresa. Para debulha do milho metem-se as espigas em um cocho, batendo-se com pau, à guisa de pilão.

Calcula-se em 200 almas a população de São João, entre as quais há apenas um exíguo número de homens, todos de idade avançada. Tal população foi aumentada de cerca de sessenta indivíduos, tirados entre os que atravessaram o Uruguai nos últimos tempos. O administrador fá-los trabalhar sob a feitoria de um deles. É fácil ver, pela lentidão de seus serviços, que já haviam perdido o hábito do trabalho.

De todas as aldeias das Missões, São João, é a

que menos se assemelha às demais. A praça é muito mais larga que comprida, o convento é construído com muita elevação sobre o solo, obrigando à construção de várias escadas; o curralão fica à direita do convento e a igreja à esquerda. Esta foi incendiada, ao que parece, por negligência de um sacristão, dela não havendo nada, além de ruínas. Substituíram por uma pequenina capela pouco útil, aliás, visto como não há cura em São João.

Essa aldeia também não possui mestre-escola, sendo isso lamentável, pois os índios aprendem com extrema facilidade tudo quanto se lhes ensina. As igrejas das aldeias, construídas e pintadas por eles, mostram do quanto são capazes e eu tive ainda uma prova de suas habilidades; vi na capela de São João a Glória e o Credo escritos com tanta perfeição que somente olhando muito de perto pude convencer-me não serem impressos. Fora autor um velho índio, que exerce as funções de escrivão (um dos cargos dos antigos cabildos), que parece ser um bom auxiliar do administrador.

Ainda na mesma capela, vêem-se alguma imagens de santos, esculpidas pelo sapateiro da aldeia, o qual não serve de outro instrumento além de uma faca. Sem dúvidas não se trata de obras-primas, mas é preciso lembrar que esse homem não teve mestre, nem viu modelos senão alguns muito imperfeitos. A habilidade dos índios está em relação à sua imprevidência, não sabem tirar partido dessas qualidades, nela existentes à guisa de instinto, como acontece à abelha ou à formiga.

Em nenhuma aldeia existe o cabildo completo; em São João apenas há o escrivão mencionado e um tenente corregedor; não se lhe pode dar qualquer outro auxiliar visto não existir na localidade quem saiba ler.



Viajantes descrevem São Lourenço

Hemetério Velloso da Silveira (1886)

Quando a aurora tingia de carmin com raras nuvens no azulado firmamento, já estávamos caminhando pela velha estrada até o povo de São João.

Dentro em poucos minutos, ao passo lento dos animais, aí chegamos.

Mas que decepção! A grande cidade tão populosa como a capital das antigas Missões Orientais, havia totalmente desaparecido. Um grande, um quase impenetrável bosque cobria o local e parte do circuito, onde por quase dois séculos, campeara, no alto de uma colina, a redução dedicada ao precursor do Messias prometido, o popularíssimo São João Batista.

Trinta anos antes, em viagem para São Borja no desempenho de cargo de magistratura, aí passamos pela primeira vez. O estado de ruína era já adiantado, mas ainda havia muito que ver e apreciar, muitas relíquias arquitetônicas, suscetíveis de uma permanência até hoje inalterável, se houvesse um pouco de cuidado pela sua conservação. Mas ao contrário, o governo foi deixando impassível, que um povo estúpido e inconsciente destruísse uma edificação custosíssima e difícil de reproduzir.

A nossa primeira visita, que durou uma tarde e até a manhã seguintes, habilitou-nos a formar um juízo seguro, do que teria sido, nos tempos do seu fausto e opulência, a grande redução agora extinta.

Passamos detidamente e por vezes pela praça e pelas ruas quase todas desertas. Conquanto bastante largas, estavam em obis lugares atravancadas com fragmentos de parede derrubadas, e através enormes telhados abatidos.

Seguimos contornando a externa muralha da antiga quinta dos padres e tornamos a entrar na praça pelo lado oposto, fazendo nesse circuito mais de dois quilômetros a pé.

Nós tomamos apontamentos, mas tudo retivemos na memória tão fielmente que, por fim de quase vinte anos, esboçamos uma planta. Com esta, com nossos esclarecimentos verbais, o hábil pintor Judicius de Mirandolle desenhou o panorama, que graciosamente nó-lo ofereceu.

Era um grande quadro em tinta nanquim, que esteve exposto em Porto Alegre, em diversas vitrines e foi depois recolhido ao nosso gabinete.

Constava a cidade, conforme desenho junto, de

uma praça perfeitamente quadrada com duzentos e sessenta metros em cada face de onde partiam nove ruas bem alinhadas.

Na praça da redução de São João (ao inverso da de Santo Ângelo) ficava a igreja na face sul. Ocupava aí um ponto equidistante dos extremos do alinhamento e tinha trinta metros de frente e quase setenta ao fundo. Aí toda a parede estava por terra. O frontispício era muito singelo, mas todo ele de pedra de grés, com belos labores, cornijas e colunas de ordem toscanas.

Pudemos verificar a existencia de três naves, porque ainda existiam de um lado as colunas torneadas de madeira de ipê, sustentando algumas traves em parte carcomidas.

À direita da igreja ficava e ainda existia o cemitério, notando-se algumas sepulturas novas, com as cruzes que as assinalavam. Eram de alguns poucos moradores extintos.

A capela mortuária, que ali existia, achava-se completamente desmoronada.

Depois do cemitério era o hospital e a cadeia, porém só eram visíveis os alicerces, o mais desaparecera.

A esquerda da igreja era o colégio, murado à frente, com um espaçoso portão, do qual só existiam os portais de pedra polida.

Estava atravancado com uns paus impedindo a entrada de animais. Conseguimos penetrar na área pisando pela calçada de lajes, em forma de cruz, por cima da qual era o transito para ir de um a outro lado. As celas, as salas das refeições e da biblioteca, estavam abertas pois haviam tirado as portas e as janelas, assim como as telhas todas e algum madeiramento dos telhados. Os ladrilhos dos pavimentos já não existiam. Viam-se porém bem aprumadas as colunas, que ficavam à frente e à retaguarda das celas bem como as que sustentavam o alpendre que resguardava o muro, em meio do qual fica o portão de entrada e saída. Nesses intervalos, expostos ao tempo, já se desenvolvia alguma vegetação.

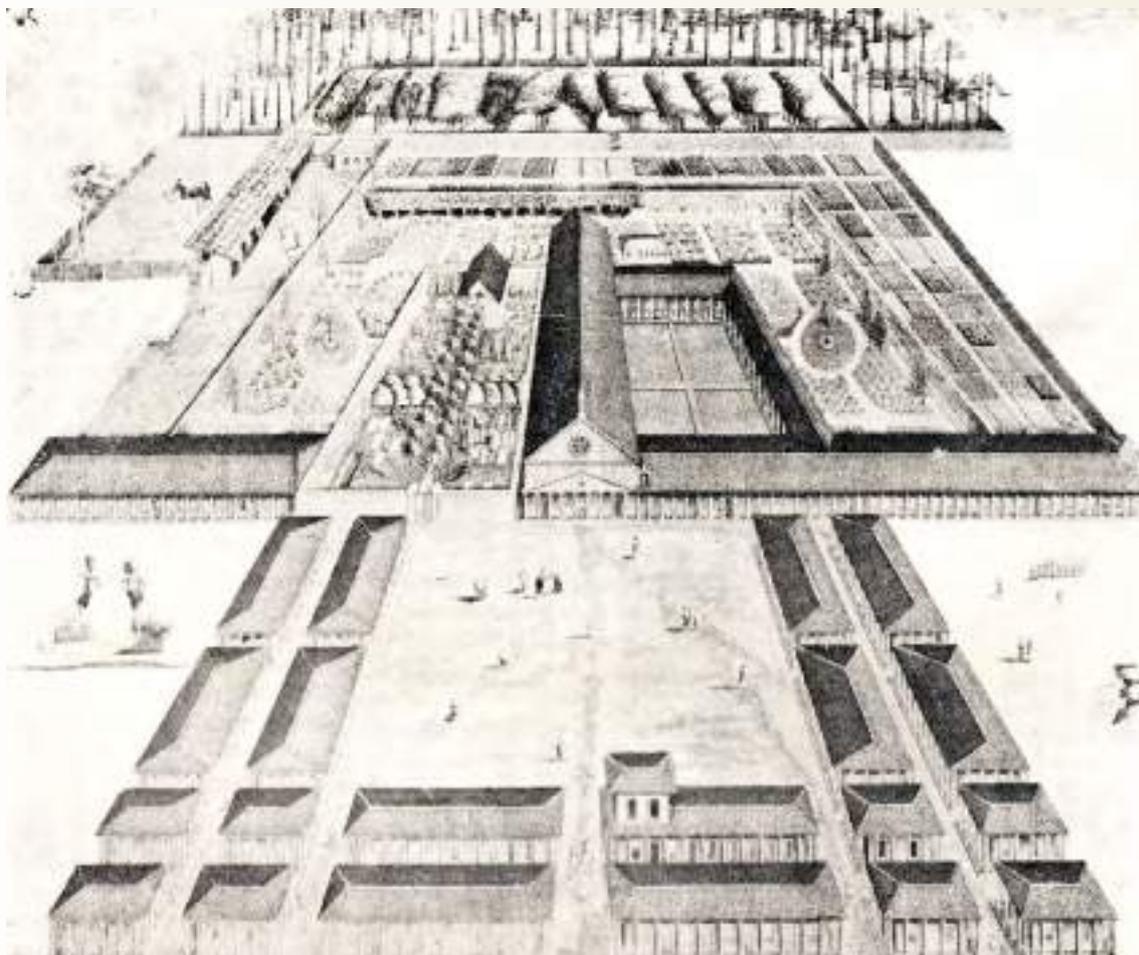
Nada restava do recolhimento das moças solteiras, viúvas sem filhos, das casas dos teares, oficinas de carpinteiro e outras nem dos armazéns que eram o celeiro do povo e o depósito da erva-mate destinada à exportação.

Viajantes descrevem São Lourenço | Hemetério Velloso da Silveira 1886

Quanto as casas da cidade, dessas só existia, em nossa primeira viagem, as de duas quadras na face norte da praça, numa das quais estava o edifício do cabildo, já bastante arruinado. Do lado leste estavam perfeitamente conservados os quarteirões com frente à praça e os que pela retaguarda ficava-lhe paralelos. Todas as demais casas ou haviam desabado ou sido demolidas e muito materiais transportados para construção das vivendas das estâncias, fundadas nos campos baldios deste distrito. As colunas que sustentavam o alpendre do colégio e das casas do povoado eram sextavadas com capiteis de ordem toscanas. Onde a demolição não havia sido completa, vimos algumas colunas ainda bem aprumadas, outras caídas por terra com suas partes componentes desagregadas.

Podemos notar sessenta casas, umas habitadas, outras podendo sê-lo, mediante alguns reparos. Não passava de quinze o número de famílias de índios que habitavam essa redução em ruínas.

Uma das casas da praça era o depósito das poucas imagens salvas do incêndio da igreja, faltando a do padroeiro, talvez envolvida e consumida nas chamas. Vimos uma imagem de Nossa Senhora das Dores com um vestido já velho de chita. Ponderamos ao morador da casa contígua não ser decente aquele vestuário, nem a imagem precisar disso, porque (não sendo de roca) tinha o vestido da própria madeira pintada e dourada. Concordou o homem, mas se lhe disséssemos, que todas as imagens estavam incapazes de culto, talvez se molestasse.



Obra do Pintor Judicis di Mirandolli feita em 1880 a partir de uma descrição feita pelo Hemetério Velloso da Silveira

Nota: deve-se considerar como uma liberdade artística apenas, pois não reflete o que as evidências arqueológicas demonstram

Inventário do Povo de São João Batista

Esta relação de bens foi realizada por Francisco Javier Brabo em 1768 após a expulsão dos Jesuítas

No sentido de ilustrar o estágio que se encontrava a Redução de São João Batista após a expulsão dos jesuítas e 12 anos após a Guerra Guaranítica é apresentado aqui o resumo do Inventário realizado em 1768 e que está detalhado no livro Bens e Riquezas das Missões editado pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga. A relação e quantidade dos produtos, objetos e materiais encontrados demonstra o nível de sofisticação alcançado pelo povo que ali vivia.

Igreja e sacristia

Na parte que descreve o que foi encontrado na igreja e sacristia temos muitos objetos de prata mais de 180 peças, sendo dois sacrários de prata, taças de prata (grande e pequenas) ostensório de prata, cálices de prata, jarras para vinho, sinetas de prata, hostiário, incensários, uma cruz grande de prata, outra média e uma pequena, vinte castiçais de prata de três velas, cinco suporte de bíblia de prata e duas bandejas de prata.

Ornamentos e roupas

Na parte que descreve os ornamentos e roupas há uma quantidade grande e separados por cores (em função do significado litúrgico de cada cor) de todas as partes que compõe a vestimenta do sacerdote e que estão ilustradas na figura abaixo. A contagem ultrapassa a 150 peças mais variadas.

Livros

Na parte dos livros constam 182 obras, além dos evangelhos há obras em guarani e é citado o livro de Ruiz de Montoya, Vocabulário e tesouro da língua guarani em nove volumes.

Armazéns

Na parte dos armazéns foram encontrados 323 sacos de algodão, 134 sacos de erva (aproximadamente 23.500 kg), 186 sacos de legumes, 26 sacos de trigo, 6 sacos de cevada, a colheita de milho da estação (não indica a quantidade) e 46 sacas de sal.

Bens da Estância de São João

No inventário a aparece a relação de bens da Estância de São João em 1765 como 2400 vacas, 1475 bois, 230 terneiros, 135 vacas leiteiras, 574 ovelhas, 149 cordeiros, 22 cavalos em trânsito, 172 cavalos, 88 mulas e 53 cavalos dos estancieiros.



Distribuição do trabalho nas reduções



O segredo do desenvolvimento das Missões era a organização orientada para o trabalho e ocupação do tempo dos índios, onde todos tinham que contribuir para o bem estar coletivo (lógica do Tupambaé e Amabaé). O controle para que esta diretriz fosse cumprida era feita pela estrutura do cabildo.

Em um povo de cinco mil almas, eram ao redor de três mil que deveriam trabalhar e se procurou sempre que nunca lhe faltara em que se ocupar-se. Estavam as estâncias com dez ou mais posteiros, um dos quais era o capataz (mayordomo), e com cada posteiro tinha cinco ou mais rodeios de gado, eram facilmente duzentas as pessoas atarefadas com a pecuária. Estavam os campos plantados ou por semear, e somente para espantar os periquitos (caturritas), terríveis inimigos das plantações, se requeriam cem ou mais que diariamente espantavam ou matavam a essas aves daninhas. Estavam os ervais com suas 500 a 1000 árvores. E era imperativo limpar em torno de cada uma, e em épocas de seca, regá-los, e depois recolher as folhas, tostar, ensacá-las e armazená-las. Estavam nos alçódoais e nos canaviais que quase continuamente exigiam cuidados de parte de pessoas experts. Estavam na horta e na quinta dos Missionários (Jesuítas), já dez ou mais. Estavam nas casas da redução, que se deviam construir ou dar manutenção, as ruas que deveriam aplainar, as calçadas que deveriam construir. Estavam na provisão de água, elemento básico, em cuja condução embora por tubulação, requeria um lote nada insignificante de homens; estavam no matadouro e no local onde diariamente se repartia a carne e o pão

para toda a população; estavam os Mayordomos nos armazéns e estavam os Alcaldes nas diversas oficinas, com todo o séquito de oficiais e aprendizes.

Os mayordomos, anotavam em cadernos os produtos extraídos das chácaras e estâncias, controlando o que seria estocado nos armazéns missioneiros para posterior negociação por parte dos procuradores. Os mayordomos, diante da necessidade de acompanhar e controlar a produção, ao que tudo indica, mantinham contato escrito com seus subordinados e posteriormente informavam os respectivos cabildos das condições e da disponibilidade de bens da coletividade, tudo o que entrava e saía de produtos em cada Povo era muito bem controlado pelos índios Mayordomos, contadores, fiscais e armazeneiros.

Em todas as reduções haviam ferrarias, carpintarias, tonelarias, fábrica de pentes, fábrica de talheres, olarias, torneiros, fabricas de cadeiras, fabricas de chapéus, tecelagem de algodão e lã, preparação do fio de lã e do algodão, oficina de confeccionar telhas, de fazer carretas, de trabalhar portas e janelas, de fabricar boleadeiras e laços, trabalhar rosários, construir canoas e barcos, e ainda se isso não for pouco, oficinas de esculturas, de pintura, de douração, de bordados, de rendas, etc...

Com exceção daqueles que tinham vocação decidida para as lidas agrícolas ou para a pecuária, todos os demais, desde os doze até os cinquenta anos, deveriam ter uma profissão das indicadas, escolhida por eles mesmo, segundo as suas inclinações (vocação) e que não podiam trocar caprichosamente.

Trabalho de arqueologia realizado na Redução de São João Batista

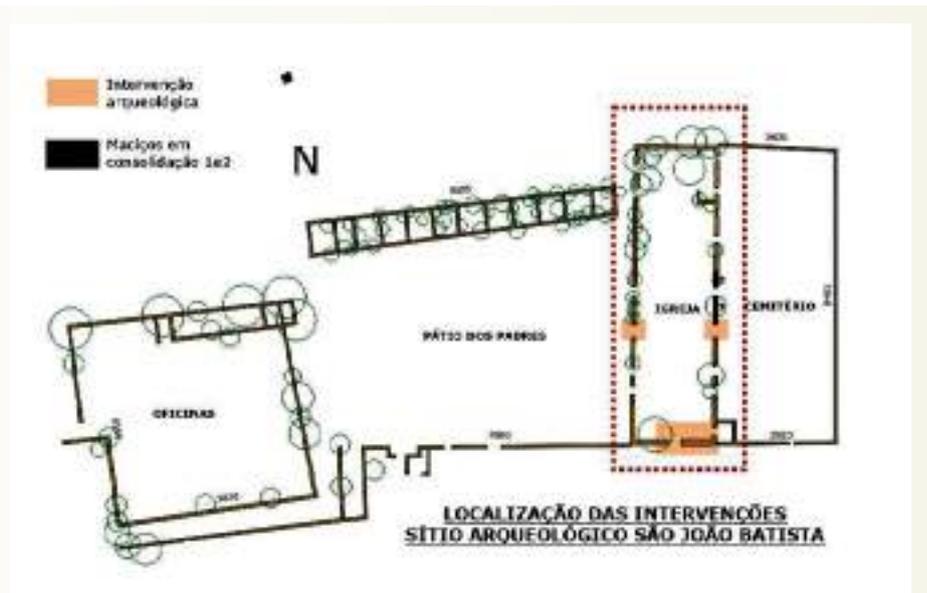


2004

Planta Baixa de Conjunto do Sítio Arqueológico de São João Batista (adaptado da Planta de Intervenções Arqueológicas/Obras de Consolidação do Sítio Arqueológico de São João Batista - Entre-Ijuís, RS - Prancha 01/09).

Responsáveis Técnicos: Arqueólogos José Catafesto de Souza e Vera Trommer Thaddeu - Jan/Mar 2004 - 12ª SR/IPHAN).

OBS: possui tesouras carbonizadas e precisam ser pensado com conservar este madeirame e expo-lo.



As áreas grifadas em cor de rosa já foram escavadas anteriormente e precisam ser vitrinizadas.



Arqueologia em São João Batista | Iphan

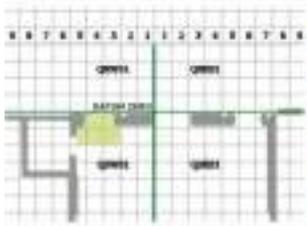


Foto 1 - Fachada da igreja em São João Batista



Foto 2 - Detalhe da fachada da igreja em São João Batista



Foto 3 - Detalhe da fachada da igreja em São João Batista



São João Batista

IPHAN
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Linha de Registro Patrimonial, Registro de Bens e Registro de Tombamento

Corpus de Consolidação do Sítio Arqueológico de São João Batista entre Bules - B5 - Intervenções Arqueológicas

Localização das Intervenções

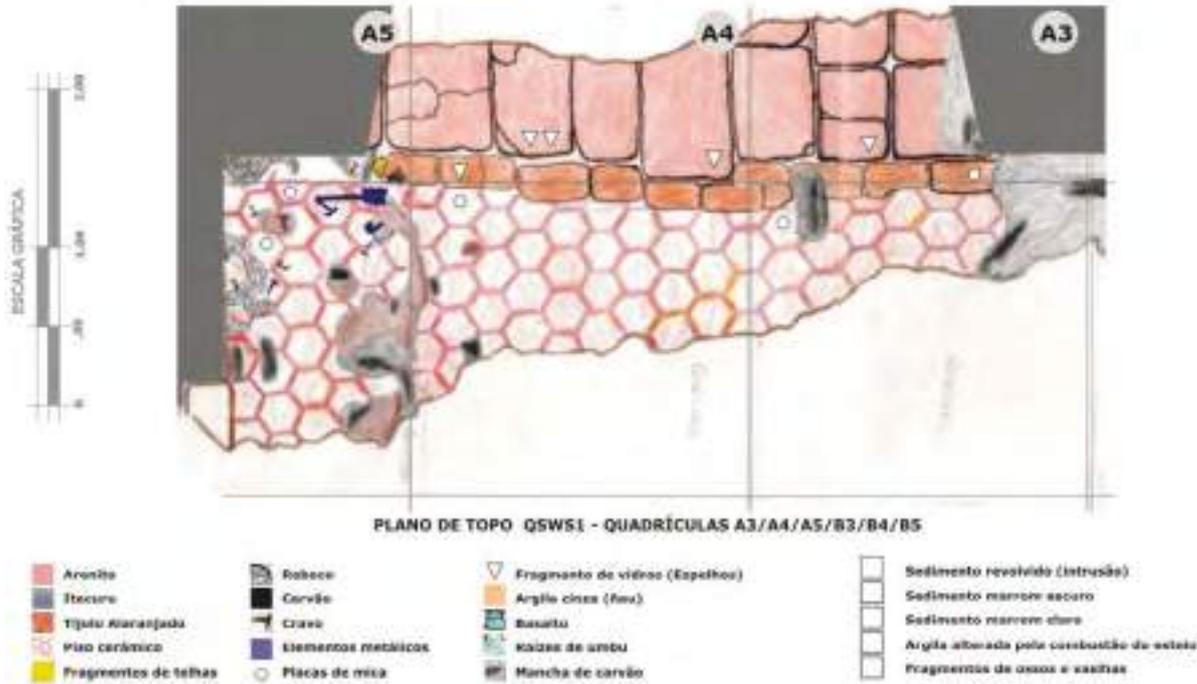
Arquiteto: José Cybelle de Souza
Arquiteta: Ana Carolina de Souza
Arquiteta: Ana Carolina de Souza
Arquiteta: Ana Carolina de Souza

Arquiteta: Ana Carolina de Souza
Arquiteta: Ana Carolina de Souza
Arquiteta: Ana Carolina de Souza
Arquiteta: Ana Carolina de Souza

Arquiteta: Ana Carolina de Souza
Arquiteta: Ana Carolina de Souza
Arquiteta: Ana Carolina de Souza
Arquiteta: Ana Carolina de Souza

Data: 14/07/2009

03/10



Um dos trabalhos de arqueologia coordenado pelo IPHAN fez escavações para identificar o piso da igreja. O local encontra-se encoberto novamente.





O Guardião do Sítio Arqueológico de São João Batista



Elói Pereira da Silva

Se pudéssemos nominar uma pessoa como o grande responsável pela conservação do Sítio Arqueológico de São João Batista, esse nome seria Elói Pereira da Silva. Este incansável batalhador da preservação dos remanescentes de uma estrutura grandiosa que foi idealizada pelo Padre Sepp. O Elói conhece todos os espaços do sítio e descreve com uma precisão que daria inveja a muitos historiadores e arqueólogos, pois ao longo dos

seus mais de 30 anos de trabalho neste local ele já contribuiu com o trabalho de todos os pesquisadores que ali passaram.

Uma conversa com o Sr. Elói, como é conhecido, ajuda muito na descoberta de todos os lugares e curiosidades que envolvem São João Batista. Ele representa a memória viva do local. O esforço pela manutenção adequada do local, a simpatia e cooperação do Elói com quem recebe todos os visitantes e

pesquisadores é o reflexo de quem se importa com o trabalho que faz e que está deixando um legado.

Além de conhecer todos os cantos e pedras que compõe o sítio arqueológico cercado, ele tem conhecimento de várias estruturas missioneiras que compõe a paisagem da antiga Redução de São João Batista, assim ouvir o Elói é uma verdadeira aula de história missioneira.

Símbolos missioneiros: A cruz

Por - **Emiliano Limberger**

Dentre os diversos temas missioneiros dos mais discutidos, ainda permanece entre nós o da conhecida cruz, como distintivo desta primeira saga fundante do Rio Grande do Sul. Tal se verifica não apenas quanto a seu desenho e sua designação: naquele relativo aos trifólios – completos ou podados – e nesta em relação às várias versões encontradas em épocas e geografias distintas.





A interpretação hermenêutica, parece, ainda não conseguiu apresentar versão única desta rica simbologia. Sabe-se que os trifólios se referem à Trindade, referência devocional típica dos jesuítas. As duas hastes horizontais trazem à evidência a fé redobrada do fiel, convidado a carregar com a de Cristo a sua própria cruz vivencial (Lc 9, 23).

Em seu conjunto, o emblema representa com sua singular característica (diferenciada das demais similares) a vinculação direta dos curas missioneiros ao papa. Pela circunstância especial de tolerância, foi aceito o desenho dos trifólios podados, para propiciar a convivência pacífica com tal limitação canônica, condição levantada por d. Bernardino Cárdenas.

As duas indagações restantes se entendem assim :

a) na realidade histórica, era costume o condenado (condenação dos romanos) carregar apenas a haste horizontal. Feita a crucifixão, era aquela encaixada na haste vertical, chantando-se-a previamente (no caso, no Gólgota);

b) porém, a presença dos cinco trevos corresponde às cinco chagas de Cristo. Preliminarmente cabe esclarecer, no entanto, que este cruzeiro identificava apenas os jesuítas reducionistas (Missões), sendo o emblema geral (IHS) da Companhia de Jesus, o que todos os seus membros usavam.

Compulsando-se minuciosamente o célebre mapa primordial do jesuíta Luis Ernot (mais conhecido como sendo de Carrafa, superior geral da Companhia de Jesus – Roma, ao qual foi ofertado), encontra-se dado bastante surpreendente, porque revelador significativo nesta questão da origem deste desenho litúrgico.

A carta geográfica foi denominada “Paraquaria vulgo Paraguay et adjacentibus”, assinalando, a par dos guaranis, outras parcialidades indígenas da atual América do Sul, como os moxos e os chiquitos (território atual do Equador e da Bolívia). Aí consta a redução “Concepción”, obviamente não a homônima da banda ocidental do Uruguai, eis que, aquela, junto ao rio Guapaí, subafluente do Iraíbe (N de Santa Cruz de la Sierra, pátria do padre Cristóvão). Junto ao mesmo consta esta missão chiquita de “Concepción” assinalada simbolicamente com sua cruz missioneira de duas hastes horizontais (sic), diferente aliás das demais, indigitadas estas com o desenho normal da cruz latina.

Verificando-se datar o mapa em foco de 1631/32, constata-se ser portanto de 50 anos antes da vinda do mencionado padre Francisco Robles SJ, o qual – segundo alguns autores – teria com seus coevos trazido este cruzeiro diferenciado para nossas Missões paraquaioparanao-uruguaias. Estes dados de localização estão confirmados em outros mapas (in “Historia de los Mo-

xos”, de J. Chávez Suárez – 2ª edição D. Bosco, La Paz, 1986 e “Misiones de la Cia. de Jesús”, Madrid, MCMXLIX). Por seu turno, no Arquivo Geral da Companhia de Jesus (Roma) encontra-se mapa em que cada redução dos 30 povos está assinalada com esta cruz missionária com trifólios completos.

Para se entender melhor a questão, mister recordar a respectiva história do surgimento do segundo desenho com os trifólios truncados. A apresentação inicial contava com estes de forma completa (sem cortes). Esta alternativa surgiu com a contestação do bispo d. Cárdenas (Assunção/Paraguai). Este questionou reiterada e abertamente a não subordinação canônica dos curas jesuítas a seu comando. Isto porque havia dispositivo, transformando as “Missões” depois de 10 anos de vivência em “doutrinas”, com o que as primeiras passavam como paróquias a sua jurisdição (e não mais vinculadas diretamente ao papa). Os jesuítas opuseram-se, porque haviam aceitado as Missões sem tal condição (paroquiado).

Para contemporizar, finalmente aceitaram parcialmente esta subordinação, chegando a alterar as regras básicas da própria ordem. Com isto, surgiu (para caracterizar esta situação) o cruzeiro com os trifólios cortados. Limitação canônica prevista, aliás, no padroado: aliança da Igreja com o Estado. Entretanto, havendo apoios de várias autoridades aos jesuítas, como a audiência de Charcar, manteve-se a forma inicial simultaneamente.

A rigor, as Missões (25 primeiras reduções – 1625-40) e os 7 Povos não estavam, de mais a mais, sujeitos a esta estranha alteração, pois canonicamente subordinavam-se ao episcopado de Buenos Aires (e não ao de Assunção) desde seu início. O padre Roque González recebeu então a outorga governamental episcopal. Aliás, a redução de

São Lourenço Mártir (formada pela primitiva de Santa Maria Maior, banda ocidental uruguaia), surgira na primeira fase, antes do discutível episódio de d. Cárdenas (1630-50). Assim, trouxeram consigo sua cruz missionária, não adotando a cruz doutrineira. Esta designação seria mais apropriada para a aceita atualmente na região dos 7 Povos. Como símbolos, valem emblematicamente o mesmo.

Eis a autêntica cruz missionária, com as cinco pontas em trifólios, que nossas 32 reduções (25 da primeira fase e sete da segunda) ostentavam. Foram elas consideradas por Voltaire como “triumfo da humanidade”.

A pesquisa sobre a real origem da cruz cristã com duas hastes horizontais ainda parece não ter sido feita em sua totalidade histórica. Assim, a afirmação de que “Pedro Ballester Lorca, com sua obra ‘La Cruz de Caravaca’ seria o maior pesquisador sobre o tema (desta cruz) e sua presença no mundo” parece carecer ainda de plena credencial (in “Pedido de Perdão ao Triunfo da Humanidade”, de José R. de Oliveira, p. 209). Eis que, em “Os Templários”, comentando-se as cruzadas do século XII em diante, anota a respeito várias considerações importantes, inclusive aludindo ao cruzeiro encimando as primitivas torres do primeiro templo do Santo Sepulcro de Jerusalém. Aí estão estampadas as fachadas primeiras e as novas construídas pelos templários, ao reconquistar a cidade santa aos maometanos. No desenho dos zimbórios constam três cruces de duas hastes horizontais (no entanto, sem os trifólios, acréscimo justamente dos jesuítas missionários).

Este dado, portanto, levanta dúvida quanto à informação de Lorca, o qual refere a data de 1232 como sendo a origem deste novo símbolo católico, em Caravaca, quando os mouros estavam dominando

Valência e Múrcia. Então, o rei muçulmano teria solicitado conhecer a liturgia da missa, ocasião em que, faltando a necessária tradicional cruz no altar, anjos a teriam trazido milagrosamente com tal configuração, podendo-se assim afinal efetuar-se a cerimônia...

Portanto, as cruces constantes nas referidas cúpulas pelos jerusalêmicos devem datar assim de bem antes, pois este templo lá já era vetusto então, construído pois anteriormente à denominação maometana, que os cruzados vieram a libertar a partir do século XII.

Convém, outrossim, assinalar que as mesmas, contando com os dois madeiros horizontais, contudo não continham os trifólios em suas pontas. Este detalhe constituiu justamente a especialidade agregada pelos jesuítas missionários daqui ao desenho básico. Não se pode, conseqüentemente, considerar, como na análise do nosso autor contemporâneo (aliás, de tanto mérito), “reprodução”, segundo expressão do autor espanhol, a qual repete textualmente. Outros detalhes (com o os anjinhos ao sopé e a inscrição INRI) são relativamente secundários, para caracterizar comprovadamente a origem em Caravaca, donde teria sido transladada para nossas Missões.

Portanto, o desenho consta de cinco trifólios completos (como de resto os truncados após os episódios de d. Cárdenas) constituem modelo originário em nossas Missões (1610 em diante e 1650 respectivamente).

Como retro referido, este assunto da cruz missionária, parece, ainda não tem sido até agora bastante estudado, ao menos em suas amplas e profundas dimensões. A maioria dos autores, tratadistas e analistas têm feito suas referências, mas apenas generalizadamente ou até superficialmente. Repetem normalmente o aspecto genérico.



Salvo o acurado estudo recente de José R. de Oliveira em “Pedido de Perdão”, no qual procura demonstrar tratar-se de mero transplante provindo de Caravaca (Espanha) para as Missões inclusive nos 7 Povos.

A primeira manifestação realmente diferenciadora entre tais abordagens encontra-se em a novel obra de Ruy Nedel, em “Memorando a História do Sul – Avaliação Crítica” (Ed. Padre Reus, Porto Alegre, 2012). Importante assinalar que se trata de evidente e peculiar símbolo eclesiástico, no caso, empregando figurativamente a mesma tradicional cruz cristã, embora com novo simbolismo entre tantos outros desenhos emblemáticos: cruz latina, episcopal, T (tau), de Lorena, patriarcal, de Jerusalém, peixe, PX etc. Salienta-se neste cruzeiro as duas hastes horizontais e os cinco trifólios, denotando certa hierarquização e traduzindo no caso respectivamente a dependência direta dos jesuítas missionários ao papa (4º voto) e a homenagem à Santíssima Trindade.

No capítulo “Crítica” (após os anteriores: “Os jesuítas e os 7 Povos”), o conspícuo autor comenta: “Inegável a semelhança entre o desenho do cruzeiro Caravaca com a cruz missionária, justamente a atualmente mais em uso entre nós, particularmente nos municípios dos nossos 7 Povos. Destaque para os cinco trifólios podados: lá e cá. Cabe gizar que a simbologia primeva continha os trifólios completos. Tendo a introdução desta modalidade acontecido por volta do terceiro decênio e da segunda metade do século XVII conforme destaca José R. de Oliveira em seu ‘Pedido de Perdão ao Triunfo da Humanidade’, convém assuntar mais acuradamente a respeito deste fato histórico. O autor informa inicialmente que ‘... na lista dos jesuítas que vieram para os 30 povos, 21 seriam

de Múrcia e, desses, quatro eram de Caravaca da primeira cruz... e o mais relevante foi o padre Francisco J. Robles (Caravaca)... em 1680.”

Para melhor entendimento, apresentemos sobre alguns enfoques deste trecho:

a) 30 povos: menção às reduções do conjunto das bacias do Paraná e do Uruguai, excluindo deste rol as reduções primordiais (24 ao todo) da primeira fase missionária do território do atual Rio Grande do Sul, desde 1625 até 1641 (Mbororé), senão tal número seria bem mais elevado.

b) 1680: esta data comprova referir-se o autor ao segundo período missional do Rio Grande do Sul (1682 – surgimento da primeira das reduções dos 7 Povos, São Borja).

Exatamente esta data-chave, referida como da emblemática introdução deste cruzeiro nestas missões (ignorando assim a sua adoção já anterior na mesma mesopotâmia paraná-uruguaia) constitui inegavelmente dado importante para se esclarecer a questão de sua primordial adoção. Coincide esta cronologia com o marcante evento da questão levantada por d. Bernardino de Cárdenas, bispo de Assunção. (Tenha-se a propósito esclarecido restringir-se a jurisdição canônica deste antístite à zona assuncenha, enquanto a dos 7 Povos desde seus inícios (1625/1626) esteve sob a de Buenos Aires, como assinala inclusive em seus relatos da época o pioneiro missional gaúcho, padre Roque Gonzales de Santa Cruz S.J.

Foi, nesta nossa segunda fase, ajustado pela Companhia de Jesus por conveniência (para poder continuar com seus ministérios entre os guaranis) adotada em modalidade dos trifólios decepados, simbolizando sua aparente e parcial dependência à jurisdição do tal bispado e sucessivamente mais algum colega deles (igualmente aliados dos colonizadores castelhanos, partidários

ferrenhos da “encomienda”- escravização). Renunciaram assim os jesuítas a seu status canônico de paróquia, trocando aparentemente seus ministérios de “missão” pelo de “doutrina”, previsto no Real Padroado. Neste, oficialmente, por decisão papal, não se aplicaria à situação reducional. As cartas anuais dos superiores inacianos relatam detalhes desta crucial questão. Então, o simbolismo radical do cruzeiro com seus trifólios completos, representando justamente a vinculação direta dos jesuítas missionários ao papa, para contemporizar (a fim de não ter que abandonar o projeto reducional), viu-se podado, passando a usar-se uma outra modalidade, sem contudo abandonar totalmente o debuxo inicial, como nas áreas fora da jurisdição assuncenha, fora dos 7 Povos. Na celebre mensagem do cabildo de São Luiz, lê-se:

Feita esta preliminar assunção, vejamos outros aspectos significativos desta questão aparentemente de somenos importância, mas contudo de larga repercussão, vivenciada administrativamente nesta área missionária.

a) O desenho caravaquiano coincide em traços gerais com o dos trifólios amputados. No entanto, considerando-se o risco jesuítico desta cruz na região murciana (Espanha), verifica-se ainda outro detalhe diferenciador: o cruzeiro jesuítico, segundo consta na igreja-mãe da Cia de Jesus, lá obteve a inserção do emblema inaciano – o monograma IHS com a presença da cruz latina ao alto do H e a dos três cravos ao sopé desta letra. Cabe assim não desprezar a existência de dois riscos diferentes mesmo em Múrcia, embora ambos de trifólios cortados. Se tiverem sido os jesuítas de Caravaca, com saliência à presença do padre Robles (jesuíta), que trouxeram para cá a tal cruz, por que não teriam eles preferido a da sua



ordem, abandonando parte do seu histórico símbolo emblemático? Comparando-se os vários detalhes da “cruz de Caravaca” (esta, aqui estampada) com a das Missões, verifica-se facilmente não serem idênticas. A distinção fica evidente!

b) Outra menção atinente: a presença lendária dos dois anjinhos junto à cruz de Caravaca talvez aconteceu, ao menos genérica e oficialmente, neste transplante de lá para cá... Assim consta da história da tal missa determinada pelo novo mandatário árabe em Múrcia, quando faltando na composição litúrgica do altar a imprescindível cruz, para officiar a cerimônia, a mesma teria sido trazida milagrosamente por dois anjos, salvando a intrincada situação... A propósito, por oportuno, cabe mencionar que a presença de anjos constitui manifestação comum na liturgia e devocionário católicos. Assim, não surpreende ter, esta inserção, ocorrido espontaneamente no desenho primordial do específico cruzeiro jesuítico missionário, mormente em situações especiais.

Alias, em nosso meio (atual após o genocídio missionário) parece ter-se encontrado apenas um caso desta representação angelical, isto junto à gruta dos irmãos maristas em Passo Fundo. Eis outro dado (embora bastante secundário) ausente, para constatar ter realmente havido o pretendido transplante de Caravaca às missões gaúchas.

Em “As Missões Orientais e seus antigos domínios” (Ed. Erus, POA, 1910) Hemetério J. V. da Silveira relata que, ao visitar as ruínas de São Lourenço Mártir pela segunda vez, verificou duas situações atinentes à matéria em tela:

a) Na primeira visita “ainda existia todo o colégio. Com celas... um relógio quadrante solar... sinos pendurados no alpendre, uma adega subterrânea, a quinta com laranjal, duas estátuas de anjo de pedra...

Mais adiante: “No cemitério... existia cruz monólita com 4 braços...” (junto apresenta estampa desta) a qual se adotou como emblema da Semana Missionária.

b) Antes havia comentado: “e vimos sobre as barracas elevadas de uma e outra margem do arroio (Santa Bárbara) uma tal abundância de pedra de grés...”.

c) Em outra passagem refere que a cruz fora removida, entretanto, para Cruz Alta, que na época compreendia a zona passo-fundense, então ainda não emancipada daquele município.

Congregando estas informações, chega-se facilmente à seguinte conclusão:

1) os anjinhos com o cruzeiro (ambos artefatos de pedra arenítica) podem ter sido removidos em conjunto para Cruz Alta;

2) desta cruz, por enquanto, não se tem obtido saber qual é o paradeiro atual. No entanto, pode ter acontecido que os dois anjos tenham ido parar em Passo Fundo (logo ou em tempo sucessivo), ou seja no próprio interior cruz-altense, podendo, portanto, ambos terem aportado aí simultaneamente. Tanto assim que estas estátuas foram recentemente encontradas em grutas dos irmãos maristas em Passo Fundo.

Sabendo-se que São Lourenço Mártir surgiu (entre São Miguel e São Luiz Gonzaga) com a transmigração de excedente demográfico de Santa Maria Maior (na Argentina) em 1626, portanto duas décadas antes do episódio do bispo Cárdenas, segundo tudo indica, trouxeram consigo sua tradicional cruz (trifólios completos) com seus anjinhos, chantando-os no cemitério desta nova redução. Por oportuno, lembra-se que a fundação do primitivo povo santa-mariense surge lá em tempos anteriores à polémica do bispo assuncenho, quando ainda era usual o desenho jesuítico

inicial, único então conhecido. Este tem coincidente similitude com o de Caravaca (inclusive com os respectivos anjos) pois a lenda mourisca em Múrcia era de conhecimento generalizado. Assim, esta devoção angelical podia ter sido repetida junto à cruz, porém tendo este debuxo diferenciado – o dos trifólios plenos.

Mais um dado a considerar: se a cruz de nossas Missões fosse a transplantada de Caravaca, por que em nenhuma representação daqui aparecem os tais anjos? O caso de Passo Fundo constitui por enquanto algo isolado, talvez sem vinculação com o cruzeiro (hipótese). Portanto, à semelhança dos missionários de Santa Maria Maior, outros povos, trasladando-se da banda ocidental do rio Uruguai para a nossa banda oriental tenham trazido a cruz trifólia completa, como atesta a situação de São Borja (a 1ª da 2ª fase – 7 Povos), onde esses desenhos existem em três locais da cidade, inclusive no cemitério municipal.

A utilização pelos jesuítas desta cruz peculiar não se restringiu apenas às sedes reducionais, pois encontram-se tais marcos em locais os mais diversos. Assim, para assinalar postos criatórios (igualmente para os com capela anexa) como ficou marcado na atual Cruz Alta. Bem como em campos de gaderia, segundo consta registrado em “Vaquería del Mar”, onde a mesma foi encontrada por vaqueanos missionários p. ex. em Maldonado (Uruguai) e esta representação ainda era encontrada no ano de 1680, quando foi encontrada por índios reducionais em vaquiação por ali, cf. anota Aurélio Porto em sua conhecida obra (p. 22).

Assim, perto do arroio Francisquinho (Rio Pardo), ainda atualmente, a zona é conhecida pelo topônimo Itacuruzu (ita=pedra; curuzu=cruz). Em outro texto já

Os jesuítas opuseram-se porque haviam aceitado as Missões sem tal condição. Para contemporizar finalmente aceitam esta subordinação, chegando a alterar as regras básicas da própria ordem. Com isto surgiu (para caracterizar esta situação) o cruzeiro com os trifólios cortados: limitação canônica prevista, aliás, no padroado: aliança da igreja com o estado, entretanto, havendo apoio de várias autoridades aos jesuítas. Manteve-se a forma inicial simultaneamente.

A rigor, as Missões dos Sete Povos não estavam, de mais a mais, sujeitas (a esta estranha alteração), pois canonicamente subordinam-se ao episcopado de Buenos Aires (e não ao de Assunção) desde seu início – 1625 – quando o pe. Roque González recebeu a outorga governamental e episcopal, aliás, a redução de S. Lourenço Mártir (formada pela primitiva de S. Maria Maior, banda ocidental uruguaia) surgira na 1ª fase, antes do discutível episódio de Cárdenas. Assim trouxeram consigo sua cruz missioneira, não adotando a cruz doutrineira, cuja designação seria mais apropriada para a adotada atualmente na região dos sete povos como símbolo emblemático da mesma.

Em 1768, a redução de S. Luiz Gonzaga se considerava ainda “missão” e não “doutrina”, segundo assinalaram os cabildantes nas mensagens ao governador Bucarelli de Buenos Aires, protestando contra a expulsão dos jesuítas. Assim igualmente os de S. Lourenço Mártir em cujo cemitério foi encontrada a cruz missioneira completa, adotada pela Semana Missioneira como seu símbolo.

Em sua “História da República Jesuíta do Paraguai”, o autor cônego João Gay, ao tratar da redução de S. Lourenço Mártir, o 4º povo reducional na 2ª fase missioneira gaúcha, refere que achava-se estendida ao meio do cemitério uma

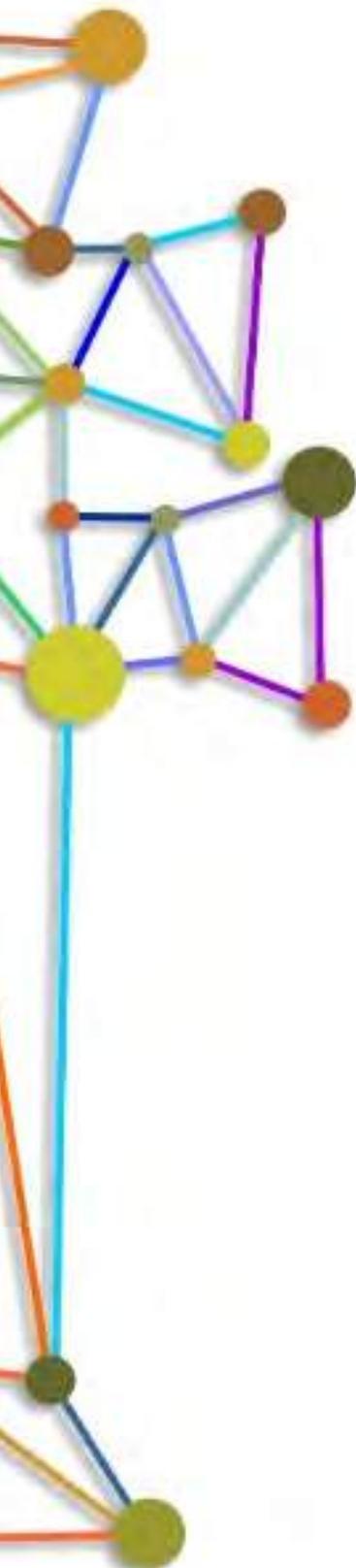
cruz enorme de pedra maciça em uma só peça e com dois braços de cada lado. “Teria sido derrubada por quem aí tentava encontrar um dos tais falados tesouros jesuíticos, (nunca aliás encontrados) sem, contudo, quebrar-se”. E acrescenta: “A pedra do relógio solar... ainda está no claustro e tem a data de 1717”. Finalmente fornece outra informação preciosa: “Não longe... encontra-se a boca de uma escavação fechada, de nome ‘quarepoti’, ou seja, prata” (sic).

Nesta tradução o autor comete visível equívoco, eis que tanto Montoya quanto Sampaio (para apenas citar os dois mais credenciados dicionaristas do guarani) dão como equivalente a este termo a ideia de ferro. Esta versão, obviamente, tem coerência com os fatos. Pois foi desta denominada popularmente “pedra-cupim” da qual o jesuíta Antônio Sepp conseguiu extrair o 1º metal da pioneira usina de fundição em S. João Batista. Trata-se, portanto, de mina abandonada desta rocha, também conhecida como “itacuru”. Quanto à cruz missioneira: trata-se da mesma encontrada por Demétrio J. V. da Silveira (in “Missões Orientais e seus Antigos Domínios”), a qual ele retrata inclusive em sua obra, noticiando que fora removido para Cruz Alta, sem até hoje se ter podido encontrá-la por lá... No desenho estampado se vê as cinco pontas com tal trifólio. Por isto se optou por acolhê-la como emblema da “Semana Missioneira”.

Outras designações

Como já referido, o cruzeiro hasteado pelos missioneiros levou várias designações: Cruz de Lorena, de Bolonha, de Caravaca etc. Recolhe-se do diário de Gomes Freire, escrito por seu secretário, Silva Neves, a informação de que – após a cruenta chacina de Caibaté, foram recolhidos entre outros petrechos “...bandeiras com cruz de Borgo-





nha...” Esta era a de uso oficial da família real de Bourbon, a qual reinava em Espanha desde 1700, flâmula assim desenhada e denominada. Havendo, no entanto, as demais de outros desenhos.

A cruz missioneira, isto é, caracterização efetivamente as Missões, embora bastante semelhante à encontrada em Caibaté é “as de outras linhas”, era a com as características jesuíticas: a de 2 hastes horizontais, contendo nas 5 extremidades os trifólios (trevo de 3 folhas).

O fato de ter ficado anotado no mesmo diário a designação da cruz como “de Bolonha” não garante sua autenticidade denominativa, pois o secretário provavelmente desconhecia tal detalhe, registrando-a como sendo a “de Bolonha”, eis que sabia ser esta a dos Bourbons, já que junto com o respectivo exército estavam lutando contra os missioneiros. Por sinal tal registro demonstra à sociedade contudo a usual utilização deste cruzeiros pelos povos reducionados.

Outro detalhe fundamental: este tipo de cruz – segundo consta em “Pedido de Perdão”, de José Roberto de Oliveira – teria sido importado para cá em 1680 pelo jesuíta espanhol Francisco José Robles. Portanto, este cruzeiro, caracterizados das Missões locais (banda oriental do Uruguai), aqui se vulgarizou antes de a família real Bourbon se instalar na Espanha, não podendo assim prevalecer a especificação borgonhesa do tal diário...

Mais um pormenor atinente, para que afinal se tenha também estes dados a respeito desta agora já (parece) crucial questão: o cruzeiro jesuítico-reducional hasteado pelos nossos missioneiros não se confundia com nenhuma das demais configurações – nem de Bolonha, nem de Lorena, nem de Caravaca etc. Todas elas utilizadas por entidades diferentes, cada qual com suas características.

A dos nossos missioneiros (encontradas até nas reduções da atual Bolívia – ucoxas etc.) se distinguia basicamente pela ostentação nas 5 extremidades dos trifólios completos. Eis a sua característica própria, específica e única.

Quando surgiram nossos 7 Povos, a partir de S. Borja em 1682 (!) o reinado espanhol da família Bourbon com seu cruzeiro de Borgonha ainda se iniciara em território espanhol (1700). A dúvida daí surgente pode levar a considerar-se a cruz de Caravaca (trazida em 1680) como a inspiradora do desenho aqui introduzido. No entanto, a mesma (autêntica) já era de uso normal antes da data caravacana. Eis que o ciclo missioneiro iniciara nestas nossas bandas a partir de 1625/26, portanto, nada menos de 50 anos antes, época coincidindo com a fundação de S. Maria Maior – 1626.

De mais a mais, a encontrada pelo autor de “As Missões Orientais e seus Antigos Domínios” no cemitério de S. Lourenço Mártir (inícios do século passado (reproduzida por ele em sua obra), fundada em 1690 com gente emigrada de S. Maria Maior, ou seja, mais de 60 anos antes da nova localização (banda oriental), época em que nenhum outro desenho deste cruzeiro aqui havia chegado. Só a configuração jesuítica aqui fora coletada! Esta (a autêntica figuração) continuou a ser usada entre os missioneiros desde aqueles longínquos tempos, portanto, já nas bandas do Paraná, donde transplantada para as do Uruguai (ocidental e oriental), em cujas geográficas, por exemplo, estiveram as duas parciais reducionais: S. Maria Maior e S. Lourenço Mártir. Convém, outrossim, lembrar-se que o lamentável episódio contestador de Bernardino Cárdenas (Bispo de Assunção) dera-se por volta de 1650, não atingida a área oriental.

A coleção “Reduções Missioneiras”



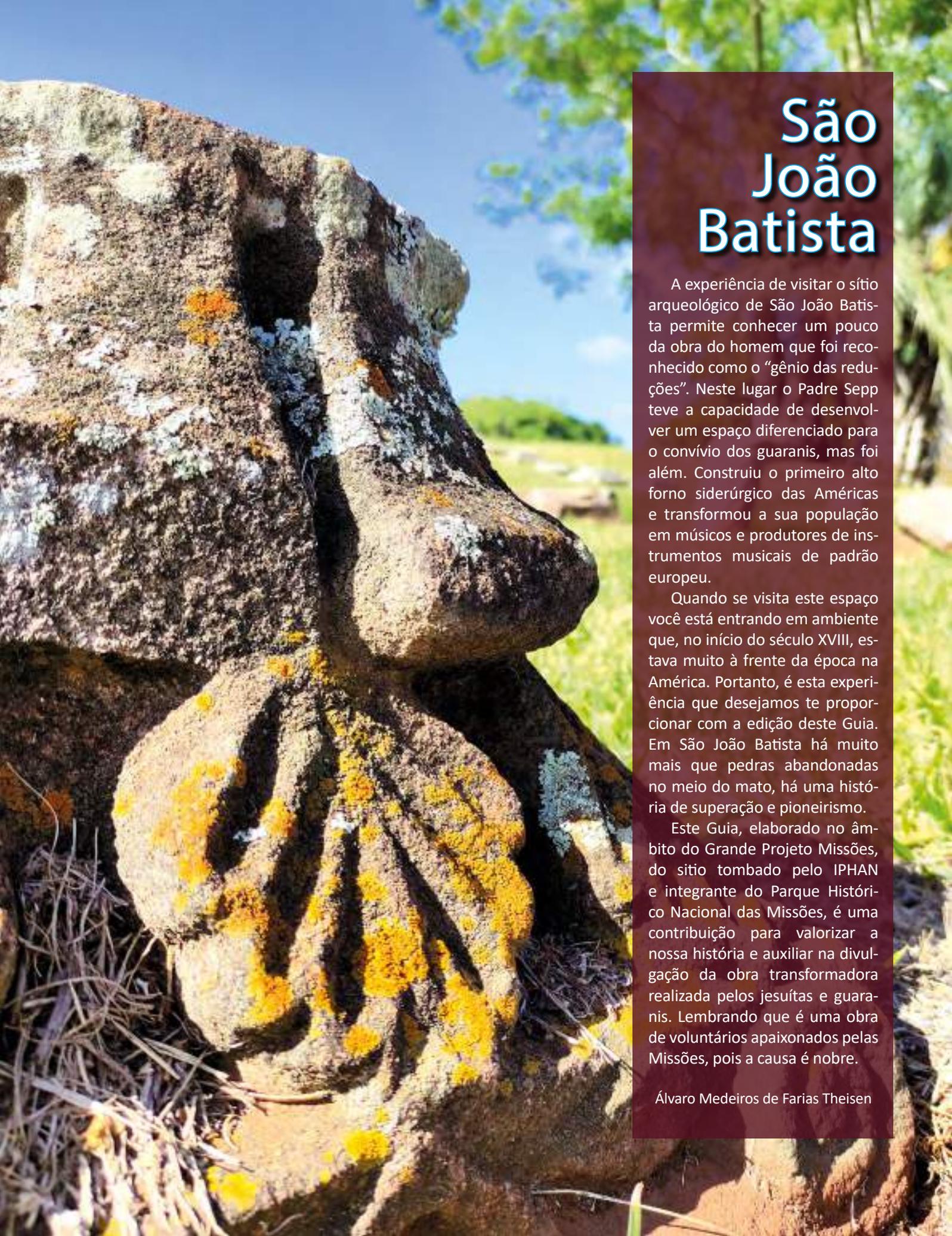
O primeiro volume da coleção 'Reduções Missioneiras' já foi distribuído gratuitamente. Neste primeiro volume as pessoas encontram um guia de informações sobre o Sítio Arqueológico de São Lourenço Mártir.



O informativo reúne, desde conteúdos simples como a localização geográfica e telefones úteis, até, artigos científicos e de opinião que contribuem para a difusão das informações e conhecimento histórico.







São João Batista

A experiência de visitar o sítio arqueológico de São João Batista permite conhecer um pouco da obra do homem que foi reconhecido como o “gênio das reduções”. Neste lugar o Padre Sepp teve a capacidade de desenvolver um espaço diferenciado para o convívio dos guaranis, mas foi além. Construiu o primeiro alto forno siderúrgico das Américas e transformou a sua população em músicos e produtores de instrumentos musicais de padrão europeu.

Quando se visita este espaço você está entrando em ambiente que, no início do século XVIII, estava muito à frente da época na América. Portanto, é esta experiência que desejamos te proporcionar com a edição deste Guia. Em São João Batista há muito mais que pedras abandonadas no meio do mato, há uma história de superação e pioneirismo.

Este Guia, elaborado no âmbito do Grande Projeto Missões, do sítio tombado pelo IPHAN e integrante do Parque Histórico Nacional das Missões, é uma contribuição para valorizar a nossa história e auxiliar na divulgação da obra transformadora realizada pelos jesuítas e guaranis. Lembrando que é uma obra de voluntários apaixonados pelas Missões, pois a causa é nobre.

Álvaro Medeiros de Farias Theisen